

Arrebata-me!



SILVANA BARBOSA



SÉRIE LIBERTINOS • LIVRO 4



Silvana Barbosa

Arrebata-me!

Sumário

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

Epílogo

Capa de Néli Rubia

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98, é proibida a reprodução e comercialização desta obra sem a prévia autorização da autora.

As amigas pediram um livro para o Jake. Não, ele não ganharia uma história inicialmente. Mas o advogado libertino, melhor amigo de Tristan Smith, roubou as cenas sempre que aparecia, e roubou também o coração de muitas leitoras. E fiquei pensando... Por que não? O moço merecia! Então Jake Rae Cunningham recebeu mais contornos, e sua história começou a ser pensada. O que fazer para ele? Eu não sabia por onde começar. Até que um dia acordei com uma ideia na cabeça! E se Jake, que não ia receber nada, ficasse com a mais divertida aventura de toda a série? Se sua trama fosse a que recebesse mais elementos que compõem um tradicional romance de época, com uma mocinha órfã inocente e necessitada de ajuda, e um vilão que ficasse como sombra à espreita? E se o vilão fosse um sheik? E se a mocinha tivesse uma tia preocupada e uma adorável madrinha? E se houvesse uma longa viagem?

E se tudo isso fosse chacoalhado e virado pelo avesso?

Desejo muito que o resultado agrade e deixe seus corações aos pulos. No melhor sentido de todos.

Glinda, Maria Sandra, Maria Celeste, Jane, Suelen, Jessica, Jade e todas mais que pediram, este livro é para vocês!

Capítulo 1

O passado sempre voltava.

Não importava o qual diferente você se tornara, ou quanto tempo passara...

O que você havia feito, fosse bom ou mau, sempre batia à sua porta quando já se esperava que houvesse caído no esquecimento.

Quando já se esperava estar livre.

Sim, o passado sempre voltava.

Jake não acreditava nisso até o momento que recebera uma carta de lady Amanda Price. Olhou o papel em suas mãos mais uma vez e voltou alguns anos em sua memória...

Ele e o melhor amigo, Tristan Smith, estavam vivendo a melhor época de suas vidas, aproveitando uma temporada excepcional – ou assim pensavam, então – em que suas noites eram apenas diversão, repletas de saraus, jantares e bailes, sempre arrematados com flertes e aventuras amorosas, e troca de pares com a mesma facilidade de uma troca de luvas.

Tinham seu lugar na sociedade, seu nome na boca das matronas, sua posição de libertinos bem garantida. Eram, definitivamente, considerados um risco à pureza de qualquer dama casta.

Já se falava deles o suficiente na época em que as irmãs Wallace invadiram suas vidas. Quando o burburinho começou, Jake não levou a sério. Afinal, era Jake Rae Cunningham, rico, de renomada e tradicional família, sobrinho de um duque e com vários membros da nobreza como parentes e amigos. Como se isto fosse pouco, seu pai, Gabriel Cunningham, era o melhor e mais astuto advogado do Reino Unido. Eram respeitados. Temidos até.

Ninguém se atreveria a inventar mentiras sobre alguém como ele. Riu-se dos comentários que se fazia: de que ele e Tristan haviam seduzido as duas irmãs, jovens inocentes de boa estirpe. Negou, obviamente, porque não haviam feito nada daquilo. Tristan mostrou-se preocupado, temendo que o disse-me-disse tomasse maiores proporções. Jake apaziguou-o: Se não haviam feito o que se comentava, não havia também o que se preocupar.

Jake estava errado.

Em apenas três dias suas vidas viraram de cabeça para baixo.

A família Wallace queria retratação.

E a retratação exigida era que dois matrimônios acontecessem de imediato.

O senhor Cunningham tomou para si a defesa do filho, e também a de Tristan. Os Smith tinham muitos ramos em seu tronco familiar: aristocratas, sócios da Companhia das Índias, empresários poderosos. Tristan, mesmo sendo bem jovem e herdeiro de um baronato, já obtinha sucesso com uma rede de tabacarias e confeitarias. Um partido ainda melhor que Jake, portanto. Era difícil, entretanto, defendê-lo, graças ao seu comportamento. E o mesmo se dava com Jake.

Todos não sabiam que os rapazes eram mesmo libertinos? O que se poderia esperar deles?

Jake não mais ria dos comentários que se faziam sobre ele, nem debochava dos murmúrios

quando ele passava. Quando algumas pessoas de seu círculo começaram a virar o rosto em sua presença, sentiu a dor do rechaçamento, e da vergonha, mesmo sendo inocente das acusações. Aparentemente todos julgavam culpado a ele e seu amigo, e esperavam que tomassem logo uma atitude honrada quanto às irmãs a quem haviam desvirtuado.

Os Wallace estavam transtornados em sua indignação. Falou-se em gravidez, escândalo, honra, ou a falta dela, e por fim, no nome de Guilherme IV.

O pai de Jake não podia mais conter o problema, e estava prestes a aceitar a derrota e obrigar tanto seu filho, quanto Tristan, a casarem-se com as moças, que os acusavam de sedução, antes que o monarca do Reino Unido os obrigassem a fazê-lo, trazendo mais vergonha às famílias envolvidas, quando uma parenta das donzelas ofendidas veio procurá-los. Lady Price detinha nas mãos o poder de inocentar os dois rapazes, e foi o que fez. Contou, mesmo sabendo que isto a afastaria definitivamente da família, que o que se estava dizendo era uma mentira deslavada, e que o responsável pela situação vexatória das senhoritas era um primo delas. O mesmo homem, o indecente.

– Família horrenda – queixou-se lady Price. – Não quero mais nada com esta gente inescrupulosa e sem moral. As garotas mentem, a mãe delas as encobre, e suspeito que inclusive o pai saiba disso.

Não foi preciso muito mais para que o advogado Gabriel, inteligente como era, manipulasse as coisas de forma que a retratação viesse da parte dos Wallace. As moças foram casadas às pressas, uma delas com o primo aliciador, a outra com um clérigo que se prestou a trocar favores para obter uma paróquia. O escândalo então foi abafado de forma surpreendentemente breve e limpa, e os dois jovens libertinos, Tristan e Jake, viram-se salvos de um compromisso indesejado.

O alívio havia sido imenso.

E no calor do momento, cheio de alegria por ver sua liberdade garantida e sua honra recuperada, mesmo que não de forma completa, Jake havia prometido à Amanda Price que lhe seria eternamente grato pela ajuda, e que se um dia precisasse de um favor, poderia cobrá-lo, pois Jake Rae a atenderia sem pestanejar.

O momento da cobrança chegara agora.

Aproximadamente quatro anos depois da promessa feita.

Capítulo 2

Lady Price ainda estava um pouco surpresa.

– Senhor Cunningham. O filho.

Jake sorriu, sem muito humor.

– Sim, senhora. E a seu serviço.

A dama sacudiu a cabeça.

– Mas... Senhor Cunningham... Talvez... Talvez eu não tenha sido clara o suficiente quando redigi minha carta. Eu solicitei que o senhor me ajudasse a intermediar... Bem, eu precisava da ajuda de seu pai, o senhor Cunningham, o pai.

Jake havia entendido perfeitamente. Ainda mais quando a senhora frisava, a cada frase, a diferença entre o Cunningham pai, e o Cunningham filho. Mas o Cunningham, pai, estava extremamente atarefado com um caso importante de Sua Majestade, o rei. Não poderia largar tudo para viajar ao campo, mesmo que fosse para ajudar uma pessoa que lhe havia ajudado antes. E como o senhor Gabriel havia falado ao filho: quem devia o favor não era ele, Gabriel, e sim, o próprio Jake. Então, que resolvesse a questão, e pronto. Ele, filho.

Esforçou-se para ser paciente, e não reclamar da longa viagem até o campo, para atender uma pessoa que parecia insatisfeita com sua presença. Prosseguiu:

– Sim, e como expliquei, ele está cuidando de um caso para o Governo, e não pode se ausentar de Londres no momento. Evidentemente, assim que estiver com a questão resolvida, poderá vir e servi-la a contento.

Jake esperava resolver o que fosse junto à lady Price, e partir de volta a Londres o mais rápido possível, mas não podia forçar a dama a aceitar sua ajuda no lugar do pai.

– Oh, senhor Cunningham filho, longe de mim querer parecer mais importante que o nosso rei, mas não posso esperar que o senhor Cunningham pai se desincumba de suas funções para só depois vir em minha humilde morada.

Jake quase riu. Não havia nada de humilde na morada de lady Price. A residência era grande e bela, bem situada em meio à extensa área verde. A construção em estilo grego destacava-se à distância, com seu branco imaculado por fora. Em seu interior, desde a mobília de primeira qualidade, até os veludos de tons discretos das cortinas, tudo demonstrava que os Price estavam bem de vida, mesmo que não exibissem opulência.

– Compreendo. Se tem pressa, então deve confiar em mim para que a ajude, lady Price. Deve se recordar que tenho formação. Mesmo que alguns anos atrás ainda não seguisse firmemente a carreira, já era advogado. Com o tempo adquiri experiência e posso garantir que estou qualificado para defender seus interesses mesmo diante de uma questão difícil.

A senhora riu.

– Meu caro, preciso menos dos serviços de um advogado e mais os sentidos alertas, a inteligência

e a argúcia do homem atrás do cargo. Sei que o senhor seu pai tem isto.

Sim, e ele também possuía estes talentos. O ofendia um pouco que ela pensasse que não. E começava a impacientá-lo. Desejava pagar sua dívida, mas parecia complicado fazer isto.

– Se for este o caso, então garanto-lhe que posso suprir suas necessidades. Deseja um aconselhamento?

Lady Price torceu ligeiramente os lábios:

– Não exatamente...

– Lady Price, sinta-se à vontade para contar-me o que a aflige. Não divulgarei seus segredos, e a ajudarei a resolver o problema.

– É coisa muito séria, meu bom rapaz.

O olhar dela, azul e límpido, estava fixo no jovem advogado. Jake sabia que lady Price não tinha nem quinze anos a mais que ele, porém sua expressão era de uma matrona que avaliava um menino travesso. Isto despertou ainda mais seu orgulho, já meio abalado com a recusa dela em aceitar seu auxílio, em lugar de seu pai.

– Dou-lhe minha palavra que a ajudarei da melhor forma.

Ela ergueu as sobrancelhas diante da ênfase daquelas palavras.

– Está certo, senhor Cunningham.

Filho, ele completou em pensamento.

Mas a dama não enfatizou a diferença desta vez. Ao invés disso tamborilou os dedos no braço da cadeira onde estava e desviou o olhar, puxando uma campainha pendurada ao seu lado, que logo fez surgir uma criada em uniforme engomado.

– Constance, querida, peça que Lady Vere junte-se a mim e ao senhor Cunningham.

A criada fez uma pequena mesura e rapidamente afastou-se, para fazer o que lhe era pedido.

Com um suspiro, lady Price voltou a encarar Jake.

– Lady Vere é minha mãe.

– Então seu problema relaciona-se a ela?

– De uma certa forma, sim.

Lady Vere entrou na sala e o ambiente imediatamente pareceu mais acolhedor. Era uma senhora um tanto larga, alta e sorridente, com olhos bondosos e inteligentes, e sorriso doce. Foram apresentados, e assentaram-se. As duas mulheres entreolharam-se, cúmplices e tensas, indicando a Jake que estavam prestes a compartilhar um segredo que não lhes agradava muito.

– Vou lhe contar todo o meu problema, ou toda a história, melhor dizendo, senhor Jake Cunningham. E como deu sua palavra que me ajudará, conto com isto, e mais ainda, com sua discrição. A partir de agora, a responsabilidade que me cabe também é sua. Não haverá retorno em sua promessa.

Capítulo 3

Jake ainda estava surpreso com a reviravolta dos acontecimentos. Ou não exatamente com a reviravolta, já que não conhecia o verdadeiro teor ou razão para sua vinda até Derby, mas certamente não esperava nada daquilo de que lhe foi dito.

Porque o que lhe havia sido contado assemelhava-se em muito com um daqueles romances que as damas gostavam de ler – e ele mesmo já havia folheado algumas vezes, graças à sua mãe, suas tias e sua prima Suzanne – uma daquelas histórias cheias de aventuras e paixões improváveis, passadas no Marrocos, Marrakesh, ou qualquer coisa que o valesse, lá pelas bandas do mar Mediterrâneo, com homens usando turbantes, mulheres envoltas em véus transparentes e coloridos, passando por um drama sem fim, cercados por tendas e um fundo de calor escaldante. Ah, sim, parecia mesmo. O que sucedia, resumindo a grosso modo, era que lady Vere era madrinha da filha de um cavalheiro inglês, senhor Elijah Stewart, que havia partido para a Arábia para transmitir ensinamentos ingleses em terras distantes, com sua família. Pouco tempo após chegarem às terras remotas, a esposa contraiu uma doença que a levou a falecer. O cavalheiro continuou seu trabalho como professor ainda por vários anos, habituando-se com os costumes e tradições locais, educando sua filha a seguir-lhe os passos como instrutora, até ser picado por uma serpente venenosa. O pobre homem definhou rápido, mas teve tempo suficiente de providenciar o envio de uma correspondência para a velha amiga, avisando que precisaria deixar a filha, Amber, a seus cuidados em breve.

O lugar não era adequado para uma jovem solteira viver sem parentes ou tutores para prestar-lhe proteção, mesmo tendo várias famílias amigas em torno, e criados fiéis em sua residência. A moça não queria afastar-se da terra que conhecia como sua, abandonar seu lar, nem deixar seus afazeres como instrutora para crianças, mas algumas situações inconvenientes começaram a se dar graças à sua condição vulnerável. A gota d'água aconteceu quando o sheik da cidade começou a mostrar interesse na senhorita Stewart.

Temendo o habitual sequestro praticado por alguns líderes árabes para agregar mulheres bonitas a seus haréns, os servos de confiança da família inglesa providenciaram a retirada rápida e sigilosa da jovem ama das terras orientais.

Jake compreendia que era necessário, imperioso até, que a mocinha inglesa fosse afastada do perigo e da barbaridade árabe o quanto antes. Ouvira falar coisas terríveis sobre os países além da Europa. O que levava um homem a expor sua família aos perigos que o Oriente apresentava, com seus hábitos exóticos, religiões pagãs, cultura que subjugava e acorrentava mulheres e inimigos? Jake não se considerava um homem preconceituoso, mas não podia deixar de torcer o nariz para pessoas que aceitavam de bom grado viver entre estes povos estranhos. E o sheik que cobiçava uma garota órfã? Não precisava ver-lhe para saber que era um velho decrépito e perverso. E a senhorita Amber devia ser uma beldade, para atrair a atenção de um homem que certamente teria já dezenas de mulheres em seu harém. Isto sim era ser canalha! E ainda se falava que ele, Jake, era um canalha por ser libertino! Rá! Pelo menos ele não escravizava mulheres, muito menos mantinha um bando delas em casa, apenas para seu

bel-prazer. Não, nada disso. Jake podia ser considerado um libertino, sim, como vários de seus amigos eram, mas sabia muito bem onde e quando parar, quais limites haviam, e principalmente, quais mulheres devia abordar, e quais delas poderia usar sem prejuízo para si mesmo, ou mesmo para elas próprias. Tudo sem dano. Nunca, nunca se envolvia com as virgens! Deus o livrasse de fazer a tolice de seduzir uma dama de família. Porque se fizesse isto, saberia ter agido de modo inadequado, e sua consciência não o deixaria em paz. Então teria que casar-se! E isto não o faria nunca. Ou, pelo menos, não tão cedo. Balançou a cabeça, afastando os pensamentos de si mesmo, e voltou sua atenção às senhoras diante dele.

– Bem, então necessitam providenciar os trâmites para que a senhorita receba seus bens que ficaram em terras estrangeiras, e os fundos de quais certamente é a única herdeira, não é mesmo? Farei isto o mais rápido possível. Alguém da criadagem na Arábia deverá ser trazido também?

As duas damas entreolharam-se, e lady Price respondeu ao advogado:

– Oh, sim, claro, precisamos resolver estas questões, e provavelmente a Amber querida deverá saber quais dos criados se interessariam em vir para o Reino Unido e deixar aquele lugar tão quente e problemático, mas... Não foi realmente por causa destes pontos que solicitamos os préstimos de Cunningham & Cunningham.

Claro que não, pensou Jake, mantendo a expressão impassível. Seria muito fácil! Aguardou, então, que lady Price lhe dissesse do que precisava.

– O sheik soube da partida abrupta de Amber – explicou lady Vere.

Jake assentiu. Sim, sendo o líder local, certamente o homem ficaria sabendo de tudo que acontecia a sua volta, mais cedo ou mais tarde, mesmo que fosse um segredo.

– E ele não gostou nada – continuou lady Price.

Lady Vere sacudiu a cabeça, pesarosa.

– O sheik soube para onde nossa menina vinha, e partiu atrás dela. Ele vem buscá-la para morar em seu palácio!

Era um ultraje, pensou Jake, franzindo as sobrancelhas. Como o tal sheik atrevia-se a vir atrás da senhorita Stewart em seu país de origem? Acaso ele pensava que estava em seu quintal? Que poderia fazer o que quisesse com as damas inglesas? Levantou-se, planejando falar com Christian o quanto antes. Não podia evitar que um sheik poderoso entrasse no Reino Unido, nem pretendia causar algum incidente diplomático entre países, mas certamente poderia fazer todo o possível para impedir que o líder árabe se aproximasse daquela casa.

– Providenciarei agora mesmo a segurança para a senhorita Stewart. Meu irmão é coronel de Sua Majestade e tem muito prestígio em sua posição, além de ser um notável estrategista. Falarei com ele e enviará uma guarda especial para velar por sua família e sua afilhada, lady Vere.

– Oh, sim, soubemos sobre seu irmão, que maravilha! E ele agora é pai de gêmeos, pelo que soubemos. Muito justo que se estabelecesse no país, e recebesse as honrarias devidas ao herói que é! Eu disse isso à Amanda. – Sorriu lady Vere, referindo-se à filha.

Jake concordou. Estava satisfeito pelo irmão Christian e a esposa, Luciane. Eles mereciam toda a paz e felicidade que haviam conquistado. Depois de um longo tempo de um noivado imposto, que desagradava ambos, haviam se entendido, e se apaixonado. Era uma grande história, a que viveram. E agora davam prosseguimento a esta história bem assentados numa boa residência em Essex, com seus filhos Anthony e Ivan, pequeninos que já eram o orgulho do tio.

Lady Price pigarreou, interrompendo o fluxo de palavras de sua mãe:

– Senhor Cunningham...

O advogado voltou seu olhar para ela.

– Nós moramos no campo, como pode, obviamente, ver. O local é pacato, nossos criados não

estão habituados ou preparados para lidar com qualquer tipo de violência, o que este povo bárbaro pode tentar fazer se chegar até nós. Agradeço o envio de guardas, mas pensamos que Amber, e todos da casa estaríamos muito mais seguros se a razão da vinda do sheik simplesmente não estivesse aqui.

Jake estreitou os olhos verdes, e tornou a sentar-se.

A anfitriã prosseguiu:

– Nossa Amber tem família na Itália, por parte de mãe. Sua avó, filha de um marquês, se casou com o conde de Florença, Pietro, e tiveram Alessa e Giuliano. Com isso Amber tem vários tios aristocratas, até na República da Veneza. Lá poderão cuidar dela, protegê-la adequadamente, e inclusive impor limites a qualquer admirador mais afoito. E é claro que, embora Elijah desejasse que sua filha estivesse sob nossos cuidados, isto não é o mais correto, já que a jovem ainda tem muitos parentes vivos.

– O senhor Stewart não deixou os parentes italianos como tutores de sua filha? – Jake surpreendeu-se. Se afinal a moça tinha família, por que estava aos cuidados de uma madrinha? Por que não havia sido enviada diretamente para Florença? Ou mesmo Veneza?

– Ele preferiria que Amber recebesse orientação inglesa ao invés de italiana, mas devido às circunstâncias... – murmurou lady Vere – e a relação familiar estava estremecida desde que Alessa casou-se com Elijah sem a devida aprovação de seus pais.

– Mesmo assim desejam enviar a senhorita Stewart à Itália. – Jake afirmou, seco.

– Como eu e minha mãe poderemos cuidar de uma jovem que sofre assédio de um governante bárbaro? Meu esposo, como deve saber, está gravemente enfermo, e faz muito tempo. Não posso nem mesmo me ausentar de casa, temendo que ele faleça durante minha ausência! – exclamou lady Amanda, percebendo a censura no tom de voz do senhor Cunningham.

Jake sabia da doença de lorde Price, sabia qual poderia ser temível enfrentar um líder acostumado com guerrilhas e confrontos, sabia que não devia ser fácil lidar com uma situação de tensão extrema quando não se estava em nada familiarizado a ela, ainda mais por alguém que não fazia parte de fato da sua família. Não pretendia soar severo, mas não pudera evitar. A moça ficara órfã, perdera sua casa, tivera que partir do local que conhecia como lar, e agora que estava entre os seus, precisaria partir novamente? E para outro país? Parecia-lhe demais para qualquer pessoa. Para ambas as partes envolvidas parecia-lhe demais, na verdade. Mas compadecia-se da moça inocente e sofredora que estava no meio deste redemoinho. Uma vítima indefesa e frágil da situação. Coitada. E devia ser realmente um primor de beleza se fazia um governante abandonar cargos e obrigações para segui-la.

Jake passou a mão sobre os cabelos louros, desalinhando-os levemente. Estava sentindo o corpo cansado, e a paciência esvaindo-se. Chegar até Derby fôra uma longa viagem, e já dava como certa a necessidade de passar em Essex, na residência de Chris, antes de voltar para Londres, a fim de colocá-lo a par da chegada do sheik, e quais as intenções do homem em questão. Talvez precisasse seguir de lá para Portsmouth, para conversar com o capitão Alexander Fiennes, irmão de Juliet, sobre a possibilidade de levar a senhorita Stewart em sua próxima viagem à Itália, e só então regressar à Londres. Já pensava como cobriria estes três pontos distantes um do outro de forma mais rápida: Talvez fosse válido fazer uma parte da viagem com a carruagem, e um trecho a cavalo. Ainda bem que estava sozinho, seria mais veloz assim. Seria bom que as duas damas lhe dissessem logo o que tinham em mente para que ele pudesse agir o quanto antes. Procurou manter a voz tranquila ao dirigir-se à lady Amanda mais uma vez:

– Não sei em que mais poderei ajudar, lady Price. Precisam de auxílio para redigir uma mensagem ao conde, explicando toda a situação na qual sua neta foi envolvida?

– Oh, isto também seria ótimo! – exclamou lady Vere – Certamente o senhor tem o dom da palavra e está habituado a lidar com a alta aristocracia, mesmo que a de outra nacionalidade.

– Considere feito. – Ele sorriu.

– E agora podemos ir à razão para que pedisse ajuda, senhor Cunningham? – Lady Price perguntou.

– Sim, por favor. – O jogo de adivinhações o estava matando.

E então a senhora Amanda disse tudo o que precisava.

Capítulo 4

Amber observava a extensa paisagem verde pela janela do quarto. Tudo era tão diferente de sua terra...

Não, interrompeu-se ela, com tristeza. Esta aqui era sua terra, o Reino Unido. Não aonde vivia antes, num território árabe, distante o bastante para que sua língua pátria fosse rara, seus hábitos, considerados exóticos, e sua figura, espantosa. Estava entre dois mundos, na realidade, entre o aqui e o lá. Nem muito de um lado, nem muito do outro.

Uma estranha em ambos.

No entanto, vivera mais da metade de sua vida entre o povo árabe, e era difícil desvincular-se de todo sentimento que tinha em relação àquele lugar. Sentia falta das cores e movimento dos mercados locais, de todo o falatório de comerciantes e compradores, da cantoria de mulheres e homens em festas e rezas, dessas mesmas vozes, unidas ou separadas, em cerimônias cheias de reverência ou em total informalidade, da beleza do deserto, da frieza excessiva da noite, e do calor escaldante do dia... Da imagem grandiosa de suas pradarias e estepes secas, com o céu mais azul que já havia visto, findando de encontro à impressionante profusão de areias quentes que movimentava-se lenta e inexoravelmente ao sabor de um vento que poderia ser brando ou perigoso, e que podia tanto simplesmente refrescar como soprar forte ao ponto de cobrir com bilhões e bilhões de grânulos dourados um oásis inteiro. Parecia que embora o tempo houvesse parado em termos de tradições, lá a vida corria com mais pressa, como se não pudesse parar um segundo que fosse, pois seria engolida pelo calor e o pó que estavam a toda volta, espreitando pessoas e animais, entre a imensidão do mar e dunas sem fim.

Mas era à noite, quando voltava os olhos ao firmamento, e as estrelas incontáveis mostravam que estavam todos sob o mesmo teto afinal, por mais que posições de constelações de brilhos infinitos pudessem lhe fazer parecer que não, quando o silêncio parecia soar mais alto que qualquer grito, e a solidão doía ao ponto de parecer queimar-lhe olhos e entranhas, é que percebia que muito mais do que perder sua nacionalidade, perdera um bem ainda mais valioso, que nunca, jamais, lhe seria repostado nesta vida, nem mesmo se houvesse outra, certamente. Perdera a base, o chão, o apoio, o conforto, a mão de Deus posta na Terra para cuidar-lhe, acariciar-lhe, punir-lhe até, mesmo que ainda brandamente.

Perdera seu pai.

E diferentemente de um país ou local, este jamais reencontraria novamente.

Agora estava só.

A mãe havia partido anos antes, não havia irmãos ou irmãs...

Sim, havia família ainda, mas eles estavam tão distantes em localização quanto em sentimento. Não os conhecia.

Os parentes pelo lado materno não faziam contato, e pelo que sabia, nem a aprovavam, já que era fruto de um casamento não desejado por eles. Sua mãe, Alessa, havia se apaixonado por seu pai, Elijah, quando ele estava na Itália, numa viagem para adquirir conhecimento, já que desde cedo mostrara-se, segundo ele mesmo dizia, sedento por aprender e ensinar. O conde Pietro jamais perdoara a filha por se

casar, alheia à sua vontade, com um estrangeiro. Muito menos um que não fazia parte da alta nobreza.

E por conta desta desavença familiar, e por falta total de laços consanguíneos do lado paterno, estava agora morando com as únicas pessoas com quem os Stewart ainda possuíam ligações que faziam lembrar, ainda que de modo vago, uma unidade familiar.

As senhoras Amanda e Emma, lady Price e lady Vere, respectivamente, a acolheram com muito carinho, numa demonstração de afeto que há muito não recebia, como se Amber fosse afilhada das duas damas, ao invés de ser de apenas uma.

No entanto, algo havia acontecido após sua chegada, pois percebera uma mudança, uma tensão no ar. alguma coisa as preocupava, além da enfermidade do dono da casa, por si só já ruim o bastante.

Habituada a ser ativa e útil, Amber angustiava-se por ser-lhe negada a possibilidade de ajudar, e mesmo ser posta a par do que acontecia. Queriam poupar-lhe, e ao fazerem isto, deixavam-na ainda mais tensa.

Vivendo tanto tempo entre pessoas que valorizavam a observação e a intuição, não era possível que Amber deixasse de pressentir que o que fosse que havia de errado, relacionava-se a ela.

Estava certa. A confirmação viera esta manhã, quando as senhoras lhe contaram que haviam se correspondido com sua avó italiana, e que a condessa Di Olinto e seu esposo, Pietro, estavam interessados em conhecer a neta.

Mais esta!

Levantou-se do banco inserido no oco da janela, e, sem ter muito o que fazer, folheou um dos livros que buscara na biblioteca da casa. Já o havia lido, possuía um igual, que ficara para trás por causa de sua viagem abrupta. Ainda não conseguia entender exatamente por que seus vizinhos e criados insistiram de modo tão taxativo que sua partida precisava acontecer. Sim, era ciente que uma moça sozinha era vulnerável em qualquer lugar que vivesse, mas estava entre amigos, cercada por pessoas que a viram crescer, ou quase isto, já que chegara em terras estrangeiras aos dez anos de idade. Preferia ter ficado lá, mesmo tendo que aumentar suas precauções ao sair de casa, e até ser mais cuidadosa dentro dela. Mas se estava se tornando um estorvo até para a criadagem, então resignou-se. Amber não queria causar problemas. Até porque, em seu íntimo, já sabia que não viveria no Oriente para sempre. Tinha ânsia de conhecimento, e a cidade em que vivia não podia mais suprir isso. E por mais que lhe doesse, como doeu – e ainda doía – afastar-se de seus queridos alunos e amigos, precisava fazê-lo. E se precisava, porque não logo, já que não mais havia os vínculos familiares que a prendiam antes? Aceitara a viagem, e as estranhas condições com que ela acontecera, partindo apenas com poucos pertences, uma criada de origem inglesa, e todo o dinheiro que seu pai lhe deixara. Tudo o mais, já empacotado, seria enviado num outro navio. E enquanto isto precisava contentar-se com a pequena biblioteca de lady Price, e os vestidos horrendos que trouxera, por recomendação de sua governanta. Diziam que no navio deveria ficar invisível, se possível, e ela acataria a ideia. Já precisara fazer isto vezes sem conta ao andar em certas aldeias que recebiam mercadores de escravos, ou quando visitava acampamentos de beduínos, mesmo estando com o pai e com os criados bem armados. Passar incólume entre os homens tornara-se um modo de vida para ela.

Sentou-se na cama e pôs-se a tentar desamassar os óculos de leitura. A peça fora avariada por viajar entre seu diário e sua caixa de jóias. Desistiu, com um suspiro impaciente. Teria que comprar outro. A aborrecia que não pudesse ir às compras, mesmo com a necessidade óbvia de adquirir novas roupas e calçados adequados. Sua madrinha havia lhe pedido paciência, e que logo poderia resolver esta questão. Já estava a quase um mês no país, e nem suas velhas amigas ela havia conseguido visitar! Miranda e Elizabeth foram um grande elo com sua terra natal durante os anos no exterior, e gostaria de revê-las o mais breve possível. Colocou os óculos com a armação amassada e pegou o livro quando uma criada bateu à porta, avisando-lhe que lady Vere solicitava sua presença. Sabendo que nunca recebiam

visitas mesmo, foi atendê-la usando o vestido velho e feio de sempre. As senhoras da casa não se importariam. Além disso, marrom era uma cor que combinava muito com seu humor atual.

Capítulo 5

Havia sido realmente pego de surpresa.

Jake tamborilou os dedos no queixo, enquanto tentava colocar as ideias em ordem e controlar a irritação cada vez mais crescente. Desejava ter podido trocar de lugar com o pai, e deixá-lo resolver com lady Price o que fazer com a senhorita Stewart.

Mas não havia como voltar no tempo, nem como reverter o fato de que ele devia um favor à lady Amanda, e que havia reafirmado sua promessa de ajudá-la ainda nesse mesmo dia. Então agora ele estava com um probleminha nas mãos: se tornara tutor de Amber Stewart. E estava incumbido de acompanhá-la por todo o percurso até o porto e deixá-la sã e salva com seu avô, o conde Pietro Di Olinto. Na Itália.

Que maravilha.

Cuidar de uma garota recém-órfã! E uma que mal devia falar sua língua, e pelo que deduzia, deveria ser algo bem semelhante a um bichinho do campo. Ou do deserto, melhor dizendo. Que desastre! Já era ruim o suficiente aturar moças que tinham pouco ou nada a dizer por meia hora, num baile lotado. Imagine-se ser obrigado a aturar por dias e dias uma delas!

Agora estava esperando a senhorita Amber dar o ar da graça na saleta de lady Price. Jake bufou discretamente. Finalmente conheceria a incrível, a fabulosa, a encantadora juvenzinha que roubou as atenções de um velho sheik do deserto habituado a ter as mulheres mais lindas ao alcance da mão, e com um mínimo de roupas. Pelo menos a curiosidade que se formara diante de tanto rebuliço seria saciada.

Então, no vão, da porta, apareceu uma pessoa.

– Ah, aí está ela! – Sorriu lady Vere. – Venha conhecer nosso renomado amigo advogado, querida! Senhor Jake Rae Cunningham, queira conhecer minha querida afilhada, Amber Stewart.

Jake baixou o olhar da cabeça aos pés da moça, rapidamente. Então repetiu a análise.

Possivelmente fosse a tensão das últimas horas, o cansaço da viagem, a pressão de resolver uma obrigação que não lhe agradava em nada, ou simplesmente o espanto de estar diante de uma mulher de óculos tortos, cabelos arrumados com tranças laterais tão desgrenhadas que ela parecia ter dormido com os cabelos presos assim (por duas noites consecutivas, ao menos), e usando um vestido tão largo e feio que era impossível definir se possuía um corpo gordo ou magro, ou talvez fossem todas estas coisas juntas, mas Jake explodiu numa longa, sonora e bem pouco lisonjeira gargalhada.

As três mulheres ficaram olhando surpreendidas para Jake.

Quando ele finalmente controlou sua risada, virou-se para lady Price:

– Muito engraçado, lady Price.

A dama franziu as sobrancelhas, confusa:

– O que é tão engraçado?

Lady Vere parecia tão confusa quanto sua filha, apenas Amber entendeu claramente o comentário, bem como aquela casquinada um tanto mal educada. Oh, sim, o desdém era uma linguagem universal, e para algumas pessoas francas e simples como as senhoras Amanda e Emma, que não faziam uso desta

forma de tratamento, difícil de reconhecer. Mas uma jovem que vivia em terras estrangeiras conhecia bem. O senhor Jake Rae Cunningham rira dela, achava engraçada sua figura.

O olhar da moça à sua frente fez Jake perceber que não havia brincadeira nenhuma sendo feita às suas custas. Aquela era mesmo Amber Stewart. Havia cometido uma falta e tanto com aquela risada. Mas, anos de experiência em lidar com pessoas o haviam ensinado que algumas vezes era melhor deixar passar algo do que desculpar-se. Muitas vezes tentar consertar algo só piorava tudo.

– Nada, de fato. Apenas supus que estivessem brincando. Engano meu.

Lady Price concedeu-lhe um sorriso breve:

– Oh, não. Estávamos falando sério. Esta é nossa querida Amber, que chegou há poucos dias ao lar.

– Lamento o mal entendido.

Jake fez uma mesura, ao qual Amber não correspondeu. Ele resolveu ser gentil:

– Está gostando de Derby, senhorita?

Amber não respondeu. Ao invés disso devolveu-lhe um olhar vazio.

Ela não compreendia mesmo sua língua?

Resolveu gesticular e falar bem pausadamente, para ser entendido. Talvez, com sinais, ela compreendesse.

– Senhorita Stewart, tem apreciado sua estadia em Derby?

O advogado pontuou a pergunta unindo as mãos, e encarou-a com expectativa.

Nada.

As senhoras olhavam uma para outra, com expressões intrigadas.

Amber moveu levemente a cabeça para o lado, como um passarinho que observava algo interessante.

Jake acreditou que era válido falar alto enquanto fazia nova tentativa, afinal, se precisaria mesmo acompanhar aquela criatura por alguns dias, na verdade várias semanas se fosse seguir para a Península Itálica como seu guardião, não custava tentar o mínimo. Gesticularia, falaria bem devagar, e em voz bem alta. Talvez ela fosse surda.

– ~~See–nho–riiii–ta Steee–waaaa–rt, a see–nhoo–rii–taa ees–tááá...~~

Lady Price fungou alto, e lady Vere levou a mão à boca, num engasgo.

Amber bem lentamente aprumou o corpo, voltando a cabeça à sua posição normal. Deliberadamente aguardou alguns segundos enquanto mantinha Jake atento aos seus movimentos. Então finalmente respondeu:

– Eu não sou surda, senhor Cunningham. E entendo bem sua língua. – Havia um ligeiro tom de tédio em sua voz. – E sim, tenho gostado.

Amber voltou-se às duas damas ao seu lado:

– Se desejavam apenas me apresentar ao seu *renomado amigo advogado*, e já me apresentaram, posso então me retirar?

A madrinha de Amber levou a mão ao peito, um pouco chocada com os modos da afilhada.

– Amber!

Lady Price deu uma risadinha nervosa para o advogado:

– Ela não costuma ser assim. Perdoe-lhe a rispidez. Ainda está abalada com tudo que vem acontecendo...

Jake assentiu, com o maxilar contraído.

– Amber, mostre educação – sua madrinha pediu-lhe.

Amber segurou os dois lados do vestido e abaixou-se numa mesura desengonçada e um sorrisinho tão falso como uma jóia de vidro.

Lady Price pigarreou, um tanto constrangida.

– Minha querida, não se retire ainda. Gostaríamos que também conversasse com o senhor Cunningham.

Amber não estava gostando nada daquilo.

Enquanto isso Jake fitava Amber com olhos estreitados. Ela estava debochando dele?!

– Tenho certeza que não tenho nada para conversar com o senhor Jared Raul Cunningham.

Sim, e ela continuava fazendo! Jake sentiu seu sangue começar a esquentar.

– É Jake Rae Cunningham – ele retrucou.

Amber nem sequer voltou um olhar rápido para ele.

– O senhor Cunningham irá acompanhá-la até a Itália, meu bem. Onde conhecerá a família de sua mãe.

Desta vez Amber voltou o olhar para Jake, logo após uma interjeição que ele desconhecia escapar de sua boca. O olhar dela era horrorizado.

Apesar da expressão dela, Jake sorriu.

Um sorriso do tipo que não mostra os dentes, com um leve levantar de lábios e um olhar satisfeito e malvado.

Amber franziu as sobrancelhas ao encará-lo. O quê? O que ia na cabeça daquele ser?

Ela respondeu assim que se recuperou da surpresa:

– Vim para o Reino Unido com uma dama de companhia. Uma viagem certamente mais longa do que será para Itália, e não tive problemas. Recorda-se, lady Price?

– Já lhe pedi que me chamasse de tia Amanda, querida. – A senhora respondeu, gentil.

– Então, claro, tia Amanda, eu...

A dama levantou a mão, e a jovem calou-se:

– Eu sei que viajou apenas com uma dama de companhia, mas foi um risco, como sempre é, viajar apenas com uma acompanhante feminina. Certamente você terá uma novamente, mas o senhor Cunningham lhe proverá segurança, além de ter todo o desembaraço necessário para resolver trâmites e quaisquer dificuldades pelo caminho.

As senhoras não queriam dizer à Amber que agora havia alguém em seu encalço. Não pretendiam assustá-la contando-lhe sobre o sheik, quando já tinha a mente cheia de dor e preocupação com tudo que havia sido obrigada a deixar para trás. Jake compreendia este ponto, e começava a achar divertido que a senhorita Stewart se mantivesse nesta ignorância, e tentasse entender porque a presença dele estava sendo-lhe imposta. Aquela coisinha antipática iria quebrar a cabeça na tentativa de compreender porque ele precisava estar junto dela durante o percurso até Florença.

– Eu não preciso de um criado, titia.

Foi Jake que olhou Amber com expressão perplexa agora:

– Não serei seu criado!

– Não, claro que não! – Lady Price acudiu, rapidamente.

– E já tenho mais de 21.

Isto era óbvio, pensou Jake, com um ligeiro erguer de sobrancelhas. Esperava encontrar uma moça mais jovem, o que justificaria, mesmo que achasse isto terrível, o interesse obsceno do sheik. Claro, Jake achava que ela seria lindíssima também, o que não era o caso. Nem sequer podia se dizer de Amber Stewart que fosse simpática e meiga o suficiente para atrair um admirador sentimental.

– Ama-seca para mim também não é mais necessário – ela completou, abruptamente.

– Ama-seca?? – berrou Jake.

– Céus, Amber! – balbuciou lady Vere.

– Você não deve realmente precisar de proteção alguma. Se alguém tentar atacá-la, certamente você irá morder a pessoa no pescoço – respondeu Jake, aproximando-se de Amber, ignorando as senhoras em torno deles.

– Senhor Jake! – Lady Price indignou-se.

Amber cerrou os dentes.

– Está me comparando a um cachorro? – Ela pôs as mãos na cintura.

– Parece-me que cabe a comparação.

Jake juntou as mãos a frente do corpo, aguardando a resposta dela.

– Justo. – Ela sorriu.

Por um instante Jake ficou desconcertado. Amber possuía um sorriso bonito, e tinha dentes bem cuidados, numa boca com lábio superior um pouco mais grosso que o inferior. E quando sua boca tornou a fechar-se, ele viu que era o tipo que parecia formar um pequeno bico quando os lábios encostavam um no outro, como prestes a soprar um beijo ou tocar alguma face num estalo doce.

– Sempre me disseram que os advogados tinham vaga cativa no inferno. Porque o senhor não vai para lá ao invés de acompanhar-me à Itália? O diabo vai ficar feliz em encontrar um semelhante – continuou Amber, com a mesma doçura de quem explana sobre os prazeres de uma viagem a Bath.

Jake abriu a boca para responder, dando um passo à frente.

– Chega, mocinha! – Lady Price tinha o rosto vermelho. – Vá para seu quarto, Amber!

– Ou talvez não – replicou a jovem, enquanto encaminhava-se à porta – o diabo não deverá ficar feliz com a concorrência!

– Não fale o nome dele muito alto! Se te escuta a leva para ser sua rainha, formariam o par perfeito! – bradou Jake, indo em direção à Amber.

Amber voltou-se, já com um dedo em riste e fisionomia furiosa.

Lady Price correu até Amber, empurrando-a para que saísse logo da sala, enquanto lady Vere punha-se diante de Jake, obstruindo-lhe a passagem.

– Basta, senhor Cunningham – a senhora repreendeu-o. – O que deu em vocês dois?

– Ela é que começou! – respondeu ele, percebendo, tarde demais, que sua resposta soara como a de uma criança birrenta.

– Ela tem uma desculpa, pobrezinha! Acabou de ficar órfã, está num país estranho e precisará fazer uma longa viagem ao lado de alguém que não conhece. Qual a sua desculpa?

– Também fazer uma longa viagem ao lado de uma pessoa que não conheço? – Ele abriu um sorriso encantador, piscando os belos olhos claros.

Nem as mulheres mais velhas ficavam imunes ao charme de Jake, um dos mais notórios conquistadores do Reino Unido. A senhora Vere acabou sorrindo também:

– Senhor Cunningham!

Ele fez uma mesura galante:

– Me esforçarei para não entrar em mais nenhum atrito com a senhorita Stewart. E serei o mais respeitador e gentil cavalheiro que ela conhecerá, lady Vere.

Jake não podia imaginar que sua promessa seria vã.

– Não vou a lugar algum com este homem horrendo, tia Amanda!

– Horrendo? Minha querida, estes óculos definitivamente precisam ser trocados! O senhor Jake Cunningham é um dos homens mais bonitos que já vi!

Amber percebera. Seria impossível não notar um rosto tão belo, de maxilar forte e maçãs salientes, encimadas por um par de olhos grandes e verdes que pareciam esquadrihar uma pessoa até seu íntimo. Sem contar que ele era louro, um ponto absolutamente encantador para alguém que, como ela, estivera cercada durante quase 15 anos por pessoas de cabelos negros como o xador. Para completar o advogado era alto e de ombros largos, como as mulheres de todas as nacionalidades desejavam num exemplar do sexo masculino.

Mas nada disso o impedia de ser detestável.

– É modo de dizer. Sua alma é horrenda.

– Oh, Amber. Ele não é assim.

Lady Price sacudia a cabeça.

– Até hoje nunca ouvi dizer que se metesse em qualquer discussão com uma mulher. É um cavalheiro, um advogado famoso, e tem um nome a zelar. Não pode imaginar como ele e sua família são preocupados com a integridade e a ética. Certo que ele é um pouquinho... Na verdade... Ahn...

– O que? – indagou Amber – O que ele é?

– Bem... Assim... ele... Ah, não preocupe-se com isto, meu bem. Nas Arábias decerto não se usa este termo, você talvez não compreenda a palavra.

– Tia Amanda, deixei o Reino Unido quando tinha 10 anos de idade. Conheço as palavras em inglês. – Explicou Amber, pacientemente. Ela dava até aulas de inglês, pelo amor de Deus!

Amanda suspirou antes de responder:

– É um libertino, isto é o que ele é. Mas também é um homem responsável e que se incumbirá de cuidar bem de você, pois deu sua palavra de que a manterá em segurança. O comportamento dele fora dos círculos de trabalho não influirá no tratamento dedicado a você, tenho certeza.

Amber não se importava que ele fosse um libertino. Ela continuaria invisível para ele, e ele não lhe pareceria nunca um homem simpático. Mas outro ponto naquela explanação a incomodava.

– Por que eu preciso de um homem para me manter em segurança? Estive cercada de servos a cada vez que saía às ruas do Estado Árabe, e agora, quando penso que poderei usufruir de um pouco de liberdade e paz, encontro-me novamente nesta situação?

– Os caminhos aqui são mais perigosos do que os corredores de um grande navio. E você não conhece a Itália, alguém fluente em italiano, como ele é, será útil para você.

Lady Price respondeu em tom taxativo, e Amber percebeu que não conseguiria demovê-la da ideia de fazer com que Jake Cunningham lhe fizesse companhia na viagem.

Apenas suspirou, desanimada. Como poderia visitar suas amigas antes de partir, para talvez não mais voltar ao Reino Unido, se aquele homem desagradável ficasse em seus calcanhares?

Capítulo 6

Jake havia se demorado mais do que desejara nos preparativos para a viagem até a Itália. Também despachara mensagens para Christian e Alexander, solicitando sua ajuda para o caso de Amber Stewart. Com o máximo de discrição possível o coronel Christian enviara guardas para proteger a residência dos Price, e uma escolta que acompanharia Jake e Amber em todo seu percurso. O Capitão Alexander Fiennes providenciou bilhetes e acomodações adequadas para passageiros extras, e os aguardava numa data já estabelecida para embarque. Jake também enviara correspondência para o responsável pelos bens dos Stewart que foram deixados para trás e precisariam ser vendidos. A herdeira receberia os valores correspondentes ao lucro através de uma conta que Jake abriu. Ela possivelmente ficaria bem financeiramente se não fosse dada à excentricidades ou gastos excessivos. Era certo que precisaria providenciar um guarda-roupa novo, com urgência. Suas roupas eram um desastre, sem falar naqueles óculos grandes e desajeitados. Jake ainda estava intrigado com o fato de tal figura virar a cabeça de um homem que tinha mulheres dos mais variados tipos à sua disposição num harém.

De fato isto havia tomado parte da maioria dos seus pensamentos durante os últimos dias.

Só podia ser pelo desafio.

Sim, ele queria dobrar Amber Stewart.

Fazê-la perder aquele olhar de desprezo e calar suas palavras hostis.

Oh, sim, ele queria.

Vê-la calada e submissa.

Certamente.

E fazê-la pedir desculpas por sua grosseria.

Sim, queria muito isto.

O sheik, claro.

Enquanto a carruagem seguia a estrada principal de Derby, Jake observava os homens pelo caminho, tentando reconhecer quais eram os enviados de Christian. A seu pedido não usavam farda, e estavam espalhados próximos ao percurso que levava à casa em que Amber estava hospedada. Desse modo a guarda não geraria pânico para os moradores, e nem permitiriam que o sheik, se os visse, traçasse algum plano mirabolante ou cruel para pôr as mãos em sua presa. Felizmente ele, a moça, e sua criada, estariam de partida no dia seguinte, tomando um rumo inesperado para o árabe perseguidor.

Foi um alívio chegar à magnífica residência dos Price, com seu estilo arquitetônico reto e exato, e sua brancura plácida circundada pelo viço das plantas bem cuidadas. Observando de seu ponto de vista, parecia tudo pacífico e no lugar certo. Que bom. Precisava de um pouco de paz e tranquilidade antes de partir para uma nova cruzada. Poderia descansar um pouco, se pudesse evitar a presença da irritante Amber Stewart.

Estava absorto em seus pensamentos, já planejando contatar o ferreiro, antigo tenente da companhia de Christian em Portugal, para que ele acionasse os homens que fariam sua escolta até Southsea, e nem percebeu que lady Price o esperava à porta da casa.

– Oh, senhor Cunningham...

Uma pontada de ansiedade o havia atingido ao ver a dama à sua espera. Agora seu tom de voz angustiado lhe dizia que algo de ruim havia mesmo acontecido. Lorde Price teria falecido? O pobre homem estava há bastante tempo acamado, e sequer pôde participar das negociações sobre o futuro de sua jovem hóspede.

Antes mesmo que indagasse sobre o que afligia a senhora, ela choramingou:

– Amber fugiu!

Ia esganá-la!

Fritá-la em óleo fervente!

Pendurá-la pelos pés e depois açoitá-la!

Jake ia imaginando mil coisas que faria com Amber assim que pusesse as mãos nela. Fazia isto para distrair-se das coisas ruins que realmente poderiam acontecer se fosse o sheik a pôr as mãos nela!

Atrevida como era, poderia sofrer todas as coisas que Jake pensava em fazer, mas que não se concretizariam nunca sendo ele a achá-la primeiro. Jake sacudiu a cabeça, enquanto golpeava o cavalo em louca disparada.

Havia indagado insistentemente às donas da casa quais seriam os possíveis destinos da fugitiva, e chegaram ao consenso que a maior probabilidade era de que tivesse ido visitar suas amigas de infância. Ela deixara um recado avisando que regressaria, mas não imaginava que seu percurso poderia ser interrompido de forma abrupta, e até violenta. Evidentemente suas amigas não moravam em Derby. Quando perguntou aonde as tais moças viviam, esteve perto de um ataque apoplético ao ouvir que era em Suffolk.

Sem a menor cerimônia, invadiu o quarto da filha de Elijah Stewart, e remexeu em suas coisas até encontrar as cartas que pareciam ser das amigas inglesas.

Deteve-se um instante olhando os papéis em suas mãos.

Não foi pelo olhar assustado de lady Price, nem por causa do semblante indignado de lady Vere, ao vê-lo atrever-se a macular os pertences de sua afilhada, mas por si mesmo.

Não tinha intimidade nenhuma com a órfã Stewart. Nem planejava ter. Ela era apenas um trabalho, uma obrigação a ele imposta, um caso desagradável a se resolver.

Que direito, entretanto, tinha ele de revirar suas coisas, ler sua correspondência, de invadir sua privacidade, tocando nos poucos objetos que ela havia podido carregar consigo?

Por alguns instantes tornou a apiedar-se da moça que havia perdido tudo e agora estava à mercê de terceiros.

Ele era um destes terceiros.

Recebera a incumbência de cuidar dela, e o faria contra a vontade da própria Amber.

Isto era tudo.

Sua incumbência.

E como advogado sabia que muitas vezes os sentimentos tinham que ficar de lado, para que a voz da razão pudesse atuar e fazer o melhor.

Com um suspiro resignado Jake desatou os nós que envolviam as preciosas cartas pertencentes a uma pessoa que tinha tão poucos a estimar, que guardava missivas de mais de dez anos como se fossem tesouros valiosos. Talvez fossem, e ele seria cuidadoso em seu manuseio.

Depois de ler alguns papéis, e conseguir a informação que procurava, tornou a atar o maço, com precisão, imitando os nós e laços que a dona dos documentos fizera. Guardou-os no mesmo local em que os achara, e voltou sua atenção às mulheres que o olhavam tão intensamente.

– Ela foi para Northamptonshire.

Estava aliviado que não fosse tão longe quanto Suffolk, mas ainda assim era outro condado, uma viagem que levaria tempo para ser concluída.

Como ela poderia ter partido para um lugar tão distante a pé?

Refez em sua cabeça tudo que escutara dos criados da mansão.

Um cavalo havia sumido. Não precisou ser adivinho para perceber que era o melhor cavalo da estrebaria, o que o lorde usava em suas caçadas e corridas.

Um dos homens disse que Ernest, funcionário da pousada que havia na vila, cruzara com um cavaleiro na estrada, ao amanhecer. Ernest pensara ter achado o cavalo do homem, com uma grande mancha na cara, familiar. O cavalo tinha uma grande mancha na cara, não o cavaleiro, frisara bem o criado. Era o animal desaparecido, sem dúvida, disseram os cavaleiros. Mas como estava sendo montado por um homem? Havia este vilão atacado a senhorita Stewart e roubado seu meio de transporte? A resposta era mais simples do que isto.

O cavaleiro usava óculos? Chapéu? Roupas largas?

Sim. Sim. Sim.

Garota dos diabos!

Ela pusera roupas masculinas, prendera os cabelos, usara os malditos óculos tortos e seguira seu caminho à luz do dia, sem grandes preocupações.

E agora era Jake quem seguia em carreira desabalada atrás dela! E sozinho!

Nem tivera tempo de avisar aos guardas de Christian o que acontecera. E eles, como não imaginavam que deveriam ficar atentos a quem saísse de Derby, e não somente a quem entrava, nem prestaram atenção quando ela passara.

Amber havia partido dois dias antes, o que já lhe dera distância suficiente, e aumentara o perigo que corria. Não podia perder muito tempo preparando-se para segui-la. Rabiscou um recado para o ex-tenente entregar ao líder da guarda de Christian, pediu que lhe preparassem um pequeno farnel, e montou num cavalo que imaginava poder vencer uma boa distância rapidamente. Quando o animal cansasse, o trocaria para seguir viagem.

Capítulo 7

Amber não esperava que o senhor Cunningham fosse atrás dela. Havia pensado, mas sem dar muita importância ao caso, que talvez um ou dois criados surgissem para escoltá-la de volta ao lar dos Price, quando concluísse sua visita, não que um homem irritado viesse bater à porta de suas amigas.

Miranda havia ficado viúva no inverno passado, e esta era mais uma razão para que Amber quisesse tanto visitá-la. Quantos anos havia ficado fora, longe destas amigas tão queridas? Não era justo que pelo menos, agora, enquanto estava no Reino Unido, viesse visitá-la? Ficara muito infeliz quando sua madrinha lhe dissera que não poderia fazer esta visita. Explicaram-lhe que poderia deixar este encontro para outra oportunidade, quando regressasse da Itália. Amber não sabia se um dia regressaria de lá. Já chegara a um ponto de sua vida, após ter seu rumo mudado mais vezes do que a direção do vento, em que fazer planos a longo prazo não valiam a pena, e só traziam mais sofrimento. Então decidira partir ao encontro de Miranda e de sua irmã Elizabeth, que havia ido morar com ela em Northampton. Podia ser pior, antes elas viviam em Suffolk.

Ela gostaria de poder mostrar-se tão desafiadora quanto fora alguns dias antes, na sala de visitas da tia Amanda, mas agora as circunstâncias eram outras. Então, ao receber a notícia de que o advogado chegara e estava à espera dela, resignou-se e desceu as escadas para enfrentá-lo de modo que não causasse incômodo às suas queridas anfitriãs. Seria bem educada desta vez.

Agora que chegara à casa de Miranda Wiggs, e confirmara o fato da senhorita Stewart estar sã e salva entre as amigas, bastante de sua fúria arrefecera. E como a dona da casa e sua irmã, Elizabeth, usavam negro, ele logo deduziu que estavam de luto.

Então esta era mais uma razão para que Amber fizesse tanta questão de rever as antigas companheiras de infância. Estavam em situações semelhantes, algum ente querido lhes faltara, e elas prestavam apoio umas às outras. Jake solidarizara-se com isto. E, em consideração ao luto que o trio enfrentava, seria cortês com a diabinha Stewart.

Entabulava uma conversa amena com as anfitriãs quando ouviu uma voz suave cumprimentá-lo.

– Boa tarde, senhor Cunningham.

Jake voltou-se em direção à voz. Já havia demonstrado surpresa diante dela uma vez, com péssimos resultados, portanto preparara-se para enfrentá-la agora, pronto para conter qualquer reação negativa. No entanto, não levantou-se de imediato. Ao invés, encarou Amber.

Levou alguns segundos para ocultar seu assombro e ergueu-se, numa medida discreta.

– Senhorita Stewart.

Ela não estava usando um vestido tão feio quanto o anterior. Embora o cinza-escuro não a favorecesse, assentava-lhe melhor que o outro, permitindo notar que tinha, sim, curvas. Continuava com

os óculos tortos, mas havia desta vez uma grande diferença em sua figura: Seus cabelos não estavam com as horrendas tranças desgrenhadas. No lugar delas a senhorita havia arrumado as madeixas num penteado que as mantinham parcialmente presas no alto da cabeça, permitindo que em sua maioria descessem soltas como uma massa gloriosa de fios que findavam em cachos escuros e luxuriantes, estendidos até sua cintura.

Jake nunca havia visto coisa mais linda em sua vida.

Alguns fios cobriam-lhe o seio esquerdo, atraindo o olhar e a admiração ainda mais intensamente.

Jake deu um passo à frente, ansiando tocar aquela seda negra tão atrativa. Conteve-se, pasmo consigo mesmo. O que estava querendo fazer?

Ela deu-lhe um sorriso brando.

– Não planejava preocupar ninguém, senhor Cunningham. Eu deixei um recado avisando que retornaria.

– Sei disso.

Jake aguardou que Amber sentasse para então fazer o mesmo.

– Não compreendo então porque minha madrinha e tia Amanda pediram que viesse atrás de mim.

– Elas estavam preocupadas. Partiu sem companhia... – Jake explicou, com entonação pacificadora.

– Bem, creio que posso entender a preocupação, mas como pode constatar, estou bem, e em segurança, com minhas amigas.

Miranda e Elizabeth sorriram, assentindo.

– Estamos muito felizes com a visita de Amber.

– E muito honradas pela consideração que ela teve em vir nos visitar antes de seguir para a Itália.

Jake sorriu amigavelmente para as duas amigas de Amber.

– Tenho certeza que sim.

Amber percebeu, com uma ponta de contrariedade, que ambas irmãs coraram e baixaram o rosto, diante do sorriso do advogado. Que descarado era, flertando com suas amigas!

– Então pode regressar tranquilo, senhor Cunningham, e fazer a gentileza de avisar à minha madrinha e titia que estou muito bem, obrigada, e voltarei para casa muito em breve.

Jake sacudiu levemente a cabeça, com um sorriso tênue nos lábios marcantes. Amber ficou alguns segundos apenas analisando o formato daquela boca antes que ele respondesse num tom tranquilo:

– Isso não será possível.

– Como?

– Sua viagem está marcada, senhorita Stewart. Não podemos nos dar ao luxo de viajar de um condado para outro apenas para dar recados tranquilizadores quando temos prazo para chegar a Portsmouth.

– Então... O senhor pretende me escoltar?

– Para Portsmouth, como disse. E de lá...

Ela ergueu a mão, impedindo-o de prosseguir:

– Espere! Não poderei voltar à casa da madrinha para pegar minhas coisas ou despedir-me?

– Suas coisas serão devidamente embaladas e enviadas para nós. Quanto à despedida, lamento, mas não acontecerá.

– Não tem poder de decidir isso! – Ergueu-se.

– Tenho. O navio não nos esperará, senhorita Stewart. Eu realmente lamento que não possa retornar à Derby a esta altura, porém teve chance de falar com elas pessoalmente alguns dias atrás, e

preferiu partir sorrateiramente.

– Sorrateiramente? – Amber repetiu a palavra, sentindo a indignação crescente em seu peito.

– Tem alguma palavra melhor?

Não. Infelizmente, não tinha. Mas não imaginava que sua visita às amigas lhe custaria a despedida das pessoas que a haviam acolhido e apoiado, quando esteve angustiada demais por sua sorte. Sua demonstração de rebeldia e independência gerara consequências inesperadas.

– Não precisa ser irônico.

– Não estou sendo. De verdade. Sente-se, por favor, senhorita Stewart.

Amber sentou-se, desanimada. Sentiu os olhos doerem, e lágrimas surgindo neles. Aprisionou-as com força, tanta que seu estômago contraiu-se. Preferia que o advogado estivesse sendo debochado ou arrogante, para direcionar sua ira contra ele, ao invés de sentir apenas tristeza ou impotência. Estava cansada desta sensação. A vivenciara por demais nas semanas que antecederam sua partida do Oriente. E desde que conhecera Jake Cunningham este sentimento opressor vinha como variações de maré, enchendo-lhe e esvaziando-lhe o peito de indignação e receio.

– Por que tudo isso? Por que toda esta pressa de que eu viaje para a Itália? O que meus parentes e minha madrinha pretendem com isso?

– Apenas protegê-la, só isso.

Amber desconfiava de algo mais. Toda aquela agitação. E pressa. Antes a madrinha e sua filha queriam que ela ficasse no Reino Unido. Subitamente decidiram que este reencontro familiar com seu lado napolitanourgia.

Jake acomodou-se melhor, apoiando o cotovelo no braço da cadeira, e colocando a mão no queixo, numa postura indolente, enquanto observava a afilhada de lady Vere procurar ocultar toda a sua angústia. Embora ela fosse a razão de todo seu aborrecimento e correria nos dias anteriores, não lhe agradava vê-la tão infeliz. Compreendia que ela desejasse apenas rever suas amigas, sem medir consequências. Questionava se realmente era melhor deixá-la na ignorância quanto ao que acontecia à sua volta.

– Quando precisarão partir? – Elizabeth interrompeu o silêncio pesado. – Não imediatamente, por favor.

– Na verdade, sim, precisaríamos ir o mais rápido possível.

Miranda e Elizabeth uniram-se num protesto:

– Não! Por favor, senhor, não tão rápido!

– Temos um jantar entre amigos hoje, esperamos que junte-se a nós, senhor Cunningham.

– Senhoras, eu realmente... – Jake iria dizer não. Mas seu olhar voltou-se para Amber. Ela estava fitando-o com uma expressão que ele reconhecia de várias salas de tribunais, por mais que procurasse esconder. Aquele olhar expectante era típico de quem aguardava uma decisão para então poder contestá-la, fosse com uma defesa ou uma acusação. A moça já havia perdido uma batalha em relação ao retorno e despedida dos moradores da casa em Derby, porque não deixá-la vencer pelo menos esta outra contenda? Algumas horas perdidas não fariam muita diferença, mas os dias corridos entre o ir e vir de uma cidade para outra, sim.

– Por favor, permita-nos mais uma noite na companhia de nossa amiga.

Jake olhou de uma moça para outra, calmamente. Nada como um pouco de expectativa para prender a atenção de um júri, pensou consigo mesmo. Concedeu-lhes um meio sorriso antes da resposta:

– Está bem. Já está um pouco tarde, mesmo. Partiremos pela manhã.

As irmãs bateram palmas, sorridentes e agradecidas.

– A sua generosidade não tem limites, senhor Cunningham – replicou Amber.

Jake não pôde deixar de achar graça. A diabinha Stewart precisava ter a última palavra.

– Fico feliz em satisfazer os desejos das damas, senhorita Amber.

– Ah, eu tenho certeza que sim! – Amber olhou para o teto.

– Tem mesmo? – O tom de voz, insinuante, fez Amber voltar sua atenção ao advogado. O que era agora? Ele estava pensando...?

– Não desse modo!

– E de qual modo estamos falando?

Elizabeth e Miranda deslizaram para a ponta do sofá que ocupavam, atentas ao diálogo de Amber e o senhor Jake.

Amber abriu a boca, mas fechou-a batendo os dentes antes de reabri-la para responder-lhe.

– Do modo como um libertino pensa.

– Do modo como um libertino pensa o que? – Jake estava achando a conversa estimulante. Uniu as mãos, batendo as pontas dos dedos em seus lábios – Esclareça-me, senhorita Amber.

Ela sabia que ele a estava provocando. Sentia escorregar para uma armadilha, mas não podia deixá-lo sair incólume diante de Miranda e Elizabeth. Elas não podiam ficar achando que aquele homem era um cavalheiro gentil e benevolente. Precisava reverter isso.

– Como o libertino que sei que é, não necessita que lhe esclareça nada a respeito de desejos femininos!

Jake virou-se para as anfitriãs:

– Estou pasmo com o teor dessa conversa. Peço mil perdões pelo discurso inadequado da senhorita Amber. O lugar de onde ela veio certamente...

Amber levantou-se mais uma vez:

– O lugar de onde vim não é um campo de bárbaros, como lhe parece! As pessoas do Oriente são tão educadas e inteligentes quanto as do resto do mundo! Nossa cultura conhece a matemática, como ela é, graças aos árabes! O povo de lá é mais espiritualizado que a maioria dos europeus, e os homens tem mais cuidado com o que dizem às damas do que os ingleses tem!

O olhar de Jake tornou-se mais agudo, as grandes contas verdes a encaravam com firmeza quando projetou seu tronco para frente, deslizando de sua postura ereta para mostrar-se num ângulo semelhante a um animal prestes a dar o bote:

– Conhece muitos homens ingleses para avaliar o modo cuidadoso como tratam uma dama?

Amber titubeou antes de encher o peito para soltar a indignação sentida sobre o advogado:

– Não tenho de responder a esta pergunta! O senhor é muito atrevido mesmo!

Jake já não estava mais achando graça da conversa. Levantou-se também, esticando-se em toda sua estatura, e dando um passo largo o suficiente para quase encostar seu corpo ao de Amber.

– A senhorita trouxe a conversa até aqui, estipulou o nível de ousadia das palavras ditas, mas não tem coragem para manter o que começou. É uma fraude, com sua fala contestadora e petulante, que na verdade apenas oculta uma mocinha que esperneia e bufa como criança, e que não se apercebeu que o mundo não gira ao redor de sua pessoa. Acha que é a única com direito a falar o que pensa? Devo lhe informar que escolheu o adversário errado para suas demonstrações tolas de independência e crítica. Estou habituado a brigar e também analisar meus interlocutores muito bem. E não costumo perder batalhas verbais, minha cara. Proponho que mude sua postura para comigo em nosso próximo encontro, pois não mais aceitarei provocações que não consegue manter.

Jake deu um passo atrás, e aprumou o corpo. Seu tom de voz foi seco ao finalizar o embate:

– Talvez, quando for madura o suficiente para uma conversa séria, possa manter um diálogo adulto, e seguir adiante com seus pontos sem fingir estar ofendida por algo que você mesma provocou.

Girando para cumprimentar as anfitriãs, despediu-se educadamente.

– Virá jantar conosco, senhor Cunningham? – A voz de Miranda Wiggs soou trêmula, ainda abalada pela discussão acalorada que presenciara.

– Agradeço-lhe muito o convite, mas declinarei. Estou exausto da viagem e preciso descansar para o novo percurso de amanhã.

– Oh, mas é claro! Vir de Derby até aqui...

– Quase diretamente de Londres, eu diria. Mal havia saltado da carruagem quando fui informado de que a senhorita Stewart havia partido. Não houve tempo nem mesmo para uma xícara de chá.

Elizabeth virou-se para Amber, rolando os olhos e fazendo um movimento com a cabeça em direção ao homem, equivalente a um pedido de retratação: “diga alguma coisa!”, pareceu gritar-lhe. A amiga, porém, estava perplexa demais para responder de imediato.

– Céus! Por favor, deixe que compensemos este inconveniente recebendo-o adequadamente em nossa casa. Posso providenciar acomodações e pedir que nos sirvam... – Miranda respondeu, rapidamente.

– Agradeço-lhe a oferta generosa, mas sei o quanto seria indevido receber, em uma residência habitada por senhoras, e ainda de luto, um cavalheiro que não seja de sua família. Passei por uma pousada no caminho, e ela será suficiente para uma noite.

Com uma inclinação elegante tornou a se despedir e saiu da sala com passos firmes, sem dignar um último olhar à Amber.

Capítulo 8

Amber havia passado o resto da tarde e também da noite sentindo-se desconfortável. O tal Jake Rae havia mesmo estragado-lhe o dia. Primeiro surgiu na sala de Miranda com aquele seu ar superior e comunicara-lhe que partiriam para Florença sem que ela pudesse escolher quando. E sem dar-lhe chance de despedir-se de lady Vere e lady Price! Depois a chamara, em outras palavras, de infantil, mimada e tola! Pior, afirmara que ela não tinha capacidade de discutir com ele! Ah, essa era demais... Se não tivesse encerrado sua explanação com a revelação de que havia cavalgado durante dias sem descanso, por causa dela, Amber certamente teria lhe dado a resposta devida por sua arrogância. Não o fez em consideração ao cansaço e indisposição que deveria estar sentindo por tão longa jornada concluída. Se fosse ela, não estaria mesmo de bom humor, nem com paciência para ouvir qualquer comentário que fosse, mesmo que estivesse correto, como ela sabia, sem dúvida, que estava. Não daria a chance de ser acusada de ingrata por aquele... aquele... camelo irritante!

Sim, ela estava com razão.

E o advogado Jake Rae era mesmo tal qual um camelo irritante, empacado no caminho quando você precisava apenas seguir em frente!

Bom, não poderia passar por cima dele, poderia?

Ou aprenderia a contornar aquela massa grande, loura e intimidante, ou não conseguiria chegar a lugar algum. Porque ela desejava chegar a um ponto para poder voltar a ter equilíbrio, tanto a sua volta, como dentro de si mesma. O senhor Cunningham não teria como saber que ela, apesar de ter vivido num mundo em que as mulheres não tinham qualquer poder, atingira um bom patamar como professora, dando aula inclusive aos filhos do sheik local. Era um grande feito para uma inglesa que podia ser vista apenas como material para uso sexual.

Sim, Amber também sabia o suficiente sobre isso. Não poderia viver mais de dez anos num local onde o corpo feminino era moeda valiosa, gerador de inúmeras tragédias diárias, preocupações paternas e temores constantes, sem que estivesse ciente o bastante do que poderia lhe acontecer caso mercadores de escravos conseguissem afastá-la da segurança que a família e criados proporcionava. Aprendera tanto a precaver-se como tirar partido de sua posição como mulher, se necessário. Nunca se sabia o que poderia acontecer a cada nova manhã, afirmara-lhe Zafira. Portanto, quando a criada contou-lhe sobre seu passado, Amber viu ali uma oportunidade de aprender mais. E aprendera muito. O grande libertino inglês que a havia questionado jamais imaginaria o quanto ela conhecia sobre desejos. Felizmente conseguira passar incólume por todas as dificuldades e situações de risco que enfrentara, e não precisara fazer uso de seus conhecimentos para barganhar liberdade ou jogar com sua própria sorte. Também graças a pequenos truques ensinados por Zafira, que praticamente assumira sua criação no lugar da mãe de Amber, após a morte dessa, transitara discretamente entre locais e homens que poderiam representar grande perigo em condições pouco cuidadosas.

Mas este ponto não vinha ao caso. O advogado que fazia as vezes de tutor no momento era apenas mais um dos fardos que precisaria carregar por um tempo, até chegar à Itália e adquirir mais

conhecimento, e decidir se viveria lá, ensinando inglês às crianças da aldeia mais próxima, ou se retornaria, com sua herança já em mãos – a parte dela e a que cabia à sua falecida mãe, prometida pela avó que ainda não conhecia pessoalmente – para então estabelecer-se e abrir sua tão sonhada escola para meninas. Não conseguira fundar uma escola em terras árabes, embora artes e literatura fossem apreciadas como qualidades para jovens esposas, pertencentes ou não a um harém. Esperava que pelo menos na Europa os homens fossem menos duros e ignorantes sobre o que suas filhas e netas deveriam ou não aprender.

Quando o jantar terminou e pôde enfim recolher-se, Amber sentiu um grande alívio. Preferia dormir logo e enfrentar o dia seguinte com seu algoz e guardião. Evitaria conversas, confrontos e tudo o mais que pudesse trazer mais aborrecimento a ambos. Satisfeita consigo mesma, pôs a camisola e deitou-se, certa de que tomara uma boa decisão.

Capítulo 9

Já viajavam fazia muito tempo, e Jake estava irritado. E entediado. Todas as tentativas de conversa com a senhorita Amber haviam falhado. Ela estava totalmente voltada para a janela, rosto e corpo, havia horas.

Ia ficar torta daquele jeito. Igual seus óculos.

Jake ia rir, mas o som se resumiu a um bufo.

A diabinha Stewart nem o olhou.

Pelo visto levava a sério a ordem de mudar sua postura em relação a ele.

Mudara.

Não queria discutir, nem mesmo afrontar.

Só emitia grunhidos.

Isto era muuuuito chato.

Se a dama de companhia escolhida por lady Price não houvesse adoecido inesperadamente no caminho para Northampton, talvez tivesse com quem conversar. Mas não, a criada esvaziara o conteúdo do estômago durante todo o percurso, e mais um pouco sobre as botas reluzentes de Jake, e precisara ficar aos cuidados da senhora Wiggs. Ela não se restabelecera até a hora do almoço, e esperar sua melhora poderia atrasar ainda mais sua viagem. Então Jake decidira que deviam seguir sozinhos. As amigas de Amber haviam se mostrado contra, alegando que não podiam viajar sem acompanhante, mas nada puderam fazer quando a própria jovem, que poderia ser afetada por alguma maledicência, alegou que não haveria problema. Quem poderia falar deles, se nem a conheciam?

Não havia argumento para isso. Não a conheciam no Reino Unido, e de qualquer modo, o Atlântico em breve os levaria para longe.

E assim estavam dividindo a carruagem, num silêncio que daria inveja a qualquer velório. Ela parecia mesmo ter saído de um, com aquele vestido preto sem corte algum, cabelos presos em dois coques no alto da cabeça, tão apertados que deviam repuxar até suas orelhas.

Jake torceu o nariz.

– Está muito silenciosa, senhorita Stewart.

Grunhido em resposta.

– Será que passar tanto tempo no estrangeiro a fez desaprender sua língua, e por causa disso só consegue emitir ofensas quando fala?

Jake gostou do modo como palavra *língua* soou ao sair de sua boca. Pareceu provocante o bastante.

A resposta de Amber foi:

– Hunft.

Hunft era melhor que “hum”, pensou Jake. Mas ainda não era o suficiente. Estalou a língua antes de fazer nova tentativa.

– Ou será que passou tanto tempo entre animais selvagens que perdeu o hábito de falar e prefere rosnar? Explicaria a agressividade anterior.

Isso fez com que ela virasse o corpo na direção de Jake e o encarasse.

– Não são mais selvagens que o senhor, certamente.

Vitória. Fisgou-a.

– Ah, eu sou selvagem? – Ajeitou-se melhor no assento do veículo.

– Sem modos.

– Eu? Ah, não mesmo. A senhorita é a mal educada aqui.

– Não sou eu que ri das pessoas.

Ah. Ela não havia esquecido aquele incidente de dias atrás. Melhor esclarecer:

– Eu não ri da senhorita, e sim da situação. Pensei que era uma brincadeira.

– O senhor riu de mim.

– Ri para a senhorita.

– E me chamou de feia.

Ela não era feia. Podia não ser muito atraente, principalmente quando a vira pela primeira vez, mas era claro que tinha pontos interessantes. Cabelos esplêndidos, dentes perfeitos, boca convidativa...

Tossiu, embaraçado com o rumo de suas ideias. Deveria explicar-se:

– Eu não...

– Por favor, não sou uma estúpida. Não tente me subestimar.

Ele a observou com ainda maior atenção. Principalmente o movimento dos lábios.

A mente de Jake parecia estar enevoando-se. Não podia afastar seus olhos da boca de Amber. Ela havia passado a língua sobre os lábios bonitos, para depois juntá-los naquele formato primoroso que o encantara antes. A forma de um prenúncio de beijo...

Jake também passou a língua sobre os lábios. E respondeu, com uma ponta de sorriso:

– Sim, eu sei que não é estúpida. Ao contrário. É uma espertinha.

– O quê? – Este homem... Amber fazia uma força sobre-humana para não discutir, e lá estava ele, atijando-a.

– Pergunto-me porque o sheik da cidade em que vivia ficou tão interessado em sua pessoa.

Oh... Como ele soube daquela história? A criada que viera para o Reino Unido em sua companhia devia ter colocado sua madrinha a par do acontecido antes de seguir viagem. Que coisa! Não precisavam ter contado o fato para este advogado intrometido. Mesmo assim não estava disposta a um confronto.

Amber voltou o olhar para sua janelinha.

Uma estranha excitação apoderava-se de Jake. Devia ser pela possibilidade de uma boa discussão após horas de silêncio. Como nunca discutira com uma mulher antes de conhecer Amber, este efeito fôra potencializado.

– Fez algo que atraísse a atenção do sheik?

Moço impertinente...

– Deixe-me em paz, senhor Cunningham.

Os olhos de Jake brilharam, e ele escorregou para a ponta do banco, de forma a aproximar-se mais de Amber.

– Foi algo que fez, não foi?

– Ora – ela virou-se, surpreendendo-se com a proximidade de Jake.

– Ou foi algo que fez *com* o sheik?

Amber piscou.

– Como é?

Jake se aproximou ainda mais.

– Sim! A senhorita deve ter feito algo inadequado.

– O que? Eu...

– Por que não me conta o que fez?

– Eu não... O senhor...

Amber estava comprimida contra a porta da carruagem sacolejante, o rosto e o corpo de Jake Rae pairando muito perto.

– Vamos, senhorita Amber, não seja tímida. Conte-me o que fez para o sheik... Eu sou um homem moderno, aberto às... moças também abertas.

Amber fechou o punho e lançou-o na direção do rosto do advogado.

Jake esquivou-se para o lado, e mão de Amber resvalou em sua orelha. Segurou a mão da diabinha para que ela não repetisse o golpe.

– Calminha, senhorita.

– O senhor é um cafajeste! – Tentou golpeá-lo com o outro punho.

Jake conteve também o segundo soco desferido, prendendo o pulso feminino com facilidade. Estava muito próximo, era maior, e mais forte, e não estava nervoso como Amber, o que fazia uma grande diferença nos movimentos de ambos. Ela, porém, não aceitaria perder a contenda com o libertino mau caráter. Em um segundo estavam engalfinhados, e num movimento mais brusco da carruagem, o advogado caiu sobre a senhorita Stewart sem que ela pudesse escapar a tempo.

– Saia de cima de mim!

– Eu gostaria! Pare de tentar me golpear, não quero levar um soco!

– Você merece ser socado!

Ele riu.

– Eu estava brincando. Provocando-a para conseguir uma reação melhor do que meros ruídos.

Ela arfou. Continuava presa sob Jake.

– Brincando? Seu senso de humor então é péssimo!

Jake tornou a rir. Estava muito satisfeito por estar em cima de Amber.

Ela era macia.

Era tão...

Agora ele estava muito excitado. E não havia mais como confundir que tipo de excitação era.

– Se ofendeu porque há um tanto de verdade nas minhas insinuações, senhorita?

Amber se debateu um pouco mais. Jake ajeitou-se melhor sobre ela, contendo-a.

– Talvez a senhorita e o sheik...

– Não!

– Talvez ele a tenha beijado? Eu poderia entender... Seus lábios são...

Carnudos.

Apetitosos.

Os olhos dela estavam arregalados, e o fitavam, surpreendidos.

Eram azul-escuros. Uma tonalidade linda, pensou Jake, encantado.

– Ou será que foi sua inocência que o atraiu? – A voz dele soou doce.

Amber apenas piscou.

Eram olhos grandes.

Belíssimos, mesmo atrás das lentes.

Jake baixou ainda mais o tom de voz, provocando um efeito apaziguador. Ele sabia isto funcionava bem com as garotas.

– Talvez desejasse ser o primeiro a tocar-lhe, a beijar-lhe... Já foi beijada para valer, senhorita?

Amber desceu o olhar para a boca de Jake, e entreabriu os lábios.

– Não devia me olhar assim – sussurrou ele em resposta, inclinando o rosto para beijar a senhorita Stewart.

O punho fechado que o atingiu no ouvido direito veio com tanta força que sentiu como se todo seu corpo houvesse ido de encontro a um grande sino retumbante.

Levantou-se cambaleando, procurando sentar o mais distante possível da louca Stewart.

Ela ajeitou o vestido, os cabelos e os óculos, e depois dirigiu um sorrisinho feliz para Jake. Em seguida tornou a olhar a paisagem através da janela.

Capítulo 10

O tímpano ainda zunia. A cabeça doía, e a orelha latejava. Era bem feito para ele. Só mesmo um soco para situá-lo. Onde estava com a cabeça para atacar uma moça que estava sob sua proteção? Sim, era um libertino, não o negava, mas julgava que tivesse discernimento suficiente para escolher quem devia ou não abordar a fim de satisfazer seus desejos sexuais. Aparentemente, não tinha. Porque tentar seduzir uma pessoa confiada a ele por quem já lhe havia salvado a pele anos atrás, era mau-caratismo demais. Achava que nem o marquês de Brighton, o maior libertino que conhecera, agiria de modo tão leviano em seus áureos tempos de solteiro. O agora não contava, já que sua veia libertina sumira. Brighton estava muito bem casado, com a prima de Jake, Suzanne, e ultimamente estava mais preocupado com as peraltices do filho, Gideon, que com qualquer outra coisa.

Mesmo aborrecido e com dor, Jake precisava desculpar-se com a senhorita Stewart, e explicar a ela que sua atitude anterior não mais se repetiria. Afinal, se nas primeiras horas de viagem já traíra a confiança da moça, como seria o resto da semana? Não podia deixar a jornada se tornar um inferno para ambos.

Na primeira parada que fizeram para comer, Jake ofereceu a mão para que Amber descesse da carruagem. Ela hesitou por um instante, mas então aceitou o apoio. Corajosa, pensou ele. Uma outra moça passaria o resto da viagem encolhida ou chorando, mas a neta do conde Di Olinto, não. Não baixava a cabeça, não se deixava intimidar... Isto era admirável.

Quando sentaram-se na hospedaria para a refeição, Jake resolveu que já era hora de conversarem.

– Quero pedir-lhe desculpas por minha atitude na carruagem. Foi inadequada, e ofensiva.

Amber, que estava com olhos fixos em seu prato, ergueu-os, surpresa.

Jake continuou seu pedido de desculpas:

– Senhorita Stewart, não precisa se preocupar, pois não tornarei a me comportar de modo tão inoportuno.

– Suponho que não tenho escolha a não ser acreditar, senhor Cunningham. Será terrível para nós se continuar sendo inconveniente. Posso começar a achar que seria melhor seguir caminho sozinha.

Ela realmente poderia arriscar uma fuga, se o temesse, e seria uma dor de cabeça a mais, algo que Jake preferia não ter.

– Para evitarmos que pense em fugir, ou que continuemos por todo o caminho em estado de mudez, sugiro que façamos um acordo de paz, então. Eu não a tocarei, nem provocarei. E a senhorita, por sua vez, tentará ser simpática.

Ela riu quando ouviu a ênfase na palavra *tentará*.

– Está bem. Tentarei.

– Ótimo! – Jake esticou sua mão sobre a mesa, esperando que Amber a apertasse.

Amber olhou a mão estendida, desconfiada, mas aceitou-a.

O aperto de Jake era firme e quente, e seus olhos transmitiam humor.

– Jake Rae Harris Cunningham, advogado. Seremos companheiros de viagem. – Sorriu ele.

Era um sorriso cativante, constatou Amber.

– Amber Paola Valentini Stewart.

– Paola? – Repetiu Jake, curioso.

– Sim, senhor. Minha mãe é de família italiana, como sabe, e gostava desse nome. Ela deu um jeito de colocá-lo em mim de uma forma a não criar estranheza entre os ingleses.

Jake remexeu na sua comida, mas seus olhos não deixavam Amber. Estava satisfeito em conversar com ela normalmente, pela primeira vez. E achava que o modo como ela falava, com a pronúncia inglesa apresentando ligeiras nuances e imperfeições, bastante charmoso.

– Noto um sotaque diferente em sua fala. Algo nos *r* e nos *s*... Diverge um pouco do modo de falar dos ingleses do Reino Unido, senhorita Stewart.

– Imagino que sim, apesar do meu esforço para que nenhum sotaque apareça. Sou professora de inglês, mas vivi em terras árabes por tempo demais. Naturalmente, falando o dialeto de lá, e misturando duas línguas, minha pronúncia acabou por ficar comprometida.

Jake recostou-se em sua cadeira. Mais uma surpresa! Amber era professora!

– Professora! Para crianças?

– Para meninos.

– Que interessante! Gosta de dar aulas?

– Gosto muito! Mas meu maior sonho é dirigir uma escola feminina.

Jake franziu as sobrancelhas:

– Mas... Não disse que dava aula para meninos?

– Exato. Os meninos já têm oportunidades demais, senhor Cunningham. Creio que é obrigação dos professores igualarem as chances de sucesso para ambos.

O advogado concordou, gostando muito de escutar a senhorita Stewart falar tão à vontade, e ainda mais sobre ideias que ele aprovava. Jake cortou um pedaço da carne em seu prato. Não parecia apetitosa, mas ele comeu com gosto. A dor de cabeça, o latejamento no ouvido, e até mesmo o zumbido que o incomodara ainda há pouco, não existiam mais.

Esta noite falavam sobre nomes próprios, após uma acalorada discussão sobre os mais estranhos que já tinham ouvido. Mesmo estando em paz, tanto Jake como Amber de vez em quando ainda afrontavam-se. No entanto, sentados na varanda de uma pequena pousada em Bedford, após um jantar mais saboroso do que os servidos em muitos restaurantes da capital, e com todo o ambiente bucólico à volta, o som agradável de grilos e o suave rolar das águas de um córrego próximo, estavam apaziguados.

– Eu gosto do nome Jasmine. Se minha mãe houvesse escolhido este em vez de Paola, talvez eu preferisse apresentar-me com ele.

– Ah, se pudéssemos mudar nossos nomes seria interessante. Meu nome é uma homenagem a um amigo de meu pai. Já me acostumei, mas quando era mais novo, este *Rae*... – Jake riu. – Incomodava-me bastante. Meus amigos tinham nomes longos e bonitos, cheios de pompa e elegância. Eu tinha *Rae*...

– Oh, não implique com *Rae*. Soa bem! – Amber também riu.

Jake sacudiu os ombros, mostrando que não se importava.

– Bem, e quanto à Jasmine, você pode dar esse nome a uma de suas filhas. Certamente seu marido aprovará.

Amber apoiou suas mãos nos braços da velha cadeira e respondeu calmamente:

– Improvável. Nunca me casarei, senhor Cunningham.

Jake fitou-a com espanto. Ora, ela não se achava feia demais para achar um marido, não é? Pois não era feia em absoluto. A cada dia em que convivía com ela, achava-a mais bonita. E aqueles cabelos que ela insistia em prender... Os dedos dele sempre coçavam de vontade de tocá-los, soltar todos os grampos e presilhas que os mantinham domados. Era uma maldade deixar atado algo tão belo.

– Claro que casará, senhorita Stewart. Fique tranquila quanto a isso.

Ela deu uma risada.

– O senhor não compreendeu. Eu não quero me casar. De jeito nenhum.

Jake estranhou. Ela não queria? Todas as moças que conhecia queriam casar. Mesmo as estrangeiras que conheceu. Por que ela seria diferente?

– E porque não?

– Esposas não podem dirigir escolas, meu caro senhor.

– Ora, é claro que podem! – Franziu as sobrancelhas.

– Não. Esposas não podem ter mais nenhuma função além de esposas. Excetuando o encargo extra como mãe, óbvio.

– A senhorita está exagerando! – Jake remexeu-se na cadeira, incomodado.

– Realmente? Pense um pouco, senhor Cunningham. Criadas, cozinheiras, governantas e preceptoras não deixam seus empregos sempre que se casam?

– Ora, mas é porque são empregos ruins e elas certamente os detestam!

– O senhor não tem como saber. Mas se pensa assim, então, vejamos outros exemplos. Bailarinas, cantoras e atrizes habitualmente são solteiras, mas quando se casam, abandonam suas carreiras. Concorda?

Jake não precisou pensar muito. Era fato.

– Concordo.

– Agora o senhor me dirá que estas mulheres, com profissões tão interessantes, as detestavam?

– Bem, eu... Nesses casos específicos talvez a razão para o abandono de suas carreiras seja outro – Jake torceu ligeiramente o nariz.

Amber cruzou as pernas, e também as mãos, sobre elas.

– Mesmo? Conte-me qual seria esta razão.

– Se quer mesmo saber, a razão é que a comodidade financeira de um casamento suprimiria a necessidade que estas senhoras teriam de trabalhar.

– Rá!!! – Amber sacudiu a cabeça.

– O que foi?

– Acredita que as mulheres trabalham apenas por necessidade.

Jake nunca havia pensado muito sobre isto. Em seu meio as moças eram apresentadas à sociedade, buscavam um noivo que recebesse o aval de seus pais, casavam-se, e viviam o resto de suas vidas como esposas e mães. E pareciam satisfeitas com o arranjo.

– Mulheres também sonham – Amber fez questão de completar.

Jake trincou os dentes. Lá ia a diabinha Stewart com mais uma de suas provocações.

– Eu compreendo que também tenham sonhos e desejos de carreira, mas podem ter optado por ficar sem uma. – Jake tamborilou nos braços da cadeira, contendo a irritação que surgia. Amber achava que ele era um insensível, provavelmente.

– É lamentável que seja necessário escolher entre trabalho ou família, ou entre carreira e dinheiro. Por que os homens podem ter tudo isto, e uma mulher, não?

– Talvez elas decidam que o amor é mais importante.

– E o senhor não vê que mesmo isto é uma escolha dolorosa? A mulher abre mão do que poderia ser sua vida em função deste amor, que lhe tira tudo o mais.

Jake bufou:

– O que está falando? O amor não tira nada, acrescenta. Eu mesmo abriria mão de meu trabalho como advogado por amor à minha esposa, se fosse preciso.

– Diz isto porque sabe que nunca acontecerá. O senhor escolheu ser advogado, e assim continuará. E se um dia mudar de ideia, sei que estará preparado financeiramente para arcar com tal opção, e não sofrer por ela.

– O que a senhorita diz são impressões de alguém que viveu distante de tudo por tempo demais. Onde morava os hábitos eram diferentes, inaplicáveis na Europa.

– Então cite para mim quais mulheres casadas conhece seguindo uma carreira, de verdade?

Jake abriu a boca, mas Amber apontou-lhe um dedo:

– Donas de pousada e pensões não contam, pois estas apenas auxiliam seus maridos por falta de funcionários. Não me provoque.

Como ela sabia o que ele ia falar? Conteve uma careta de desgosto.

Jake lembrou-se de uma pintora e uma escritora, mas logo descartou esses exemplos. Ambas trabalhavam em casa, de modo esporádico. Não tinham grandes pretensões, e com isto não incomodavam seus respectivos esposos, nem abalavam suas rotinas familiares.

– Não recorde-me de nenhuma. – Deu de ombros, procurando não valorizar demais aquela conversa, embora o perturbasse de um modo estranho.

– Viu, senhor Cunningham? Estou certa em não desejar casar-me. Vou contar-lhe algo sobre Miranda e Elizabeth: Elas são costureiras excepcionais. Sonhavam com seu próprio ateliê, mas seus pais sempre acharam inadequado que moças solteiras tivessem seu próprio negócio, e elas foram obrigadas, durante anos, a esquecerem seus sonhos. Só agora, com Miranda viúva e Elizabeth considerada uma solteirona sem remédio, é que poderão enfim realizar o desejo de abrir sua própria loja. E apenas porque o marido de Mi teve a consideração de deixar uma boa herança para ela, especificada em testamento. Sim, porque se não fizesse isso, um parente *homem* viria e lhe tomaria tudo, até os talheres.

Jake também achava uma injustiça que as mulheres não pudessem herdar diretamente os bens dos maridos, e sim que isto foi passado para o familiar do sexo masculino mais próximo. Sabia também que as duas irmãs tinham talento com linha e agulha, pois haviam presenteado Amber com vestidos novos, que embora austeros, eram de cores mais alegres e de corte muito superior aos que ela usava antes.

– Admito, desta vez tem alguma razão – Jake deu de ombros.

Amber abriu a boca num grande “o” afetado.

– Deu-me razão em algo? É verdade, meu bom senhor?

Jake assentiu. Aproveitando o bom humor dela, tratou de mudar de assunto:

– Por favor, chame-me de Jake. Isto é, se não for um incômodo. Ainda temos um longo percurso juntos até Florença, e é mais do que justo diminuirmos a formalidade.

Os lábios dela retorceram:

– Hum... Se assim quer, então deve me chamar de Amber.

– Não Paola? – Jake sorriu, sacudindo a cabeça.

A risada de Amber soou límpida e alta na placidez da noite campestre.

– Não Rae? – Atalhou ela.

Foi a vez de Jake rir com vontade.

Assim era melhor.

Capítulo II

Amber havia se queixado para Jake dos muitos ruídos que ouvia do seu quarto na pousada, durante o desjejum. Desconfiara de ratos, o que piorava tudo, e não a deixara dormir quase nada. Assim, mal a carruagem pôs as rodas na estrada para Essex, a senhorita Stewart recostara a cabeça no encosto de seu acento, e adormecera.

Jake estava aborrecido por Amber não ter batido à porta de seu quarto para que ele resolvesse o assunto. A garota independente tinha medo de ratos, mas preferira sofrer seus temores durante toda uma noite do que pedir ajuda! Apesar de conseguirem conversar civilizadamente na maior parte do tempo, e de já haver um pouco de confiança entre eles, aparentemente não era o suficiente para que a diabinha Stewart permitisse a entrada dele em seu quarto, durante a noite.

Ainda havia reservas da parte de Amber.

Jake abafou um suspiro de irritação. O mínimo que podia fazer agora era proporcionar um pouco de descanso à sua companheira de viagem, e um mínimo de conforto para não acordar com torcicolo. Puxou-a cuidadosamente para que apoiasse a cabeça nele.

Jake ficou observando a moça em seu colo por algum tempo. Mais uma vez Amber prendera os cabelos com severidade, e ele carinhosamente tocou os fios tão escuros. Soltou um grampo. E outro. A sensação de intimidade que aquela posição lhes dava era desconcertante, mas estava gostando.

Logo Amber estava com os cachos espalhados em torno de seu rosto, criando um efeito encantador.

Pronto. Cabelos soltos para dormir evitariam que despertasse com alguma dor de cabeça.

Mas ainda estava de óculos.

Os óculos tortos poderiam entortar mais ainda caso ela se virasse subitamente. Além disso deviam ser desconfortáveis, tão grandes eram. Ora, e quem, afinal, dorme de óculos?

Jake retirou-os bem devagar.

Por curiosidade colocou-os.

As lentes tinham pouquíssimo grau. Provavelmente serviam apenas para leitura.

Mas então por que elas os usava o tempo todo?

Nem eram confortáveis!

Jake afastou os óculos da própria face.

Seu coração estava acelerado quando fixou os olhos no rosto da diabinha adormecida.

Assemelhava-se a uma pintura que vira certa vez, e que jamais esquecera, de uma cigana com olhar semicerrado e sensual. O autor havia conseguido captar a essência de sua modelo num volteio provocante de dança, com os tecidos coloridos de suas vestes, colares e argolas de ouro, e negríssimos cabelos soltos acompanhando o movimento.

A dama do quadro parecia ter ganho vida e se projetado dentro da carruagem, porém sem os penduricalhos e adornos, e em estado de repouso.

Tinha a tez morena, não branquinha como as inglesas em geral faziam questão de ter. Resultado de morar em terras quentes, evidentemente. E talvez um pouco também se devesse à sua herança italiana.

Sim, era bela.

E mais do que isso, com aquela boca que se projetava para frente provocativamente, e os cílios espessos e enormes, agora bem perceptíveis, Amber fazia pensar em pecado.

Mas não havia percebido nada disso à primeira vista.

Então...

Compreendeu.

Se essa era a impressão que causava nos homens, e Jake podia jurar que uma visão dessas causaria furor, estava explicado porque a neta do conde Di Olinto preferia aparentar mais idade, mantendo-se escondida por trás de óculos desajeitados, penteados feios e vestidos largos. O assédio que devia sofrer sem tais artifícios poderia lhe trazer inconveniências.

Como se pressentisse o intenso escrutínio, Amber abriu os olhos.

Jake estava curvado sobre ela, o olhar concentrado sobre seu rosto, com o verde quase faiscando num brilho esplendoroso atraente como um ímã. E aquele maxilar forte, o nariz reto e perfeito que pairava sobre uma boca que parecia sempre estar prestes a abrir num sorriso provocador, causava uma sensação estranha dentro dela. Sem muita consciência Amber ergueu o queixo na direção dele.

Ele inclinou-se mais, entreabrindo os lábios.

A expressão de desejo no rosto másculo foi tão explícita que Amber sobressaltou-se. O que estavam fazendo?

Levantou-se de modo brusco, o braço batendo na mão que Jake segurava os óculos.

O movimento inesperado teve um resultado indesejado: os óculos voaram da mão, giraram pelo ar numa cambalhota impressionante, chocaram-se com o teto da carruagem, desceram com violência, quicaram no assento e finalmente saltaram pela janela aberta. Tudo tão rápido que os dois viajantes mal puderam acompanhar o trajeto com os olhos.

Jake esticou-se para segurar o objeto antes que saísse do veículo, mas foi em vão.

– Não! – Amber virou-se no colo dele, debruçando-se na janelinha.

Ele gemeu.

Droga, ela havia arrastado o corpo sobre o dele, e estava tão excitado e latejante que agora doía-lhe!

– Jake, faça o cocheiro parar! Faça o cocheiro parar!

Amber gritava com ele, sacudindo-se e fazendo pressão em sua virilha. Jake já não conseguia escutar, nem concatenar mais nada que não fosse beijar aquela boca instigante.

Enfiando os dedos nos bastos cabelos dela, o advogado puxou-lhe pela nuca, colando suas bocas e dando-lhe um beijo furioso.

Ela fora pega de surpresa, senão não teria permitido o contato. E que sua boca estivesse aberta para a intrusão da língua de Jake fôra também acidental. E quando ela correspondeu à explosão de luxúria que o ataque dele desencadeou, também foi sem querer. Fechar os punhos em torno da abas do casaco dele, segurando-o firme, idem.

O senhor Cunningham tinha um sabor quase doce, uma mistura morna e saborosa que parecia conter notas sutis de café, dentifrício de menta, e algo a mais que Amber não conseguia definir... Alguma coisa que embaçava-lhe vagamente a mente, mas que estalava em um ponto do cérebro alertando seus instintos, como quando sua intuição lhe faz parar e contornar certos caminhos.

Ela não estava interessada em seguir intuições, nem queria parar, e nem contornar nada.

Queria seguir direto em linha reta, abraçar o perigo e o indevido.

Ela mexeu-se um pouco, ajustando seu ângulo, movendo o rosto para poder beijar melhor, e movimentar sua língua mais amplamente.

Ele deu um gemido baixinho, de satisfação. Ou teria sido ela?

O alarme na cabeça de Amber só soou alto quando percebeu que Jake deslizava junto com ela para o assento, para que deitassem. Afastou os lábios dos dele e virou-se para escapulir. Escorregou entre os braços que a seguravam, indo parar de joelhos no chão da carruagem. De gatinhas apoiou-se no outro assento para levantar, enquanto Jake piscava, surpreendido com agilidade dela. Abaixou-se para ajudá-la a reerguer-se.

– Tire as mãos de mim, Cunningham!

– Amber...

– Mande o cocheiro parar! – Amber gritou novamente, agora sentada em frente à Jake.

Ela havia recobrado a sanidade.

Jake não foi tão rápido, mas não demorou muito mais para voltar também à razão. Solto o fôlego com força e exasperação, aprumando o corpo. Analisou a moça diante dele antes de responder aos seus apelos.

– Amber, já estamos longe de onde seus óculos caíram, e uma queda do tipo que foi... Você sabe que seria impossível as lentes não terem se espatifado – Jake procurou responder-lhe com voz calma, percebia o tremor e irritação de Amber.

– Quero meus óculos!

– Não pedirei que o cocheiro retorne e nem ficarei de quatro como um tolo para procurar lentes quebradas e uma armação de metal retorcida e impossível de ser reaproveitada!

Jake recostou-se em seu banco. Não iria alimentar o desejo daquela coisinha temperamental fazendo-lhe a vontade somente para tentar resgatar algo que virara lixo!

– A culpa deste desastre é sua! – Amber levou as mãos à cabeça, enraivecida. Notou os cabelos soltos. – Mas... O que? O que você...? O que estava planejando, Jake Rae?

– Não planejava nada! Tirei seus óculos porque estava dormindo. Soltei seus cabelos para que não despertasse com enxaqueca. Só isso.

– Sabemos que não foi só isso que houve!

Jake deu de ombros. Agora também estava irritado. E ofendido. Ela esteve todos aqueles dias fingindo e ocultando quem era realmente. E ainda se comportava como se ele a houvesse insultado!

– Lamento.

– Lamentar não trará os meus óculos de volta!

Aos diabos com aqueles óculos ridículos! Jake queria gritar, mas conteve-se. Ao invés, respondeu, com dentes quase cerrados:

– Se quiser, Amber Stewart, lhe farei uns óculos de gravetos. Para esconder-se será o suficiente, e fará o mesmo efeito daquela coisa horrenda!

Amber franziu as sobrancelhas:

– Quer saber, Cunningham? Pegue os gravetos, junte-os em um feixe e então...

Jake interrompeu-a, cruzando as pernas num gesto aparentemente displicente:

– Se disser o que estou pensando, na próxima parada pegarei uma escova e sabão e lavarei sua linda boquinha suja até que esteja cuspiendo bolhas.

Amber arfou:

– Não teria coragem!

– Tente-me!

Ela calou-se, desviando o olhar para fora. Ele a viu engolir em seco uma vez. E mais algumas. Soltando uma imprecação, bateu com força no teto do veículo.

O cocheiro logo parou e surgiu à porta.

– Pois não, senhor?

– Vamos fazer a volta, Oliver. Os óculos da senhorita caíram pela janela e estão em algum para trás da estrada.

O homem fez uma careta, e constatou o óbvio:

– Se os óculos caíram da carruagem, então terão se quebrado, senhor.

– Mesmo assim nós voltaremos para procurar.

Amber bufou alto.

– Basta, Cunningham!

O cocheiro voltou sua atenção para ela, e arregalou os olhos.

– Oh! Voltaremos agora mesmo, senhorita! Sim, e faço questão de pessoalmente procurar seus óculos, e se me permite, eu...

Jake estava pronto para enxotar o cocheiro, que parecia ver Amber pela primeira vez, quando a moça tomou a palavra:

– Não é necessário. Vamos seguir viagem.

– Mas e seus lindos óculos, senhorita? – Jake deliberadamente provocou-a.

O cocheiro, Oliver, sacudia a cabeça sem parar:

– Sim, senhorita linda, quero dizer, seus lindos... er... e seus óculos?

– Vamos embora. Sem retorno. – Amber virou o rosto, dando as costas para os dois homens.

Jake sorriu para o homem que ainda estava embevecido com a verdadeira aparência de Amber.

– A dama é quem manda.

O cocheiro assentiu, afastando-se com relutância e voltando a seu posto. Logo o veículo estava em movimento outra vez, e o silêncio dentro dele era quase opressor.

Bem lentamente Amber recolheu seus grampos e presilhas do assento e começou a elaborar o feio penteado que consistia em dois pequenos coques amarrados próximos às orelhas.

Ele suspirou baixo, enquanto a observava.

A senhorita Stewart o estava ignorando novamente.

Haviam retornado à estaca zero.

Não, era pior que isso.

Agora ele sabia que Amber era inteligente e espirituosa. Gostava de ouvi-la falar, e sua conversa não o cansava, diferente do que acontecia quando outras representantes do sexo feminino abriam suas bocas em tagarelices intermináveis e opiniões ridículas sobre assuntos tão frívolos que Jake preferia sinceramente não as conhecer. Quantas vezes tivera que ouvir cantilenas tolas apenas para ter a oportunidade de carregar uma dama para seu leito? E quantas vezes simplesmente se abstraía e concordara com a cabeça quando sua mente estava viajando em outras paragens? Com a atual companheira de viagem isto não acontecia. Sua atenção lhe pertencia por completo, e sabia que a recíproca era verdadeira. Jake remexeu suas luvas, sem deixar de fitar Amber. Saber que a diabinha Stewart era boa conversadora, afinal, e ser privado de sua prosa, o angustiava antecipadamente.

E, para complicar ainda mais, ele a beijara. E não um daqueles beijos suaves que ele reservava para debutantes inocentes num jardim, nem mesmo do tipo apressado e impessoal, compartilhados entre amantes que querem apenas saciar a fome de seus corpos através de sexo casual. O beijo que trocara com

Amber – sim, trocara, pois ela correspondera – tinha mais de paixão e promessa que os contidos nos das cortesãs mais disputadas de Londres. Jake podia atestar isto, pois conseguira galgar o leito da maioria delas.

Aquele beijo fora diferente, não sabia explicar como ou porque, mas havia sido o melhor de todos os beijos. Sua nova amiga sabia beijar, e sabia bem, mas não era só isso.

Ele gostaria de saber o que era, e em que mais ela tinha experiência, além do beijo.

Ele queria mais de tudo.

Não deveria, mas queria.

E o pior era dar-se conta que começara a desejar isto antes mesmo de beijá-la.

Capítulo 12

– Estamos próximos à casa do meu irmão.

Silêncio.

– Comentei com você que ele é coronel. O mais jovem do Reino Unido, creio.

Amber apenas o encarou. O único ruído entre eles era o das rodas da carruagem passando sobre o chão irregular.

– Ele é meu caçula, Amber. Iremos nos hospedar na casa dele e da esposa. Sei que não quer dirigir a palavra a mim, mas não aceitarei que me envergonhe diante da minha família.

Amber riu de um jeito muito desdenhoso.

Era irritante quando ela fazia isso, pensou Jake, apertando o maxilar e intensificando o olhar frio sobre ela:

– Você voltará a falar comigo, pelo menos enquanto estivermos hospedados lá. Não será mais que uma noite, apenas o tempo para descansarmos.

– Está equivocado se acha que vou obedecer você.

– Stewart, você vai fazer o que eu digo desta vez – a voz de Jake soou dura.

– Por quê?

– Porque eu respeitei o pedido de suas amigas em Northampton, mesmo depois de você ter feito sua madrinha de tola, e de me fazer cavalgar à exaustão seguindo-a até Northants, supondo que estivesse em perigo. Óculos quebrados não tem o mesmo peso de sua fuga.

Em suma ele queria dizer “Você ainda me deve”.

Amber tinha que concordar com este argumento. Além do mais, estava cansada de esquivar-se de Jake, e de viajar em silêncio.

– Está bem.

– Ótimo.

– Ótimo!

Cada um voltou o olhar para sua própria janela.

O reflexo de Amber, no vidro, a observava.

Amber não via uma mulher bonita ali refletida. Tinha sobrancelhas muito grossas, um nariz mais largo do que seria adequado a uma dama, uma boca que parecia cheia demais, e cabelos que a irritavam de tão indomáveis. Mas também era consciente de que sua visão, ou opinião de si, não era a mesma que os homens tinham. Eles a olhavam a primeira vez, afastavam a vista, e depois, muito rapidamente, voltavam a encará-la, dessa vez com atenção, e quase sempre com uma expressão ardente. Bem cedo notara isso. E Zafira também notara. A velha criada, atenta ao seu desenvolvimento como era, e tendo a experiência de vida que tinha, nunca relaxava. Zafira havia ficado órfã e fora enviada a um homem apontado como seu único parente vivo. Era surpreendente que ele houvesse aceitado abrigá-la, já que os laços entre ele e a família eram muito tênues, se é que de fato existiam. O tio, Hassan, era eunuco, servo

de um rajá a quem tinha sido entregue ainda em criança, como acontecia com muitos bastardos. Caíra nas boas graças do líder, que não tiranizava seus criados e escravos, mas exigia-lhes total fidelidade. Percebendo em Hassan um servo fiel, o tornou responsável pelo harém. Quando Zafira passou a viver sob seus cuidados, o tio pôs toda a sua habilidade em prática para que a jovem passasse invisível e protegida dos olhos cobiçosos masculinos no palácio ou fora dele. Ela ficava quase sempre disfarçada, ajudando-o a cuidar e mesmo preparar as mulheres que aqueceriam o leito do seu senhor. Com isto, Zafira aprendera muitas coisas, que pôde colocar em prática e repassar para Amber, preparando-a tanto para um marido quanto para uma situação inesperada de escravidão. No mundo em que viviam, Zafira explicava, como havia lhe explicado seu tio Hassan muitos anos antes, nunca se sabia o que poderia acontecer, e era bom estar preparado para o pior. E o pior, dizia ele, podia ser contornado quando se era uma mulher atraente e sagaz.

Saber enganar, contornar, lutar, e até seduzir, foi parte do aprendizado de Zafira, e de Amber, cada uma a seu tempo, e à sua maneira.

Haviam aprendido, as duas, e agradeciam por isto, pois as ajudara a sobreviver à cultura nativa. Mas explicar tal coisa a um homem, e um que vivia realidade completamente diversa, parecia impossível.

Poderia apontar a ele o simples fato de que a beijara apenas por tê-la visto sem disfarces, mas talvez esta explicação não valesse. Muito possivelmente Jake procurara apenas silenciar-lhe, de modo equivalente a um “cale-se, eu que mando aqui!”

Independente da máscara que usava, Amber tinha ciência de que para o advogado era apenas uma missão a cumprir, algo de que ele gostaria de desembaraçar-se o quanto antes. Não a veria como os árabes viam, nunca, nem pensaria como eles. Sendo um homem da capital, bonito como era, e notório como lady Price dissera, não se interessaria por ela mais do que da forma curiosa como se olha um inseto exótico.

Melhor assim.

Jake não poderia saber que sem seus velhos óculos Amber se sentia muito exposta, quase nua. Havia se habituado a usá-los muito mais do que deveria, ao constatar que ao colocá-los os homens não a observavam tanto. Onde morava tal descoberta se tornara uma benção! Ainda munia-se de atenção redobrada ao sair às ruas, mas já não precisava estar preocupada até mesmo em casa, perguntando-se se algum mal-intencionado planejava uma forma de atacá-la ou mesmo raptá-la. As repetidas recomendações e os insistentes avisos de Zafira já não retumbavam tanto em sua consciência, alertando-a para os perigos de ser uma fêmea desejável. No Reino Unido a situação era diferente, não havia grandes riscos, mas um hábito era um hábito, e difícil de ser mudado. Porém não valia a pena dar-se ao trabalho de explicar tudo isto a quem iria somente acompanhar-lhe numa viagem, então preferiu guardar silêncio.

Mal a carruagem parara e numa velocidade impressionante Oliver abrira a porta e oferecera sua mão, além de um grande sorriso, para Amber. Jake rilhou os dentes. Aquele homem não via que tinha idade para ser o pai dela?

Aparentemente, não.

A senhorita Stewart aceitou a mão oferecida e desceu da carruagem, agradecida.

Havia achado o caminho para a residência dos Cunningham muito bonito, com vilarejos encantadores e os contornos de densas florestas surgindo em breves visões pelas janelas, e depois pela estradinha particular do coronel, com belos arbustos e florações coloridas.

Colchester já era agradável por ela própria, com sua energia antiga e austera, garantindo a quem por lá passasse a sensação de estar diante de um local que desafiava o tempo. Localizada numa colina, ainda guardava ruínas do período romano, atraindo a atenção de arqueólogos. Amber gostaria de poder visitar alguns pontos que acendiam sua curiosidade como estudiosa, como o Castelo de Colchester, datado do período medieval, mas sabia que não seria possível. Afinal Jake tinha pressa de embarcá-la. De livrar-se do fardo que ela representava. Paciência. Depois que pusesse as mãos nos fundos que a avó italiana prometera, e já sendo maior de idade, Amber poderia ser dona de seu nariz e escolher todos os pontos que quisesse visitar antes de finalmente fincar raízes e fundar sua escola.

A casa era, como não podia deixar de ser, já que pertencia a um alto oficial da Coroa, grande. Uma construção de dois pisos, visível após a passagem de um largo muro de pedras que aparentava estar lá há alguns séculos, embora a mansão em si não parecesse tanta antiguidade.

As muitas janelas refletiam o brilho do sol que já se movia anunciando a chegada da tarde, lançando luzes e tons amarelados e dourados sobre as tintas róseas das paredes e os granitos acinzentados dos arcos e adornos da fachada.

Quase se podia ver uma camada de pó de ouro levantar-se de dentro dos riscos dos raios solares, e sacudir como poeira mágica.

Amber respirou fundo, emocionada.

Jake parou ao lado dela, invadido pela mesma emoção. Toda a vez que chegava à casa do irmão parava alguns segundos apenas para admirá-la. Christian havia se esmerado para dar à Luciane o melhor, compensando no agora tudo o que haviam perdido em anos de distância e desentendimento. A casa era um dos presentes mais belos a proclamar o amor do casal. Os gêmeos, nascidos menos de um ano após seu enlace, os bens mais preciosos, e a coroação final para o triunfo deles.

– A casa é linda, mas o que emana dela é ainda mais belo. Antes era só uma construção. Chris e sua esposa Luciane fizeram dela um lar.

Sem perceber Amber pôs uma mão sobre o braço de Jake. Enquanto ambos olhavam na mesma direção ele cobriu a mão dela com a sua, entrelaçando os dedos.

Puseram-se a andar, deixando ao cocheiro a tarefa de descarregar a bagagem.

De um certo ângulo podia-se notar a parte de trás da mansão, e perceber que era de três pisos, na verdade. O mais baixo de todos parecia estar incrustado na terra, brotando entre o verde do campo e encontrando tijolos e areia para então compor uma visão adorável.

Jake entregava chapéu e casaco para o mordomo quando Luciane surgiu, esfuziante como sempre.

– Jake!

Jake abriu um grande sorriso para a esposa do irmão. Ela estava grávida outra vez, mas a barriga ainda não atrapalhava seus movimentos ágeis.

– Minha cunhada favorita!

– Oh, cínico! – Luciane soltou uma risada, enquanto o abraçava. Então voltou um olhar curioso para Amber.

– Esta é a senhorita Amber Stewart, Luciane. Senhorita Stewart, esta é minha cunhada, Luciane Cunningham.

– Muito prazer.

– O prazer é meu.

Elas se cumprimentaram amigavelmente.

Christian Cunningham apareceu logo em seguida, sendo também apresentado à visitante.

Amber já sabia que o irmão de Jake era mais jovem que ele, mas não pôde deixar de se

surpreender ao vê-lo cara a cara. Então aquele homem bonito, jovem, e de cabelos tão louros quanto os do primogênito dos Cunningham, e que certamente nem havia chegado aos 35 anos, era um coronel experiente e admirado? Que coisa impressionante! E que simpático casal formava com a esposa também loura e sorridente! Gostou deles de imediato.

Luciane deu o braço a Amber.

– Venha, senhorita Stewart, deixe-me levá-la ao seu quarto. Poderá se lavar e descansar um pouco antes de tomarmos o chá.

Christian e Jake observaram as duas mulheres se afastarem conversando, até que suas vozes sumissem no alto das escadas.

O coronel voltou-se para seu irmão, sorrindo. Mas logo a expressão amigável sumiu.

– Então, gostaria de explicar-me porque está viajando sozinho com a senhorita Stewart, sem dama de companhia? E porque a guarda designada para proteger vocês não pode aproximar-se, e ao invés disso precisa manter uma distância que poderia ser fatal se de fato caíssem em alguma emboscada? Acaso acha que os serviços dos soldados ingleses são fúteis? Ou se julga eficiente o bastante para livrar-se das cimitarras, adagas e chicotes com quais os homens do sheik Khaled irão abordá-los se os encontrarem desprevenidos?

Jake riu. Seu irmãozinho sabia ser bem antipático quando queria.

– Calma, coronel. Em primeiro lugar, tínhamos uma dama de companhia, mas ela adoeceu e não pôde mais nos acompanhar. Quanto à distância que pedi aos nossos guardas, também tenho justificativa: Amber não sabe que solicitei um serviço de segurança.

Uma das sobrancelhas de Christian ergueu-se.

– Amber? Você a chama pelo primeiro nome?

Jake pigarreou.

– Hum... Bem, estamos viajando juntos faz alguns dias, era inevitável que nos tornássemos amigos e...

– Há quanto tempo estão viajando sozinhos? – Christian cortou-o, franzindo as sobrancelhas agora.

– Ah... Er... Desde o início.

– Desde Derby? – Christian quase gritou.

– Não, não desde Derby. Ela fugiu, sabe, para Northamptonshire.

– Ela fugiu? Para Northamptonshire? Mas... Como assim? – Christian estava cada vez mais surpreendido.

– Ela queria rever umas amigas. Então tomou um cavalo de lady Price e fugiu disfarçada de homem.

Christian abriu a boca, mas nada saiu.

– Mas então eu descobri para onde ela havia ido – continuou Jake, rapidamente, antes que Christian soltasse outra pergunta – e fui atrás dela. Quando a carruagem dos Price chegou, a dama de companhia que veio de lá já estava doente.

– Ah...

– Pois foi isto, então.

Christian coçou o queixo.

– Não estou gostando nada desta história, Jake. Você e uma mocinha, sozinhos por todo este caminho...

– Sou o responsável por ela, Chris, praticamente tornei-me seu tutor. Jamais permitirei que algo

de ruim aconteça a ela.

– E se o algo de ruim for você?

Foi a vez de Jake abrir uma boca de espanto. Logo se recobrou, no entanto. Encarou o irmão com olhos frios, e sua voz soou gelada ao falar-lhe:

– O que quer dizer?

Christian respondeu com ainda mais frieza:

– Você sabe bem. Quando recebi sua missiva sobre o caso Amber Stewart e a parte que fazia nele, já questionei a sanidade de lady Price em confiar a sobrinha jovem e solteira a você! Acreditei, porém, que ninguém seria louco o bastante para deixar que fizessem uma viagem que envolvesse longas horas de estrada – e vários pernoites – sem uma companhia extra. Agora me conta que tem feito todo o trajeto a sós, que há intimidade envolvida, e que a senhorita está ignorante quanto à condição de risco que enfrenta!

– Está sendo ofensivo, Christian.

– Estou?

Jake passou a língua nos dentes, sem deixar de olhar ao irmão.

– Eu não fiz nada que maculasse a honra dela – Jake ressentiu-se de que a voz escapasse de sua boca num falsete.

Christian pôs a mão no ombro do irmão mais velho.

– É um libertino, J. E ela, bem... Eu sou casado, mas ainda tenho olhos.

– Não a levei para a cama.

– E não pensou em fazê-lo?

As narinas de Jake dilataram ao pensamento. Christian, que o observava atentamente, percebeu.

– Jake...

– Não é assim. Ela é... Inteligente, divertida... E talvez estejamos realmente passando muito tempo juntos... Mas estou bastante ciente que não estou tratando com uma qualquer.

Christian apertou a mão no ombro do irmão, e assentiu, compreensivo.

Jake sabia que não devia pensar em seduzi-la, sabia mesmo. Mas saber disso não parecia o suficiente para seu corpo ingrato, que insistia em dar sinais perigosos quando estava muito perto de Amber.

Depois disso debruçaram-se sobre o mapa que mostrava o restante do percurso até Portsmouth, verificando quais locais podiam apresentar mais vulnerabilidade para o caso de algum ataque inesperado, e quais seriam as melhores opções como rota de fuga.

Quando tomavam chá, mais tarde, naquele mesmo dia, os dois filhos de Christian e Luciane reuniram-se a eles. Os meninos eram gêmeos idênticos: Belezinhas louras de olhos claros. Uma mistura genial de seus pais.

Amber dobrou meticulosamente o guardanapo que usava e colocou-o sobre a mesa. Assim que as apresentações foram feitas, ela levantou-se, numa mesura ampla e exagerada, que fez os dois garotos soltarem risadinhas divertidas.

Logo em seguida Amber surpreendeu a todos mais uma vez. Abaixou-se diante dos pequeninos, de cócoras, apoiando-se nos pés. Jake e Christian se entreolharam. Aquela posição, típica de moleques, era espantosa para uma mulher adulta, ainda mais a neta de um conde.

Com o braço esquerdo cruzado sobre a barriga e a mão direita apoiada no queixo Amber olhava de um pequenino para o outro, com sobrelanceiras franzidas e olhar muito concentrado:

– Cavalheiros! Precisam me explicar quem é quem. Agora mesmo! Aposto que nem vocês sabem!

Os garotos estouraram em novos e deliciosos risinhos. Os adultos também riram, contagiados pelo som doce.

– Eu sou Ivan!

– Eu sou Anthony!

– Não! – Amber sacudiu a cabeça, abrindo a boca de espanto. Apontou para um e para o outro, invertendo-lhe os nomes. – Eu jurava que você era o Anthony e você era o Ivan!

– Não, eu sou o Ivan mesmo! – Ivan apressou-se a esclarecer.

– E eu sou o Anthony, sim, senhora! – Anthony completou.

Amber olhou de um para o outro, então novamente, movendo a cabeça rápido e fazendo os meninos divertirem-se mais.

– Acho que não estou bem certa.

– Pode acreditar! – Garantiu Ivan.

– É verdade! – Anthony concordou.

– Hum... E como posso ter certeza? Vocês são iguaizinhos!

– Eu tenho uma marca aqui, olha! – Anthony apontou uma cicatriz em sua mãozinha. – Eu caí e me cortei. O Ivan não tem.

Ele se aproximou, e Ivan fez o mesmo. Os três ficaram examinando a marca, interessados. Uma linha esbranquiçada já cicatrizada marcava a pele, mas felizmente não era chamativa.

Amber segurou a pequenina mão entre as suas.

– Oh, então agora sei que você é mesmo o Anthony!

Ele abriu um grande sorriso:

– Sou eu!

Amber virou-se para o outro irmão.

– E você é o Ivan!

– Sim! Eu sou! – Ele abriu o mesmo sorriso de seu mano.

– Cavalheiros, vocês são muito bonitos. Estou realmente encantada de conhecê-los.

Os gêmeos tiveram a mesma reação: juntaram as mãos, torcendo-as, e desviaram seus olhares, tímidos. Amber acariciou a cabeça de cada um, bem devagar, sorrindo.

– Depois a senhorita quer ver nossos brinquedos? – Ivan a fitou, expectante.

– Sim, por favor? – Anthony apoiou o irmão.

– Será um prazer e uma honra, senhores.

Eles bateram palmas, animados.

– Tem muito jeito com crianças. – Luciane estava satisfeita com o modo com que Amber tratara seus filhos.

A babá então aproximou-se e levou as crianças.

Amber ergueu-se e voltou ao seu lugar, entabulando uma conversa animada com a anfitriã. Nem percebeu o olhar intenso de Jake sobre ela.

Jake, por sua vez, não notou que Christian o observava também com muita atenção.

Amber respirou fundo, tragando para si o aroma das flores do jardim, o cheiro da grama verde, o odor pungente da terra e das folhas das árvores frondosas que circundavam a propriedade dos Cunningham. Retirou as sapatilhas, sentindo o chão firme e úmido aos seus pés, absorvendo a força do ambiente. Tudo ali era maravilhoso, do casal de anfitriões aos filhos adoráveis, da fachada da mansão até o pequeno lago de patos além do coreto. Não recordava-se de ter se sentido tão bem em um lugar como se sentia agora. Sentou-se num dos bancos de pedra e fechou os olhos, desejando apenas relaxar ainda mais, recebendo a brisa suave da noite em seu rosto.

– Eu quero agradecer-lhe.

Amber deu um salto. Foi parar do outro lado do banco, com os joelhos levemente dobrados, um braço esticado a frente do corpo, e outro para trás, como se para mantê-la em equilíbrio. Ela recordou a Jake um gato assustado, prestes a pular para o lado, ou correr, se necessário.

– Desculpe se a assustei – aproximou-se devagar, com as mãos erguidas.

Amber soltou o ar dos pulmões com força. Como não o escutara aproximar-se? Levou a mão ao coração, tentando acalmá-lo. A sensação de coração disparado não era boa, embora lhe fosse comum, muito mais do que poderia considerar saudável.

– Tudo bem – conseguiu responder sem gaguejar, e considerou bom sinal.

– Podemos sentar? – Ofereceu Jake, apontando o banco.

Amber assentiu.

Ele aguardou que a senhorita Stewart se acomodasse, e sentou-se ao seu lado.

– Como eu dizia, estou agradecido a você por hoje.

Ela sacudiu a cabeça, dispensando o agradecimento.

– Não precisa. Sua família é estupenda, e eu que estou grata por ter me permitido conhecê-la. Deve ser incrível ter um irmão, cunhada e sobrinhos.

Jake concordou. Era grato por ter uma boa família, que ainda englobava tios sensacionais, tanto pelo lado materno quanto pelo paterno.

Amber fitou o céu estrelado. Era o mesmo em qualquer parte do mundo, fora a posição das estrelas, mas em alguns lugares, como este, neste instante, parecia brilhar mais. O firmamento dava impressão de piscar, espocando sem ruído aqui e ali no fundo negro. Ela suspirou, e repousou a cabeça no ombro do advogado.

Jake parou de respirar por um momento. Depois fechou os olhos e inalou forte o perfume dos cabelos de Amber. Possuía um aroma único, com um toque almiscarado e floral. O perfume, que ele adivinhava ter sido trazido das Arábias, evocava imagens de odaliscas usando véus finos e coloridos, que moviam-se languidamente. Claro, essas odaliscas tinham a face da senhorita Stewart. Ela não poderia imaginar quanto o agradava aquele contato inocente, e como mexia com ele por dentro.

– Não está mais com raiva de mim? – Jake precisou perguntar, mesmo que a atitude dela fosse dócil no momento.

– Não.

Jake também suspirou, aliviado.

– Diga-me, diabinha, estava pronta para me golpear ainda há pouco? Ou ia apenas correr?

Amber deu uma risada que balançou o ombro de Jake. Ele sorriu.

– Eu não sei. Naquele instante achei somente que teria um ataque de nervos e do coração ao mesmo tempo.

Os dois riram alto.

– Não sei como não o percebi aproximar-se. Tenho o ouvido bem treinado, e fico ainda mais alerta quando estou só – Amber espreguiçou-se, afastando o rosto do ombro de Cunningham.

Ele controlou-se para não puxá-la de volta à posição anterior.

– E quem lhe ensinou a estar sempre em posição alerta? Seu pai?

Amber fez um sinal negativo.

– Zafira me ensinou. Foi a primeira amiga de minha mãe em terras árabes, e aceitou de bom grado o papel de governanta em nossa casa. Quando mamãe morreu, não muito tempo após nossa chegada, Zafira assumiu a função de ajudar na minha formação. Meu pai delegou a posição a ela, já que eu supostamente necessitava de uma figura feminina para orientar-me.

– Deve sentir muitas saudades dela, já que tomou o lugar de sua mãe.

O olhar de Amber distanciou-se, e ela enrolou-se mais em seu xale.

– Embora Zafira não tenha sido do tipo carinhoso, sim, eu sinto saudades. Ela protegeu-me o máximo que pôde, e a agradeço por isso.

– Protegeu-a? Como assim?

– Eu e meu pai estávamos vivendo em outra cultura, Cunningham, não esqueça. Precisamos aprender muito, mesmo já tendo bastante informação antes de nos instalarmos. Algumas coisas aprendemos vivenciando-as, não há outro modo.

– E Zafira ensinou-a os hábitos locais, a estar sempre alerta e o que mais? Técnicas de defesa? – Jake estava intrigado.

– Técnicas de sobrevivência, melhor dizendo.

– O modo de brandir uma cimitarra, por exemplo?

Amber riu alto.

– Nada tão óbvio. Mesmo porque as chances de uma mulher conseguir tomar uma cimitarra de um guerreiro bem treinado é ridiculamente pequena. Neste caso correr seria mais sábio, e rezar para que ele não lance nenhuma adaga nas suas costas também.

Jake concordou.

– Zafira me ensinou coisas mais simples, imediatas e práticas.

Jake pegou uma das mãos de Amber, que amassava a ponta do xale em gestos repetitivos, e esfregou entre as suas, para aquecê-la. Fez o mesmo com a outra. Ela aconchegou-se nele outra vez.

– Tais como? – Jake insistiu, apoiando sua cabeça na dela.

– Disfarce, por exemplo.

– Disfarce... Ah... Os truques que usa para não ser notada.

Ela torceu os lábios.

– Sei que não preciso ter muito trabalho para isso. Não sou bonita.

Jake retesou-se:

– Claro que é!

– Não digo isto à cata de elogios, Jake Rae. Mas sou consciente da minha aparência. Quando era mais jovem, e vivia aqui no Reino Unido, as outras meninas fizeram questão de me lembrar, várias vezes, que eu não tinha os olhos, os cabelos, nem o nariz adequados para encantar a nata da sociedade inglesa.

– Que bobagem. Essas meninas não sabiam de absolutamente nada!

Amber sorriu.

– Você é muito amável, senhor Cunningham, mas elas estavam certas. Puxei muito à minha família materna. E embora seja considerado um povo belo, não obedece os padrões estabelecidos pelos ingleses.

Para uma garota jovem e influenciável, estar cercada por belezas cintilantes pode ser muito constrangedor para quem tem uma face sem graça e cabelos que não aceitam bem os grampos.

As tolas colegas de Amber jamais adivinhariam que ela se tornaria uma figura atraente e sensual na idade adulta, e que certamente ofuscaria todas as pálidas moçoilas à sua volta se decidisse mostrar-se de verdade. Jake balançou a cabeça.

– Não estou sendo amável. Certamente não pode me acusar disso, logo você.

A risada de Amber soou alto nos ouvidos dele. O som do riso dela começava a dar-lhe uma sensação estranha, como cócegas em algum lugar indevido.

Ela continuou sua explanação, alheia às sensações que causava:

– Os homens me olham uma segunda vez porque tenho um rosto pouco comum, que combina elementos que afinal me caíram bem quando cresci. O resultado do conjunto desperta algum tipo de curiosidade que se confunde com luxúria. Eu aprendi a compreender e conviver com isto, e me proteger como posso.

Jake entendeu que Amber preferia esconder-se a sofrer assédio.

– Teve problemas aonde vivia, Amber?

– Felizmente não. Zafira orientou-me a nunca chamar atenção. As meninas de certos países já crescem aprendendo isto, como quem aprende a escrever o próprio nome. Diferente daqui, onde elas aprendem a se exhibir ao máximo para conseguir o maior número de pretendentes no menor tempo possível. Mas, se eu acabasse por atrair atenção masculina indesejada, e se algo saísse do controle, eu sabia o que devia fazer.

– E o que seria? – Jake franziu as sobrancelhas.

– Não importa, senhor Cunningham – ela levantou-se. – Vou entrar, está esfriando muito.

Amber se levantou, e Jake foi rápido em fazer o mesmo. Segurou-a pelo braço.

– Conte-me.

Amber olhou a mão dele, segurando-a. Lentamente seguiu o caminho do braço dele até seu rosto. O encarou, erguendo o queixo.

– Por quê?

– Porque eu quero saber. Porque eu sou seu amigo e me importo.

Amber não queria dizer mais nada. Cunningham não entenderia. E além do mais... Ela temia que isto a desmerecesse perante ele. Não teria muito tempo na companhia daquele patife, mas desejava que esse tempo fosse agradável. Era bom ficar sem brigar, e àquela noite, naquele santuário de amor e harmonia... Tudo o que menos desejava era receber uma reprimenda, ou uma aula sobre moral vinda de quem não estava sequer capacitado para isso.

– Besteira, Jake Rae.

Ele queria saber mais sobre Amber Stewart. Seus segredos, sua história. Mas, sobretudo, queria que ficasse mais tempo ao seu lado. Ali, num oásis de paz e beleza, com estrelas como fonte de luz, e sua voz como melodia de fundo, ele deixava de ser seu guardião, ela deixava de ser sua tutelada. Era somente Jake, ela apenas Amber, homem e mulher, amigos, ou um pouco mais do que isso até. Puxou-a pelo braço, e envolveu sua cintura.

– Conte-me.

– Você nunca desiste?

Um canto de sua boca sensual elevou-se. Ela queria sorrir. Estava cedendo. Jake maravilhou-se em tê-la nos braços dessa vez reagindo bem ao seu toque. Entrecerrou os olhos:

– Que graça teria nisso? Você sabia que um advogado nunca desiste?

– E um libertino? Desiste? – Amber sabia que não devia provocar. Ainda mais tendo-o tão próximo, e recordando-se bem do resultado de sua última aproximação.

O sorriso de Jake foi perigoso, mas o tom de sua voz sussurrante anunciava um risco maior:

– Se dizer não a um advogado é como desafiá-lo, imagine a um libertino... Está preparada para um homem que combina essas duas coisas? – Jake a trouxe para ainda mais perto. – Conte-me o que Zafira lhe ensinou.

– Não.

Jake aproximou seu rosto da face de Amber, e roçou o maxilar no queixo dela, bem lentamente, numa carícia provocante, até alcançar-lhe o ouvido. Mordiscou o lóbulo com suavidade, fazendo-a remexer-se.

– Conte-me.

Amber suspirou antes de responder:

– Não.

– Qual é o grande segredo? – Jake beijou a veia que saltava no pescoço dela.

– Nenhum. Nenhum segredo.

Jake passeou sua boca ao longo do pescoço de Amber, com seus dentes roçando-lhe por todo o pescoço, a barba por fazer causando um arrepio que a fez sacudir.

– Então conte-me.

Ela queria que ele parasse. Que continuasse. Ela não queria contar. Ou queria, para findar aquela tortura. Mas se contasse, então ele pararia o que estava fazendo... Oh... Devia contar.

– Não.

Jake riu baixinho. Um som que abalou Amber quase tanto quanto os lábios dele. Ela inclinou o rosto um pouco para o lado, dando mais acesso a seu pescoço.

Um grunhido satisfeito escapou de Jake quando ele pôde saborear melhor o pescoço de Amber. Sugou-lhe a pele enquanto a apertava mais forte.

– Jake... Vai... Me... Marcar a... Pele...

– Eu paro. Se você me contar...

Era um cabo de guerra.

Foi a vez de Amber rir.

– Não.

Jake riu ainda mais, voltando a murmurar em seu ouvido:

– Diabinha... Você está gostando disso, não está? E quer que eu marque você... Tem ideia do que um homem está sentindo quando dá um chupão no pescoço de uma mulher? Sabe o que ele está querendo fazer com ela? – Jake escorregou uma de suas mãos até as nádegas de Amber, e empurrou seus quadris contra os dela. A evidência de seu desejo, dura e rija, dizia tudo.

Um calor latente subia pelas pernas de Amber. Ela entendia Jake mais do que ele poderia imaginar. Estava permitindo que chegassem até aquele ponto, e em breve o advogado esqueceria o que gostaria tanto de saber, pois a excitação chegaria ao nível extremo de apagar tudo o mais e ofuscar seus pensamentos coerentes. Ela havia sido ensinada a estimular e atizar as vontades masculinas para se tornar a favorita de um homem se caísse em seu poder. Com isso também ganharia mais liberdade, e a possibilidade um dia escapular dele. O problema dos ensinamentos que recebera de sua criada é que continham muita teoria e pouca prática. E o que aprendera com Raed, filho de Zafira, antes que a ama descobrisse as lições *extras* e ficasse muito furiosa com eles, também não a haviam preparado para lidar com suas próprias reações a toda àquela sedução.

– Sei.

Jake ficou alerta. Ela sabia?

Deus.

Como assim?

O que e o quanto sabia?

– Sabe? – Jake sugou mais forte, e conduziu-a até uma árvore, até que ficasse recostada, com seu corpo a pressionando.

Acabariam por ser pegos numa posição comprometedora, e Christian certamente rugiria toda sua indignação por causa disso, já que o havia advertido apenas algumas horas antes sobre seu comportamento, porém o que menos queria, ou conseguia, naquele instante, era ser racional. Se o conhecimento de Amber fosse algo relacionado a sexo, e Jake intuía que era, ele necessitava saber. A torturaria somente mais um pouco...

A boca de Jake pairou alguns segundos sobre a de Amber, antes que ele contornasse seus lábios com a língua e a tomasse de assalto num beijo de tirar o fôlego, enquanto forçava a ereção contra seu corpo, num movimento lânguido de sobe e desce. Então soltou sua boca para seguir em linha descendente até o decote do vestido dela.

O caminho que ele percorria com sua língua fazia arder a pele de Amber. Ela esfregou-se nele, ousadamente, procurando aumentar ainda mais a sensação de calor ao seu toque.

– Oh... Habibi...

Jake não sabia o significado do que ela dizia... Mas com aquele tom de voz... Certamente ela não o estava rechaçando. Os beijos seguiam a linha do decote, infiltrando-se cada vez mais...

Era um ataque impiedoso aos sentidos, e a senhorita Stewart enfim capitulou.

– Ela... Ela me ensinou... – As palavras saíam num balbucio incoerente.

– Hum... ? – Jake fitou-a com os olhos pesados, atordoado por alguns segundos, antes de lembrar-se que havia feito uma pergunta ainda há pouco. Ou melhor, várias perguntas insistentes, até chegarem ali, quando a colocara contra uma árvore e a atacara com beijos instigantes.

– O que os homens gostam... O que os homens querem...

Então era isso? Ele quase riu. Amber tentava lhe esconder o fato de ter aprendido com sua ama como agradar a um marido? Ora, se todas as garotas aprendessem isso antes de entrar na igreja, muitos casamentos deixariam de ser desastrosos.

Ele segurou o rosto da senhorita Stewart nas mãos.

– Estava com vergonha de contar-me isso? Tola. – Beijou-a mais uma vez.

– E também... a conduzir as coisas a modo de fazê-lo querer-me acima de qualquer outra.

Ooooooh... Jake congelou.

O que. Significava. Isso?

– Como... Como assim? – Jake não soltou o rosto de Amber. Agora a encarava profundamente, tentando descobrir, em seu olhar, o que mais suas palavras diziam.

– Se eu me tornasse refém... Se eu fosse parar em algum harém...

Jake sequer piscava. Seus olhos grandes e verdes vasculhavam fundo a alma de Amber, procurando ver tudo, descobrir tudo que havia ali escondido. Assentiu devagar, incentivando-a, e temendo que um movimento brusco pudesse assustá-la e demovê-la do intuito de abrir-se.

– Eu fui ensinada a me tornar a favorita do meu captor, de modo a evitar maus tratos e punições, e principalmente a não ser despachada como prostituta a outros. – Amber ergueu o rosto, buscando coragem em sua atitude para concluir o que havia começado. Jake queria saber o que ela aprendera nos

anos fora do Reino Unido? Pois então que soubesse tudo! E se buscasse depois afastar-se dela por causa deste conhecimento, melhor. Seria algo a menos que deixaria para trás. Já havia perdido tanto, por que não mais alguma coisa ou alguém? – Assim também não viveria numa cela ou masmorra, e possivelmente teria chance, um dia, de fugir.

Mas... Que merda era essa? Jake estava perplexo. Não era um idiota ingênuo, e sabia que a escravidão ainda existia em várias partes do mundo, e sob muitas formas – uma praga a ser combatida – mas será que de fato era tão comum aonde ela vivia a ponto de que, mesmo moças de família, protegidas e guardadas, precisavam saber lidar com ela? A ponto de necessitarem saber o que esperar, o que fazer, quais planos traçar se fossem raptadas, tal qual se aprendia a fazer cálculos para o momento em que precisasse usá-los em alguma conta? Ele não queria crer nisso. Não queria crer que alguém podia ser tomado de seu lar, numa noite fria, e ser levado embora para um local ermo, apenas para servir de prazer a algum maníaco... Era cruel por demais.

Puxou Amber com força para seus braços.

Precisava que ela entendesse que esse risco não existia mais.

Porém, mesmo enquanto dava-se conta que ela inicialmente resistia ao abraço, para então contornar sua cintura com mãos hesitantes, e afundar o rosto nas dobras de seu casaco, Jake sabia que não podia garantir-lhe que estava totalmente fora de risco. O sheik estava vindo. E se pudesse, faria com Amber o que ela temia, e estava desde a tenra idade, aparentemente, aguardando numa expectativa amarga: ser aprisionada, tomada e subjugada. Beijou os cabelos dela, carinhosamente.

O risco podia existir, mas que Deus tivesse piedade da alma de qualquer um que tentasse fazer mal a Amber. Jake não permitiria. Mataria o bastardo.

Capítulo 13

Partir de Essex foi como deixar um pedacinho seu para trás. Amber havia sentido, no pouquíssimo tempo em que estivera lá, como era a vida de um casal amoroso. Tinha lembranças do casamento dos pais, claro, não era tão pequena quando a mãe faleceu, mas parecia ter passado tanto tempo desde que vira felicidade conjugal... Até se esquecera como aparentava. De todo modo, não era a mesma coisa. Seus pais haviam pagado caro por sua infração ao apaixonarem-se e casarem-se sem permissão. Sem o respaldo de suas famílias, jovens e inexperientes, o casal dependera da boa vontade do padrinho de Elijah por um bom tempo, até conseguir se firmar como professor. Depois, quando o padrinho faleceu, as coisas ficaram mais difíceis, e vagaram sem rumo à cata de oportunidades, até resolverem partir para o exterior, junto com outros didatas que se espalhavam pelas áreas onde os braços poderosos do Reino Unido conseguiam alcançar e se infiltrar. Alessa conseguiu ter seu livro sobre cultura egípcia publicado, graças à influência de seu irmão, que embora os auxiliasse à distância, nunca viera visitá-los. Certamente para não se indispor também com Conde Di Olinto, que não queria nem mesmo ter notícias deles. A renda da publicação ajudou-os a se estabilizarem, até que conseguiram uma boa colocação numa cidade relativamente pacata em solo estrangeiro. Então a mãe adoeceu e faleceu...

Gostara de voltar a ver um casal apaixonado e feliz. Ela podia não desejar casar-se, mas era agradável observar quando um par funcionava bem.

E os pobres meninos... Choraram por sua partida. Amber quase desmoronou junto com eles.

E também... Deixar Colchester significa voltar a ficar a sós com Cunningham. Ele se mostrara um perfeito cavalheiro desde que haviam retornado do jardim na noite passada, e não fizera mais nenhuma investida, porém Amber pressentia que a mente dele estava trabalhando. O que pensava? O que planejava? Não gostava de surpresas, e sua experiência com elas não era boa. Se Jake pretendia usar a informação que ela dera para repassá-la aos seus familiares italianos, e inadvertidamente atrapalhar seu planos de abrir uma escola, ela jamais o perdoaria. E faria picadinho dele. Só precisaria de um facão bem grande. Bem grande mesmo. Afinal o homem era alto, forte e determinado. Derrubá-lo não seria fácil. Amber pegou-se suspirando apenas ao fitar suas mãos másculas e poderosas. Ah, ele deveria saber fazer coisas bem interessantes com aquelas mãos e... E dedos... E com...

Afastou o olhar, atônita consigo mesma. O que estava pensando?

Desviou o olhar. Precisava de algo para se distrair. Um livro. Ou dois. Ou vários. Com urgência.

Jake possuía uma maneira peculiar de pensar.

Ele conseguia separar o que devia ser pensado como homem comum, ou o que precisava da análise fria e impessoal de um advogado.

Deveria, evidentemente, pensar em Amber como advogado. Ela era trabalho, obrigação e ainda por cima, incômodo.

Ou deveria ser.

Era, no início.

Haviam passado deste ponto.

Pelo menos ele passara.

Os últimos dias viraram sua cabeça. E a noite anterior fora definitiva para levar seu imaginário a um ponto certamente sem volta.

Fora deitar-se pensando em Amber. E amanhecera com ela na cabeça.

Amber entrara na sua mente, de modo absoluto.

Desejava-a com uma intensidade que desconhecia até então, e enquanto rolava na cama até que a claridade enfim atravessasse as janelas do quarto para lembrar-lhe que já amanhecia, sua imaginação lhe mostrara todas as formas em que Amber se entregaria a ele, e todos os modos em que a tomaria: de bruços na cama, na ponta de uma mesa com os calcanhares apoiados em seus ombros, desnuda e apertada contra ele numa tina de água quente, e – melhor de todas as fantasias – com toda a excitação dele contida em sua boca.

Como ficara muito ciente em seu encontro no jardim – excitava-se novamente apenas ao relembrar-se – ela reagia bem a suas carícias.

E se, afinal de contas, ela já era uma mulher tão experiente ao ponto de saber como deixar um homem tão louco por ela que não houvesse a possibilidade de pensar em nenhuma outra mais, e se eles estavam atraídos um pelo outro, por que não poderiam fazer daquela viagem algo muito mais agradável?

Por que não dar vazão aos seus desejos?

Ela não queria compromisso, ele, muito menos, mas poderiam se tornar amantes.

No entanto, mesmo Amber não sendo virgem, não era como as outras a quem ele já fizera esta proposta.

As amantes que tivera eram mulheres habituadas a acordos e trocas, e não se escandalizavam ou ofendiam-se com este tipo de relacionamento.

Era óbvio que Amber não era assim. Além disso, vinha de boa família e não iria se agradar caso ele desse a impressão de julgá-la fácil. De fato ela era uma dama da nobreza italiana, e deveriam dirigir-se a ela como milady, mas, em uma das muitas conversas que tiveram, se mostrara avessa ao uso do título. Explicara que sua mãe, renegada pelo conde, não o usara, logo ela também não o queria.

A tática de Jake para conseguir Amber deveria ser o caminho mais sutil da conquista. Já até havia começado, mesmo que, àquele momento, não planejasse realmente possuí-la por completo. Claro, acreditava que tratasse com uma virginal dama!

Nunca havia tirado a virgindade de uma donzela. E nem pensava em fazê-lo! Abominava qualquer homem que seduzisse uma moça e não oferecesse compromisso em retribuição. Esta tinha sido uma das razões pelas quais estivera relutante à união de sua querida prima Suzanne com Robert Barker. O marquês de Brighton fora dono de uma das reputações mais terríveis do Reino Unido. E para escandalizar um libertino como Jake, precisava mesmo ter aprontado muito. Felizmente Robert mudara, e se tornara um homem honrado e admirável.

Fitou as próprias mãos, evitando voltar sua atenção à Amber, já que admirá-la por tempo demais dava-lhe ideias que acabariam por levá-lo a cometer algum ato que poderia assustá-la. Após algum tempo preso a algum ponto além das janelas, seu olhar recaiu sobre sua companheira de carruagem. Estava sentada diante dele, usando um vestido amarelo presenteado pelas amigas modistas. A roupa lhe caía bem, contrastando com o cabelo escuro e a pele que ainda possuía um pouco do bronzeado originado pelo sol inclemente das terras orientais. Com o tempo esta cor encantadora fatalmente mudaria, mas tinha certeza que a diabinha ficaria bem mesmo na palidez.

Destinou-lhe um breve sorriso, ao que ela correspondeu.

Compartilhavam, mais uma vez, o chacoalhar preguiçoso da carruagem que atravessava os condados do Reino Unido, com destino à Southsea. Jake ansiava pela chegada da noite, quando poderiam jantar e conversar a sós. Precisaria ser cuidadoso em seu avanço. Um passo em falso e Stewart fugiria dele. Já a conhecia o suficiente para ter certeza disso.

Capítulo 14

Estavam aproximando-se de Londres quando uma chuva torrencial desabou ao entardecer, escurecendo rapidamente o céu, e atrapalhando a visão do cocheiro. Oliver precisou parar a carruagem na primeira taberna que conseguiu avistar, nas proximidades da estrada principal.

Assim que entraram no recinto, ensopados, Jake percebeu que seria difícil conseguir uma mesa para que Amber e ele pudessem ter uma conversa íntima e agradável. O local estava lotado! Parecia que todas as pessoas das redondezas haviam se abrigado ali durante a tempestade. Cumprimentou até alguns conhecidos enquanto abria caminho até o balcão. Mundo pequeno este! Vários homens estavam debruçados, solicitando atenção, bebidas, hospedagem. Jake deixou Amber aos cuidados de Oliver e às cotoveladas conseguiu aproximar algumas moedas reluzentes das vistas do taberneiro. O homem voltou sua atenção a ele:

– Em que posso servi-lo, sir?

– Preciso de dois quartos.

O homem sorriu, abrindo os braços para que olhasse em torno:

– Estamos lotados, meu senhor, não tenho mais quartos.

Jake fez sinal com a mão para que o homem chegasse mais perto, e aumentou sua oferta em dinheiro. O taberneiro anuiu, animado com o valor expressivo.

- Posso conseguir um quarto, mas apenas um. É pequeno, mas limpo. – O homem cochichou, conspiratório, apenas para os ouvidos de Jake. – E se o senhor falar sobre isso em voz alta, me trará problemas.

As pessoas em volta já estavam alteradas, procurando ouvir o que eles estavam falando. Se percebessem que Jake havia passado sua frente e lhes tirado uma vaga, ficariam certamente furiosas. O advogado assentiu. Pelo menos Amber teria onde dormir. Oliver poderia se acomodar na estrebaria junto com os outros cocheiros que esperavam seus patrões, e Jake tiraria um cochilo sentado em alguma cadeira diante do quarto de sua companheira de viagem. Não arriscaria deixá-la sem proteção em meio a tantos homens, muitos deles com aparência assustadora.

Voltou até onde o cocheiro estava, num canto, com Amber ao seu lado, de cabeça baixa, o rosto e os cabelos protegidos pelo capuz do seu manto. Ela detestava mesmo atrair atenção, constatou Jake.

– Importa-se de fazer a refeição no seu quarto, senhorita Stewart?

Amber olhou em volta, discretamente.

– Acredito que será o melhor.

Jake assentiu. Acompanhou-a até o quarto indicado pelo taberneiro após instruir Oliver a descansar no estábulo.

Quando chegaram até o quarto, após subir um lance de escadas, Jake abriu a porta e examinou rapidamente o local. Era de fato pequeno, mas estava em ordem. Pousou a um canto a bagagem que Amber havia selecionado para o pernoite. Hesitou, com sua própria mala na mão.

– Eu... Eu poderia deixar minhas coisas aqui enquanto providencio uma refeição?

Amber encarou-o, franzindo as sobrancelhas.

– Claro, mas... Por que não a deixa em seu próprio quarto?

– Porque não consegui um quarto, Stewart.

Sempre que Jake começava a impacientar-se ou queria provocá-la, demonstrando desdém, chamava-a pelo sobrenome. Amber habituara-se, e achava graça. Era melhor que chamá-la de “diabinha” como fazia às vezes. Ha, ha, ha... Como se ele mesmo fosse algum exemplo de candura! Com seus cabelos dourados formando um halo em volta da bela face, e seus olhos de um verde límpido e precioso, o senhor Cunningham podia muito bem parecer, num momento de distração, um anjo. Mas ela sabia que aquele advogado de respostas duras e ríspidas, sorriso malicioso e boca sensual, e lábios e mãos provocantes, estava mais para Lúcifer que para Miguel.

– E como pretende dormir, Cunningham? – Amber cruzou os braços.

– Em uma cadeira, no corredor, à sua porta.

– Não seja ridículo. Não vai dormir à minha porta!

– Vou dormir aqui na sua porta, sim. Viu a aparência que têm alguns dos homens lá embaixo? Não irei arriscar que algum bandido venha forçar sua porta durante a noite, com intenção de roubar sua bolsa e também violá-la.

Jake dormiria sentado, no desconforto, podendo juntar-se ao cocheiro e pelo menos garantir um local para esticar as longas pernas, apenas para garantir sua segurança?

O olhar de Amber mudou, e ela descruzou os braços.

– Faria mesmo isto por mim? Para proteger-me?

Jake apertou os lábios.

– Mas é claro que faria! O que acha que sou, diabinha? Um insensato?

Amber riu. Aquele som musical que balançava Jake por dentro, trazendo uma vibração que ecoava em seu exterior e aticava sua virilha, excitando-o mesmo sem intenção. Ele apertou os lábios com ainda mais força. Planejava começar uma agradável sedução esta noite, e ao invés disso jantaria sozinho, numa espelunca que preferia nunca ter estado e dormiria sentado, calçando as botas que usara o dia todo e que já o estavam começando a incomodar. E com as roupas de baixo úmidas!

E para completar, Stewart ainda ria dele! Que beleza...

Ela retirou o capuz, e inclinou o rosto, num movimento harmonioso que ele acompanhou em cada detalhe, encantado:

– Acho que você está sendo muito gentil, e acho também que nunca fizeram por mim algo tão doce.

Jake sentiu-se subitamente tímido. Baixou os olhos e arrastou o pé no chão de madeira descascada:

– Ambos sabemos que não sou gentil e nem doce. Agora vou providenciar a refeição. Tranque a porta e só abra quando ouvir minha voz chamando-a. Eu mesmo trarei sua comida.

Oh, as surpresas daquela noite não teriam fim! Jake bancaria seu criado! Amber quase riu de novo, mas com certeza ele não gostaria disso, e julgaria que fosse provocação, ao recordar-se da primeira discussão que tiveram, em casa de sua madrinha, exatamente porque ela insinuara que o teria como servo.

Ela pôs a mão sobre o braço dele, impedindo-o de afastar-se:

– Providencie refeição para dois e venha jantar comigo.

A boca de Jake abriu-se, e seus olhos arregalaram por um instante, antes de recompor-se:

– Eu e você, no seu quarto? Tem certeza?

– Claro que tenho. Que mal pode haver compartilharmos uma refeição? Já não fizemos isso muitas vezes desde que esta jornada teve início?

Sim, mas nunca dentro de um quarto. Com uma cama por perto. Jake engoliu em seco. Ela não sabia o que estava fazendo. Convidando o lobo para sua casa... Bem, ele não reclamaria. Talvez seus planos não estivessem perdidos, afinal, apenas alterados. Poderiam enfim, desfrutar um jantar íntimo. Era tentador pensar em mais do que isso, mas se absteria. Iria devagar.

– Certo. Voltarei logo.

Amber aquiesceu, fechando a porta.

A refeição não havia sido das melhores. Não tinha muito sabor, a carne estava dura, e a sopa, fria. Mesmo assim estavam satisfeitos. Jake havia podido descalçar as botas e Amber havia trocado as roupas molhadas enquanto o aguardava. Aquecidos e confortáveis, sem a preocupação de sofrerem um acidente numa estrada enlameada e irregular, sentiam-se tranquilos para conversar ou, como agora, usufruírem de um agradável silêncio antes de recolherem-se ao sono.

Jake não tentara nenhum avanço.

Não pretendia dar a Amber a impressão de que estava se aproveitando da situação para impor-se. Podia ser um libertino, mas tinha princípios, e um deles era nunca acuar uma mulher de modo a forçá-la a dormir com ele.

– Até que o quarto não é tão ruim.

– Em comparação com chuva e frio, é maravilhoso! – Ela riu.

Jake deslizou um pouco em sua cadeira, sorrindo.

– Eu preciso agradecer-lhe, tenho certeza que não foi fácil conseguir este quarto. – Amber havia pensado muito nisso enquanto ele providenciava comida para ambos. Do jeito que o lugar estava cheio, Jake devia ter persuadido o estalajadeiro com uma boa quantia para que sua reserva acontecesse. Apostava que situações como estas não seriam contabilizadas no acordo feito com lady Price. Quando chegassem à Itália precisaria verificar cada moeda que lhe devia.

– Não foi nada. – Jake ergueu-se, contendo um bocejo. – Bem, se a senhorita me ceder uma de suas cadeiras, ficarei grato. Preciso recolher-me aos meus aposentos. Tenha uma boa noite.

Jake fez uma mesura exagerada, e puxou a cadeira em que sentara antes, seguindo em direção à porta.

– Jake, é um absurdo que durma sentado no corredor!

– Eu não tenho muitas opções, senhorita. – Um meio sorriso surgiu no rosto dele. – Não precisa se preocupar, amanhã estarei ótimo. Já passei algumas noites desconfortáveis antes e ainda estou vivo. E já passei algumas noites sem dormir... – O sorriso dele tornou-se mais insinuante. – E me senti melhor que nunca.

Amber balançou a cabeça, censurando-o.

– Não banque o falastrão, ou desistirei de convidá-lo a dormir aqui.

Jake estacou.

– Dormir aqui?

– Não é como está pensando – ela apressou-se a dizer – o quarto não é tão pequeno que não possa ajeitar uma manta no chão e dormir.

Ah.

– Não quero incomodar.

– Não seria incômodo algum.

Jake deveria dizer não. Havia conhecidos circulando por ali. Se algum deles soubesse que estava compartilhando um quarto com Amber... a reputação dela ficaria manchada. Embora ela ainda não fosse conhecida pelo ton, poderia ser. Era neta de um conde, e nascida no Reino Unido. Iria e viria quando quisesse, para visitar a madrinha, as amigas ou até fixar residência para fundar sua escola. Alguém poderia comentar... E ele não desejava que Amber carregasse o estigma de mulher sem moral. Quando se tornassem amantes ele teria o cuidado de protegê-la de comentários maldosos, não pretendia que seu caso se tornasse público.

– Talvez não seja a melhor das ideias, apesar de sua boa intenção. Mesmo que durma pendurado na janela parecerá que dormi com você. Na sua cama.

– Estamos viajando sozinhos, dia e noite, faz dias. Minha reputação já deve estar na lama a esta altura – Amber sacudiu a cabeça, sorrindo. – Não seja tolo, sabe que ninguém me conhece! Também não faria diferença. Deverão pensar que sou apenas mais uma de suas conquistas! Nada importante. Só mais uma do Jake.

Jake não gostou do modo que ela falou. De alguma forma, não lhe soou bem. “Apenas mais uma de suas conquistas!”, “nada importante”...

Vendo a expressão sombria dele, Amber estalou a língua.

– Ora, quer dizer que nunca viajou com uma amante? Nunca carregou uma mulher para uma estalagem?

– Nunca para uma estalagem tão ruim – ele rosnou.

Amber soltou um bufo debochado.

Jake aproximou-se dela, com semblante fechado.

– As mulheres com quem me envolvo não são tratadas com pouco caso. Este quarto – ele apontou a cama, com desprezo – este leito...

– Isso não me interessa! – Amber o interrompeu, bruscamente. – Só perguntei se você queria dormir aqui dentro para que pudesse descansar de fato! Pegue a sua maldita cadeira e saia!

Jake retesou-se. Que reação! Ele deveria estar ofendido, não ela!

– Quer saber? Não vou pegar cadeira maldita alguma! Eu vou dormir aqui!

Amber o empurrou:

– Não vai, não! Fora!

Jake não saiu do lugar.

– Não! Eu vou ficar!

Oh, ela estava tão brava! Como ele ousava recusar sua oferta generosa, e ainda desdenhar dela falando como se comportava com suas prostitutas? Ele que se danasse e entortasse a espinha!

– Uma ova que vai!

– Eu paguei por este quarto, não pode me expulsar!

Jake cruzou os braços, e plantou-se melhor ao chão, separando um pouco as pernas, e fincando os pés com firmeza, caso ela continuasse a empurrá-lo.

– Posso e vou! O problema é dinheiro? – Amber desistiu de empurrar o camelo teimoso e foi até sua bolsa.

– Se atrever-se a pegar o seu dinheiro para jogá-lo em mim, irá se arrepender.

Jake proferiu as palavras com um tom de voz tão calmo e baixo que Amber desistiu de pegar suas

moedas e lançá-las, exatamente da forma como ele previa. Algo lhe disse que um grito dele seria menos perigoso que sua fala contida.

– Quer saber? Você pagou pelo quarto, e pela cama. Justo! Fique com tudo.

Amber colocou a mão no trinco e abriu, ao mesmo tempo em que Jake segurou-a pelo pulso. Enfrentaram-se, com a porta escancarada.

– Não seja estúpida!

– É você quem está sendo!

– Entre!

– Saia!

– Eu estou dizendo para entrar nesse quarto agora!

– Você não me dá ordens!

– Ah! Você é a mulher mais irritante... – Jake a puxou para dentro, fechando a porta, e colando seus lábios aos dela com força.

Amber tentou afastar-se, mas Jake não permitiu. E quando ele tentou interromper o beijo, ela o segurou pelo colarinho, prendendo-o.

Chocando-se um ao outro, continuaram a se beijar, até caírem abraçados na cama.

Jake estava por baixo, absorvendo o impacto de ter o corpo de Amber sobre si. Era maravilhoso! Suas mãos escorregaram devagar, deslizando pelo corpo feminino, sentindo-lhe as curvas escondidas sob as pregas do tecido. Ele gemeu ao sentir as mãos dela fazendo o mesmo em seu corpo.

Amber empurrava as lapelas do casaco de Jake.

Queria sentir-lhe a pele!

Desejava saber se era tão quente e forte quanto parecia toda a vez que ele a abraçava, se tinha a complexão tão poderosa quanto sentira ao cair-lhe por cima.

Jake ergueu o tronco apenas o suficiente para desvencilhar-se do casaco e arrancar a gravata. Voltou a beijar Amber, sofregamente, descendo as mãos até a pélvis. Forçou-a a esfregar-se contra ele.

Sinta-me!

– Eu a quero...

Os quadris dela balançaram contra os dele, incentivando o movimento luxurioso, acompanhando a língua pecaminosa de Jake, que simulava o ato sexual de forma atordoante.

Subitamente viu-se livre de seu vestido.

Que bom!

Jake beijou seu pescoço enquanto esticava-se para abrir-lhe o espartilho.

Amber começava a sentir-se trêmula, mas ainda assim conseguiu soltar os botões do colete que Jake vestia. Em segundos ele a enlaçou, girando com ela pela cama, e deitando-a de costas, enquanto a libertava por completo de espartilho.

O colete dele também foi lançado longe, seguido pela camisa que foi arrancada com tanta rapidez e graça que Amber sentiu a excitação crescer ainda mais. Ele tinha o torso num tom levemente dourado, com músculos bem delineados e pêlos claros que contornavam-lhe os mamilos e desciam até sumir entre os cócs de suas calças. Nunca havia visto um homem tão bonito!

Jake ergueu-se sobre ela, com os braços esticados em cada lado do seu corpo, mirando-a.

– Você não imagina como a desejo, Amber. Diga-me se o desejo que sente por mim é tão grande quanto o meu.

Ela fechou os olhos, num suspiro feliz.

Jake era impossível de não ser desejado.

E ela o queria muito!

Abriu seus olhos, encontrando os dele concentradíssimos nela.

– Eu o desejo tanto, ou mais.

Ele abriu um sorriso lento:

– Ainda bem!

Inclinou o rosto para alcançar-lhe a boca mais uma vez.

As mãos de Jake voltaram a viajar pelo corpo de Amber, alcançando-lhe a barra da camisa fina, e erguendo-a com uma lentidão torturante. Quando conseguiu retirar a peça por completo, ele pôs-se de joelhos na cama, admirando-lhe.

– Perfeita!

Os dedos dele passearam pelo ventre de Amber, com veneração. Subiram até os seios, tocaram-nos com cuidado, arrepiando os bicos castanhos até que ficassem duros e doloridos. Então tornaram a descer, parando nas calças curtas e finas que ela usava.

– Gostei disso – ele murmurou, tocando o tecido diáfano.

Amber baixou as vistas para a pequena peça. Zafira lhe dera algumas peças como aquela. Imitavam as usadas como trunfo pelas favoritas do rajá que o tio Hassan servia. Eram-lhe preciosas, e das poucas coisas que fizera questão de carregar consigo em viagem.

– Mas vou gostar mais ainda de retirá-la... Vai permitir, Amber?

As mãos dele, grandes e quentes, contornavam-lhe a cintura, fazendo os dedos roçarem pelo seu estômago, até infiltrarem-se gentilmente pelas laterais da pequenina calça.

Ela arfou, enquanto se contorcia ao toque másculo.

– Sim!

Enganchando os dedos nas bordas, despiu-a com delicadeza.

Esticou-se sobre Amber, observando-a com olhar faminto. Curvou-se para tomar-lhe um seio nos lábios, fazendo-a gemer alto. Fez o mesmo no outro lado, com ainda maior intensidade, enquanto percorria com uma das mãos a pele macia, até chegar a seu centro feminino e alojar-se em seu calor úmido.

Era sensacional. Não sabia quem estava mais em brasa. Se ele ou o interior dela.

– Eu quero entrar em você.

– E eu quero que entre. – Amber remexeu-se embaixo dele.

Jake alcançou-lhe a boca, em mais um beijo ardente, enquanto abria os botões de suas calças.

Desvencilhando-se da última peça que o separava de Amber, Jake empurrou as pernas dela para os lados, e acomodou-se entre os quadris que ergueram-se para recebê-lo melhor.

Numa investida única e poderosa, penetrou-a.

Amber não gritou, mas o movimento convulsivo que jogou seu tronco para frente, num ofegar surpreso, foi claro e ainda mais revelador que o rompimento sentido embaixo.

Ela certamente aguardava que a dor viesse, mas não esperava ser tomada tão bruscamente. E logo por Jake, a quem confiava e reconhecia como amigo.

Na primeira vez deles.

Ou melhor, na primeira vez de todas.

Jake estava tão surpreso quanto horrorizado consigo mesmo.

Nunca levara uma virgem para cama, mas mesmo um idiota saberia reconhecer ter tirado a virgindade de uma dama.

E de forma bruta.

Putá merda.

Ele encostou seu rosto no de Amber e ficou quieto e silencioso até que ambos se acalmassem.

- Desculpe-me, desculpe-me. – Ele a beijou na face, e então no ouvido, e no pescoço, onde se aninhou, perdido em seu aroma único.

Amber assentiu, devagar, esfregando o rosto no de Jake. Ele soltou um pequeno suspiro, aliviado por ter sido perdoado em sua rudeza.

Os sentidos logo voltaram a funcionar. Estava nu, dentro de Amber... A quentura feminina envolvia seu membro, apertando-o fundo até que o desejo voltou a dominá-lo e ele começou a pulsar. De que adiantava retirar-se dela agora? Seria uma punição tola. O mínimo que podia fazer era compensá-la, trocando a dor que causara pela sensação de prazer que sabia poder fornecer-lhe. Sua diabinha sabia o que esperar de um homem, o que iria receber e o que dar, bastava-lhe começar a mexer-se, pois em breve estariam novamente arrebatados.

Ele retirou-se parcialmente de dentro de Amber, e voltou, num ritmo lento, testando a reação dela. Amber mordeu o lábio, jogando a cabeça contra o travesseiro. Jake repetiu o movimento, intensificando-o gradativamente.

Ela envolveu-o com as pernas.

Foi a vez de Jake jogar a cabeça para trás, numa exclamação deleitada.

Quando os gemidos dela soaram mais altos, os golpes dele aceleraram. Perderam a noção do tempo e do lugar, distanciando-se dos problemas, das brigas, das diferenças, criando um momento especial e um mundo único, onde só o prazer de estarem juntos, descobrindo-se, importava.

A mágica de estarem fazendo amor sem reservas os levou ao êxtase, e Jake hesitou apenas um segundo antes de despejar todo seu gozo dentro de Amber, levando seus corações a dispararem com ainda mais força entre espasmos e suspiros delirantes.

Mas Jake decidiu que Amber merecia mais, então a provocou com novos beijos e carícias, e entre palavras de incentivo sussurradas a cada vai e vem, levou-a até o clímax outra vez.

Jake observava Amber dormir. Parecia tão ingênua e frágil sob a luz das velas...

Ele havia cometido um erro de julgamento. Cego pelo desejo nem quisera cogitar a possibilidade de uma diabinha como aquela ser virgem. Tolo. Apenas porque ela dizia saber o que fazer para agradar um homem, julgara-a experiente! Sua doutrinação resumia-se a beijos bem dados, e não passara disso. O que Amber parecia saber muito bem era teoria. Demonstrou que entendia do assunto ao tocar-lhe em toda sua extensão quando a despertara para uma segunda brincadeira na madrugada.

E a verdade era que Jake gostou de descobrir que a sabedoria de Amber não advinha da prática. E que agora iria praticar com ele.

Deu um pequeno suspiro enquanto retinha um dos belos cachos do cabelo de Amber entre os dedos. Aproximou-o do nariz, deliciando-se por enfim ter aquele aroma misto de almíscar, sândalo e rosas ao alcance de sua mão, em seu travesseiro, e impregnado nele.

Havia feito amor com ela duas vezes naquela noite. E queria mais. Só parara por não saber exatamente quanto uma jovem recém desvirginada podia aguentar. Afinal ele era grande, e não conseguia ser delicado no sexo. Pensar que deveriam sair do quarto para seguir viagem, e que suas mãos teriam que se afastar dela, já o deixava frustrado.

Era um homem horrível, sem dúvida.

Um maldito libertino que além de corromper uma moça de família, não se arrependia disso.

Mas a consciência de ter roubado de uma inocente um bem íntimo e valioso, num arroubo inconsequente, selava em definitivo o destino de ambos.

Precisava casar-se com Amber.

Alguma coisa rígida cutucava-lhe as nádegas. E um peso envolvia sua cintura.

Amber tentou mexer-se, meio tonta. Despertar era sempre meio confuso para ela. Onde estava mesmo?

Oh... Sim, desanuviou seus pensamentos. Estava no quarto de uma estalagem ruim, numa cama pequena, que rangia com os seus movimentos.

Com Jake abraçado a ela.

E ele também estava acordando.

– Bom dia. – Ele apertou-se mais às costas dela, beijando-a no ombro.

– Hum...

Isso era muito boooom.

– Vou providenciar nosso desjejum.

Quando Jake levantou-se, Amber sentiu um frio súbito. Vendo-o circular pelo quarto, nu e muito à vontade, deu-se conta do que havia feito.

Do que ambos fizeram.

Envolver-se em beijos e carícias num jardim, era uma coisa, mas irem parar entre os lençóis, rolando juntos durante toda noite, era outra bem diferente...

Amber fechou os olhos. Não queria pensar nisso. Havia tido momentos incríveis com Jake, que certamente viveriam em sua memória para sempre. Lembranças às quais recorreria em noites futuras, quando encontrar-se-ia sozinha, em sua casa de solteirona, após um dia de trabalho. Trabalho esse na escola que fundaria ao juntar a pequena herança deixada por seus pais e a parte que lhe pertencia do espólio italiano. Ainda de olhos fechados escutou Jake vestir-se, inclinar-se diante dela para roubar-lhe um beijo e deixar o quarto.

– Eu não demorarei, Amber. Não saia daí.

Ela levantou-se rápido, colocando as roupas de forma apressada. Se o advogado planejava uma nova sessão de prazeres após a refeição, não teria sucesso. Ela tinha certeza absoluta que se aquela aventura amorosa se estendesse, sairia ferida.

Também não se sentiria culpada pelo acontecido, nem culparia Jake.

O que ela podia esperar de um libertino?

O havia visto flertar com outras mulheres, no início da viagem, mas não sabia se ao final do dia ele havia levado uma delas para seu quarto, em alguma das várias estalagens pelas quais passaram. Se o fizera, fora com total discrição. Mas se não, então esta era mais uma razão para qual ele acabasse sentindo-se tentado a dormir com ela.

Zafira explicara que o desejo sexual de um homem habituado a ver seus prazeres saciados com frequência era grande.

Naturalmente, sem sexo havia algum tempo, e com uma mulher à mão a quem conseguira beijar sem muito esforço, Cunningham sentiria-se tentado a ir além.

Amber fora escolhida por isto. Por uma mera combinação de falta de opção com oportunidade. Ela aceitava o fato e pronto.

Quando Jake regressou, alguns minutos depois, seu rosto demonstrou a decepção por Amber ter levantando-se da cama e se vestido.

– Eu devia imaginar que levantaria. Principalmente quando pedi-lhe que não o fizesse.

Pôs a bandeja com a refeição na mesinha pouco confiável que havia no canto. Como previra, o móvel bambeou com o peso. Jake fitou-a, desconfiado, até que parasse de balançar. Depois voltou-se para Amber, sorrindo:

– Vamos comer?

Após uma refeição tudo parecia soar melhor para Jake. Acreditava que Amber também fosse assim. Sentaram-se.

Jake partiu um pedaço de pão, colocou uma camada de geléia em cima, e o passou para Amber.

Ela gostaria de sentir-se tão à vontade quanto Jake parecia estar. Ele parecia bem, satisfeito, seguro. E muito cuidadoso com ela. Então era assim que um libertino tratava uma mulher no dia seguinte a uma noite de prazer? Ele cuidava dela, e a alimentava, de forma carinhosa? Imaginava que este tipo de homem fugisse à primeira oportunidade, depois de saciado em sua luxúria.

Mas, também, ele não poderia simplesmente fugir ou “livrar-se” dela, poderia? Não, claro que não. Amber era a obrigação, o trabalho que ele teria que cumprir, com o qual estaria comprometido por mais alguns dias. Uma dorzinha incômoda surgiu, apertando seu estômago.

Assim que a refeição terminou, Jake clareou a garganta:

– Bem, agora precisamos conversar.

Oh... Lá vinham as desculpas...

– Não precisa, Jake. Não há o que dizer, nem explicar. Nós tivemos algo bom noite passada, aconteceu, e pronto. Agora devemos arrumar nossas coisas e seguir viagem.

Amber estava aliviada de poder enfim transpor em palavras o que ambos sentiam sobre o acontecido naquele quarto. Sem acusações, sem culpa e sem brigas. Pelo menos dessa vez sem brigas.

Jake pareceu confuso, e balançou a cabeça.

– Nem sabe o que eu ia dizer!

– Sei. Que cometemos um desliz, num momento de fraqueza.

– Um desliz num momento de fraqueza? – Jake repetiu, descrente.

– E não foi isto?

As sobrancelhas de Jake juntaram-se e ele respondeu, pegando o rosto de Amber entre as mãos:

– Não exatamente. Amber, pare de falar e me escute.

Os olhos azuis noite pareceram ficar ainda mais escuros, arregalados e fixos no rosto dele.

– Amber, meu bem, o que fizemos esta noite foi maravilhoso. Aconteceu de forma inesperada, admito, mas foi bom. Sei que nossos temperamentos algumas vezes se chocam, porém nos entendemos na maioria das vezes, e ali, naquela cama, nos demos melhor ainda. Sei também que o que fizemos vai se repetir outras vezes durante nossa viagem...

Amber sacudiu a cabeça, assustada:

– Não, não vai. Nós não devemos...

– Você está assustada... Mas não precisa. – Jake sorriu para ela, com ternura.

– Jake, nós não...

– Eu sei o que irá dizer. Que não está certo que a tome como amante. Mas não será assim. Eu a tomarei como minha noiva. Vamos nos casar, Amber.

Amber levantou-se bruscamente, afastando-se das mãos dele e derrubando a cadeira onde estava sentada.

– Não vamos!

– Vamos, sim.

– Está louco? Você nem gosta de mim!

Ele deu uma risada, surpreso.

– Claro que gosto! De onde tirou a ideia que não gosto de você?

– Nós discutimos montes de vezes!

Novamente ele riu.

– Eu também discuto com meu irmão, com meus amigos, com minha prima... Não quer dizer que não goste deles. É normal ter opiniões divergentes sobre vários assuntos. Com o tempo nós...

– Não vai haver “nós”!

Jake franziu o cenho.

– Qual o problema, Amber? Eu desonrei você e quero consertar isso.

– Consertar?

– Sim, consertar.

– Eu não sou um erro a ser consertado, Jake Rae! E não preciso deste seu sacrifício! – Ela pôs as mãos na cintura, irritada.

– Não é nenhum sacrifício! – Ele rilhou os dentes.

– Você me acha feia!

Jake jogou as mãos para o ar, aborrecido.

– Ah! De novo isso? Você sabe que é bonita, senão não estaria sempre tentando disfarçar sua aparência com penteados ridículos, vestidos sem graça e óculos tortos!

Amber afastou-se dele, indo até a janela, sufocada. Respirou fundo várias vezes antes de voltar-se para Jake outra vez.

– Não nos amamos. O que aconteceu foi fruto de um descuido. Você só passou esta noite comigo porque estamos tempo demais juntos... E dividir um quarto... Ora, isto só podia mesmo acabar mal.

– Muitos casamentos começam sem amor. Temos um bom relacionamento como amigos, e nos entendemos bem na cama. Bastará de início.

– Para você, talvez. Não para mim. – Amber sacudiu a cabeça, desolada. – Não haverá casamento. E não haverá outra vez entre nós. Procure esquecer que aconteceu, e eu farei o mesmo.

Jake começava a sentir-se ressentido. Amber o estava rejeitando! Engoliu em seco algumas vezes, contendo as frases e argumentos que estavam na ponta de sua língua. Finalmente acalmou-se.

Sabia que não era o momento de insistir, por mais lógico que fosse. Era a hora de mudar de tática, e o faria. Eles teriam vários dias juntos pela frente. Tempo de sobra para fazê-la entender que não tinha escolha.

– Não vou pressioná-la agora, Amber. Devemos nos preparar para partir. Voltaremos a conversar depois.

Ela não queria mais falar sobre isso. Porém, assentiu.

Capítulo 15

De Londres seguiriam para o porto. De lá, para a Itália. Oliver trocou os cavalos e, sob as ordens de Jake, deu o melhor de si para encurtar a viagem.

O advogado não queria deter-se em Londres, e nem encontrar mais conhecidos. Pararam algumas vezes para cuidar de suas necessidades básicas e comer. Amber e ele procuraram manter um nível adequado de cordialidade, evitando contato físico e discussões.

E, por via das dúvidas, Amber deu um jeito para que o cocheiro de lady Vere estivesse sempre junto a eles, a cada parada e a cada refeição.

Em Surrey a situação mudou. Oliver deixou-os numa clareira agradável próxima a Waverley Abbey, terminando sua refeição, enquanto levava a carruagem para pequenos reparos no centro, perto dali.

O local era tranquilo, silencioso e isolado. Após a refeição Jake tirou o casaco e recostou-se na toalha estendida, admirando o céu e conversando sobre o formato das nuvens com Amber. Em pouco tempo estavam deitados lado a lado, relaxados, apontando para cima e rindo. Era muito bom retomar a camaradagem que haviam conquistado antes. Ambos sentiam falta disso.

Quando suas mãos se encostaram, e os dedos entrelaçaram-se, a eletricidade que estivera adormecida desde a noite em que dividiram o quarto, despertou.

Jake puxou Amber para mais perto de si, colocando-se de lado, para um beijo suave e cheio de saudade.

Ergueram-se juntos, devagar, sem que suas bocas se separassem.

Então o beijo tornou-se mais intenso e a paixão os incendiou. Jake sentou Amber sobre ele, antes de levantar-lhe as saias. Segurando firmemente sua cintura, fez com que sentissem a maciez de seus corpos deslizando um contra o outro, sob o tecido que os separavam. Repetiu o movimento algumas vezes, até que estavam arfando, e as mãos de Amber puxavam-lhe as pontas do colete, num gesto ansioso e rude. De repente só aquele roçar pareceu insuficiente a Jake, e as mãos subiram da cintura aos seios, buscando os mamilos com os dedos, circulando-os até que as pontas pareciam prontas a furar o vestido.

Ainda era pouco.

Queria senti-los quentes em sua mão, em sua língua.

As mãos subiram novamente, desta vez até as mangas do traje de Amber. Ia despi-la. Precisava despi-la. Pouco se lhe dava que estivessem ao ar livre, pouco se lhe dava que pudessem ser vistos. Era um homem desesperado, e se não fizesse isto neste exato segundo, morreria.

Um gemido aliviado escapou-lhe ao conseguir livrar um dos seios de Amber de dentro do decote. Inclinou-se para sugá-lo, ávido, enquanto lutava com saias e anáguas. Ela soltou um grito que reverberou entre a solidão das rochas e árvores à volta. Angustiado por mais, Jake conseguiu por fim tocar-lhe a intimidade. Enrijeceu-se ainda mais ao senti-la pronta para recebê-lo. Sem pensar duas vezes abriu suas calças e desceu com firmeza sobre o corpo de Amber, para possuí-la mais uma vez.

Ela havia inserido suas mãos por dentro da camisa dele, e o arranhou nas costas quando a penetrou. Jake não conseguia ser gentil. E nenhum dos dois queria isso, no momento. A pressa, a ânsia e o desejo acumulado nos dias anteriores os fez saltar para um clímax rápido e libertador.

Jake desabou sobre o corpo trêmulo de Amber, escondendo o rosto em seu pescoço.

– Quase enlouqueço de saudades do seu aroma. – Após respirar fundo, ele apoiou-se num cotovelo, para admirar a mulher a quem tanto desejava. – Quase enlouqueço por você, Amber.

Ela sorriu-lhe, sonolenta. Esticando a mão tocou-lhe os cabelos dourados. Eram macios e finos, e Amber adorava como brilhavam sob o reflexo do Sol. Ah, como Amber amava tudo nele...

A realidade de seus sentimentos a surpreendeu, mas não assustou.

Apaixonara-se por Jake em algum ponto durante os últimos dias. Ou teria sido um pouco a cada dia?

Não saberia dizer.

Mas lá estava.

Como poderia resistir a ele?

Não queria.

– Prometa que não me rechaçará mais – ele pediu, com um meio sorriso nos lábios, feliz por ela o estar tocando carinhosamente.

Ela assentiu.

O olhar dele clareou, enquanto movia o rosto para mais perto.

– E torne-me um honesto pai de família, Amber.

Ela deu uma risadinha. Ali deitada na relva, ainda sentindo no corpo o toque quente de Jake, e acariciando-o, queria apenas dizer “sim”. Se ele a quisesse de verdade, e estivesse disposto a apoiá-la em seus planos, seria tudo tão perfeito! Mas seria este de fato o homem que poderia realizar o sonho considerado impossível, de unir uma família ao trabalho que ansiara durante anos fazer?

– Será um pai maravilhoso um dia.

– E quantos filhos pretende me dar?

O ruído dos cascos de cavalos aproximando-se rompeu o momento íntimo, no entanto não estragou o acordo tácito firmado. Ela não o rechaçaria mais.

E Jake usaria cada segundo, no restante do caminho, para mostrar a ela que a união entre eles era certa.

Quando deixavam o condato de Surrey para trás, um soldado a cavalo alcançou-os.

Era da guarda designada por Christian.

Por tantos dias haviam seguido sem problemas, que Jake até havia se esquecido que a volta deles havia segurança armada para protegê-los do sheik Khaled. Fez uma pequena careta ao indagar-se se, de onde estavam, puderam ver o que Amber e ele haviam feito a céu aberto, horas antes. Colocando no rosto a expressão arrogante com que se apresentava nos tribunais, saltou da carruagem e aproximou-se do soldado.

O rapaz cumprimentou-o como se lidasse com um militar.

– Senhor! O capitão pediu-me que avisasse, que o sheik está no Reino Unido, já passou por Derby e parece vir em nossa direção.

– Diabos!

– O capitão também sugere que deve permitir nossa aproximação, senhor.

Jake chutou uma pedra, furioso. Precisava concordar. A segurança de Amber era mais importante do que qualquer coisa. Chegaram a um acordo. A guarda chegaria mais perto, mas não os cercaria. Talvez, mantendo certa distância, não fossem percebidos de imediato pela senhorita Stewart. Não queria deixá-la mais nervosa. Precisava coordenar as ideias para decidir qual seria o próximo passo a dar em relação a Amber. Assim que se casassem a ameaça que o líder estrangeiro representava seria neutralizada. O homem não arriscaria sequestrar a esposa de um inglês, muito menos num país que não lhe era de origem. Seria perseguido implacavelmente e perderia qualquer apoio advindo dos reinos vizinhos.

Respirou fundo antes de retornar à carruagem, com alguma resposta tola à ponta da língua para dar à Amber quando indagasse sobre a presença do soldado. Se ela não parecesse satisfeita com sua explicação precisaria distraí-la com beijos. Oh, tarefa difícil... Jake sorriu para si mesmo. Comprazia-se cada vez em estar ao lado da diabinha Stewart. Pensar em estar com ela todos os outros dias, além daquela viagem, agora o animava. Nenhum dia ao lado dela era tedioso. Ela o surpreendia, o divertia, o encantava. Mesmo quando se mostrava irritante e brigona, ou até por isso.

Talvez o casamento fosse para ele, sim, afinal de contas. Por que nunca percebera antes que isto era algo que desejava? E por que a perspectiva de passar o resto de sua vida com Amber o deixava tão ansioso?

Capítulo 16

Tomando os melhores atalhos que conhecia o experiente cocheiro levou-os em tempo recorde por Hampshire e finalmente, Southsea, em Portsmouth.

Hospedaram-se num hotel, pedindo quartos separados. Amber sabia que era apenas para manter as aparências. E que à noite, quando os corredores estivessem vazios, Jake esgueiraria-se para os aposentos dela, como fizera na noite anterior, na hospedaria de Winchester, garantindo-lhe que era o único homem que a satisfaria. Provara isso de modo incontestável.

Como previsto, Jake foi até ela ao cair da noite. Estavam sentados à mesa próxima da janela, quando ele perguntou, de modo casual:

- Você prefere que nosso casamento aconteça antes de irmos para a Itália ou quando voltarmos?
- Como...? Antes ou... – Amber gaguejou. A pergunta pegou-a de surpresa.
- A pergunta é simples. Casaremos antes ou depois de conhecermos seus avós?
- Jake... Pensei que isto já estivesse resolvido.

Ele ignorou o tom de advertência na voz dela:

– Por mim casávamos antes. Seus avós então não se incomodariam quando contasse que fez a viagem sem dama de companhia.

Amber impacientou-se:

– Jake, não! Não vamos nos casar! Não precisa fazer isso por mim!

Ele irritou-se, e demonstrou isso batendo com o punho fechado na mesa.

– Amber! Estou cansado dessa história! Nós vamos fazer o certo! E vamos fazer antes que aquele velho indecente do Khaled nos alcance!

Ele levantou-se, sendo imitado por ela.

- O que? O que está dizendo, Jake? – Seus olhos estavam desmesuradamente abertos.
- O sheik Khaled vem atrás de você, aqui no Reino Unido. É isto. – Pronto, havia falado.
- Certo, isso eu entendi, embora pareça loucura! Mas o que está dizendo sobre velho indecente? Khaled não é velho! E muito menos um indecente!

– Quê? – Foi a vez de Jake mostrar-se surpreso. – Como assim?

– O sheik Khaled é jovem, é um homem decente, e posso até dizer-lhe, é bem atraente.

Amber havia cruzado os braços e parecia bastante contrariada. Jake sabia que ela estava pensando no que ele havia dito e em tudo o que envolvia aquela declaração.

- Foi por isso então que minha madrinha me empurrou para meus avós em Florença?
- Ela só queria proteger você.
- Sem me contar nada? Sem me perguntar o que eu queria?

Amber andou de um lado para o outro do quarto, sacudindo a cabeça.

– E dando a você uma versão deturpada dos fatos...

– Que versão *deturpada*?

– O sheik não deve ter vindo para perseguir-me, mas apenas para averiguar se estou bem, já que deixei as terras estrangeiras de modo abrupto, e sem despedir-me. – Amber levou a mão à testa, dando-se conta de mais uma das ramificações daquela pantomima. – Oh, meu Deus... Retiraram-me de lá por causa dele...

Jake sentia-se um pouco confuso também. Ergueu os ombros.

– Ele deve ter ameaçado sua segurança de algum modo.

– Não, nunca. Eu era a professora dos filhos dele, entende?

Hoje era mesmo o dia das revelações!

– Ele... Ele lhe fez alguma proposta? – Jake tentava dar sentido a todas as informações que Amber estava lhe dando.

– Oh... Ele se mostrou penalizado com a doença de papai, e com o fato de eu estar sozinha após a morte dele, mas não poderia simplesmente propor-me casamento. Não pode imaginar como estas questões de casamento são levadas a sério por lá! E um sheik não casa-se do dia para noite.

A boca de Jake transformou-se numa linha fina.

– Imagino que não. Mas ele sinalizou algum interesse em você?

Amber negou, balançando a cabeça. Oh... Para Zafira qualquer demonstração de amizade vinda de um homem representava perigo. E quando o assunto era Amber, ela era ainda mais temerosa. O que a criada deve ter pensado ao notar a amizade do sheik e Amber? As peças começavam a se juntar, e o quebra-cabeça formado não a agradava em nada.

– Não posso acreditar que toda esta correria, que toda essa... – Amber fez um gesto amplo com os braços, até apontar para o leito no centro do quarto. – Tudo que aconteceu então foi em função do sheik?

Sim.

– Não, é claro que não! – Jake gritou, com o coração descompassado e a cabeça começando a latejar.

– Zafira contatou minha madrinha e lhe contou suas preocupações. Minha madrinha, por sua vez, pediu que eu fosse enviada para cá... E então... Ela e tia Amanda me empurraram para você! Elas... – Amber voltou-se para ele, acusatória. – Elas planejaram que você me seduzisse para casar-me com um homem inglês ao invés de um árabe?

– Não, é claro que não planejaram isso!

Mas fôra o que acontecera. O pretendente estrangeiro fora eliminado, e o inglês de boa família posto em seu lugar.

Amber levou as mãos à boca, diante da nova percepção que tivera.

– Oh, Jake...

– O que? – Ele aproximou-se, segurando-a pelos braços.

– Você não entende? Você foi ludibriado!

– Eu? Do que está falando?

– Elas nos colocaram juntos, e sozinhos! Elas planejaram tudo isto!

– Não seja absurda. Tínhamos uma dama de companhia.

– Que nunca viajou conosco.

Jake titubeou.

Seria possível?

Que a doença da dama de companhia fosse uma farsa? Que a história sobre o sheik fosse uma mentira, apenas para atrair sua simpatia à causa e ajudá-las a afastar Amber de um pretendente que elas

não aceitavam? Tudo não havia sido nada mais que um grande engodo ao que eles caíram como peixes? Ele respirou fundo, inflando seu peito e soltando num suspiro sonoro:

– Isso não importa. Eu a levei para a cama porque quis. Está feito! E vou arcar com isso.

Amber não acreditou no que ouvia. Arcar? Num gesto brusco afastou-se dele o quanto pôde.

– Para que o fizesse eu precisaria aceitar, Jake Rae.

– E vai.

– Não, senhor.

Inacreditável, pensou Jake, sem paciência. Era a segunda vez que ela lhe dizia não. Bastava disso!

– Havia conhecidos meus na pousada onde a desvirginei. Eles a viram chegar comigo. Se precisar de testemunhas para comprovar que dividimos um quarto, eu os chamarei.

Amber deu um passo para trás, como se ele a houvesse empurrado:

– Para que?

– Para provar, diante de qualquer juiz, qualquer reverendo e qualquer conde, que eu a desonrei e que precisamos nos casar.

Ela sacudiu a cabeça, sem acreditar:

– Não pode estar falando sério! Eu não...

– Amber, eu sou advogado. De uma família de advogados, e com muitos amigos advogados. Se houver alguma forma de obrigá-la a casar-se comigo eu o farei. Meu filho não nascerá bastardo.

Amber piscou. Sua voz era um murmúrio débil ao replicar:

– Você não sabe se...

A voz de Jake também soou baixa, e cansada:

– Eu não vou tentar a sorte com isso. Fizemos amor várias vezes, e em todas elas derramei minha semente em você. Por favor, Amber, não me obrigue a forçá-la a fazer o que é certo. Pelo amor de Deus, o libertino aqui sou eu! Onde está o juízo que você deveria ter? Arriscaria o destino de uma criança? E se fosse a nossa criança?

Jake deu alguns passos em direção a Amber, tentando puxá-la para seus braços. Ela afastou-se, erguendo as mãos para manter distância:

– É coisa demais para mim, Jake. Pare. Por favor, apenas pare.

Ela sentou-se na beira da cama. Jake aproximou-se, sentando-se ao seu lado.

– Eu cuidarei bem de você. Nada lhe faltará como minha esposa, garanto-lhe. Serei um bom esposo, e bom pai.

Amber sentia-se arrasada demais para discutir. Não bastava que fosse um fardo para ele, o estavam forçando também a casar-se com ela. Era tão óbvio... Uma jovem solteira e um libertino, postos dentro de uma carruagem, sozinhos, por semanas... Era tão impossível que não se envolvessem.. E a coisa havia sido tão bem armada que tia Amanda até arrancara de Jake a promessa de que se responsabilizaria por Amber. As duas senhoras matreiras teceram o fio de sua armadilha de modo a que o advogado não pudesse se desvencilhar quando pego.

Elas haviam arruinado ambos deliberadamente. E nem imaginavam quanto. Havia garantido a infelicidade de Jake, mas a parte de Amber fora duplicada. Ela não apenas seria atada a um homem que não a amava como também teria que abrir mão de todos os sonhos profissionais que tinha. Sim, porque em nenhum momento, em todas as vezes que Jake falara sobre casamento, a planejada escola de Amber fora citada. E ela sabia que após o casamento a vida de uma mulher passava a pertencer ao seu esposo, bem como seu patrimônio. Poderia perguntar a ele sobre isto, mas temia decepcionar-se com a resposta.

Não aguentaria mais uma revelação negativa agora.

Toda a situação era injusta.

Sentiu-se subitamente cansada.

Exausta.

Arrastou-se até os travesseiros e deitou-se, encolhida e silenciosa. Jake continuou sentado à beira da cama, imerso em suas próprias reflexões.

Ela mal percebeu quando ele esticou-se ao seu lado.

Não se tocaram.

E demoraram a adormecer.

Ao despertar, com a luz da manhã incidindo sobre seu rosto, Jake percebeu que estava sozinho no quarto.

Mas que merda... Procurou em volta, buscando algum bilhete que informasse aonde ela poderia ter ido.

Nada!

Pânico o tomou de assalto.

Não devia ter pressionado Amber do modo que fez! Ele a havia ameaçado, praticamente chantageado para aceitá-lo! E se ela fugisse? Se o deixasse? O que ele faria? O que seria dele?

Sem ela?

Procurou respirar com calma, tentando focalizar o quarto sem que ele parecesse estar diminuindo de tamanho, como se estivesse fechando e transformando-se numa caixa. Nunca sentira algo assim antes. Logo que conseguiu reunir forças pulou da cama e correu até o guarda-roupa. O medo ainda tentou paralisá-lo mais uma vez, antes que abrisse as portas num estalo.

A onda de alívio que o atingiu foi tão forte que seu corpo balançou.

As roupas de Amber estavam lá. A bolsa de viagem, um par de botas, algumas peças íntimas dobradas com cuidado. Ela não havia ido para longe.

A não ser... Que outra vez houvesse se trajado como um homem, e resolvesse deixar tudo para trás...

Não, ela não faria isso. A organização no armário era sinal que não houvera uma fuga apressada. Não era?

Deus... A linha de raciocínio de Amber não era a mesma da maioria das mulheres, e Jake não sabia o que esperar.

As coisas não poderiam piorar, não era mesmo?

Ouiu as batidas na porta. Poderia ser Amber?

Abriu num ímpeto. Para deparar-se com dois homens vestidos de roupas claras, transpassadas na frente de modo a mostrar uma parte dos peitorais fortes. Entre eles, a um passo atrás de distância, destacava-se um gigante moreno, que o encarava de testa franzida. Em torno dele havia mais uma meia dúzia de homens com expressões mal humoradas, com cimitarras erguidas entre suas mãos em concha, apoiadas no chão e estendendo-se até seus queixos. E além deles, posicionados em duas carreiras, os soldados da guarda de Christian. Uh... Quantas pessoas podiam caber no corredor daquele hotel?

– Onde está lady Amber Stewart? – indagou o gigante, ainda de testa franzida.

Oh, sim, as coisas podiam piorar. O sheik Khaled os havia encontrado! E os guardas do coronel

Cunningham encontraram os árabes. Uma pequena zona de guerra estava formada diante dele. E seu humor não ajudaria a trazer paz.

– Não lhe interessa.

O sheik deteve seu olhar além dele, no interior do quarto. Observando em volta, rapidamente, percebeu o casaco masculino jogado sobre uma cadeira. Sua expressão mudou para o choque.

– Está dividindo o quarto com milady?

Até que o árabe tinha uma boa pronúncia em língua estrangeira... Os cantos da boca de Jake ergueram-se, mas seus olhos não acompanharam o sorriso:

– É, pode se dizer assim.

Um urro escapou da boca de Khaled. As feições do homem estavam crispadas.

– Como ousa desonrá-la desse modo?

Jake nem sequer piscou. Habituar-se a bravatas desde que pisara pela primeira vez na escola de meninos, cheia de valentões que precisavam de alguma forma mostrar seu poder e autoridade. O que havia mudado desde aqueles tempos era que agora os rapazes enfurecidos haviam crescido e o enfrentavam em Londres, dentro ou fora de um tribunal. E ele nunca havia abaixado a cabeça ou fugido de uma briga, fosse com palavras ou punhos, nem mesmo contra um adversário com o dobro de seu tamanho, nem quando era um garoto. E o sheik, embora bem mais largo, não era tão mais alto que ele.

– Sou o noivo dela. Diferente de você, tenho razões para estar aqui nesse quarto. Agora recolha sua tropa e volte para o lugar de onde veio!

– Noivo? – Os olhos do sheik estavam esbugalhados.

Mas então o árabe logo aprumou-se, e sua expressão ficou impassível:

– Quem é você?

– Sou Jake Rae Cunningham

Não houve apertos de mãos, e nem o sheik disse seu nome.

– É o advogado! Eu soube de você, não tem um título. – Khaled fitava Jake com arrogância.

– Eu não tenho um título e nem preciso.

– E como acha que o conde vai permitir que se case com lady Stewart?

O sheik estava bem informado...

– O conde não precisa dar permissão para nada.

– Então vai fazer com milady Stewart o que o pai dela fez à mãe: afastá-la da família, exilá-la e fazer com que a reneguem. Vai repetir o feito na geração anterior e assim amaldiçoá-la perante os seus.

Jake pensou ter levado um murro. Sua cabeça quase sacudiu com a força daquelas palavras. Ele jamais desejaria isso, afastar Amber de sua família, a que lhe restara, já que Elijah Stewart não tinha parentes vivos. Havia esquecido completamente a questão que levava o Pietro Di Olinto a rejeitar a própria filha: ela se casara com um homem comum, e estrangeiro. Jake era como Elijah, e mesmo sendo rico, não seria aprovado!

E ainda havia a questão da escola... Só tocaram no assunto uma vez, mas ele recordava-se bem da conversa que haviam tido sobre mulheres casadas e carreira profissional... Amber devia estar preocupada com o que aconteceria aos seus planos se realmente cassassem.

Jesus Cristo... Tudo o que julgara estar fazendo como a melhor das intenções iria destruir Amber de forma tão completa que ela acabaria por odiá-lo.

Capítulo 17

Amber soube que Khaled estava por perto antes mesmo de entrar no hotel. As pessoas nas ruas estavam em polvorosa, comentando sobre a chegada de um sheik e sua comitiva. Passara por duas mulheres que não conseguiam disfarçar sua excitação ao comentar a beleza e a majestade do líder árabe, e comentavam suas impressões em tom de voz mais alto do que o considerado adequado para tal indiscrição.

Ela achou graça. Da primeira vez que o vira também ficara impressionada, e até intimidada perante a visão de tantos músculos numa pessoa só, mas depois que percebera como o homem era tranquilo e paciente com seus filhos, a impressão de que ele poderia ser agressivo acabou. Ela imaginava que toda a sua paciência e tranquilidade para lidar com as crianças vinha do fato dele ter ficado viúvo e decidido compensá-los pela escolha de não lhes dar uma mãe substituta. Khaled não tinha harém, assim como o pai dele não tivera. Um dia tornaria a casar-se, e novamente escolheria manter apenas uma esposa, seguindo o exemplo paterno.

Quando Amber regressou ao seu quarto, após uma boa caminhada para acalmar sua mente em conflito, ficou aliviada por não encontrar Jake a sua espera. Estava cansada de discutir, e cansada de pensar.

Um funcionário do hotel trouxe-lhe uma grande caixa, com um bilhete acompanhando.

Era um convite para o almoço. Do sheik. Ela sorriu. Seria bom rever um rosto familiar, e se estivesse certa em suas conclusões, a refeição seria composta de pratos típicos árabes. A saudade dos aromas e sabores aos quais se habituara fez seu estômago roncar de modo vergonhoso. Amber deu uma risada satisfeita ao abrir a caixa e descobrir que havia ali um traje especial para a ocasião. Ela possuía alguns como aquele, que haviam sido empacotados para envio posterior. A esta altura já deviam ter chegado à residência de lady Price, de onde seriam reenviados quando fixasse residência.

Ah, que bálsamo refrescante o convite e a vestimenta lhe traziam!

Admirou longamente o belo lenço enviado junto com a túnica o cirwal. O brocado em relevos de ouro formando intrincados desenhos também levava pequenas pedrarias e cristais. Devia ter custado uma pequena fortuna, mas se havia algo que ela aprendera era que se aceitasse um presente de uma pessoa árabe, deveria simplesmente agradecer. Do mesmo modo não se deveria elogiar algo pertencente a um árabe, pois o elogio faz com que o dono do objeto se sinta obrigado a dá-lo como presente. Simples assim.

Trocou-se rapidamente, escondendo cabelos, nariz e boca sob o amplo e delicado lenço, e deixou o cômodo, pronta para reencontrar o velho amigo.

Jake foi notificado pelo chefe da guarda enviada para proteger Amber de que ela estava apenas passeando pela cidade. Felizmente alguns soldados seguiram-na assim que a viram deixar o hotel, ao

amanhecer. Isto o tranquilizou e lhe permitiu voltar ao seu quarto antes que o escândalo sobre estar nos aposentos da senhorita Stewart se espalhasse mais. O escarcéu promovido pelo sheik e seus homens, além da presença de elementos do exército inglês à porta, já devia causar estrago suficiente para que as notícias se espalhassem como mancha até que o Reino Unido inteiro soubesse que Jake Rae Cunningham, filho do jurista Gabriel Cunningham, e sobrinho do duque de Tyrone, estava noivo, antes mesmo que ele alcançasse seus pais para contar-lhes sobre o compromisso pessoalmente.

Mais tarde, ao bater à porta do quarto de Amber para convidá-la para o almoço, soube, através da criada que trocava a roupa de cama dos quartos, que a hóspede havia sido convidada para um almoço oferecido pelo sheik, em um dos salões exclusivos do hotel, que possuía serviço de restaurante.

A fúria ardeu dentro dele.

Como o sheik se atrevia a convidar a noiva de outro para um almoço em local privado? E como Amber ousava aceitar o convite?

Desceu as escadas e foi diretamente ao local onde a refeição estava sendo servida.

– Atrapalho?

O sheik olhou com irritação para Jake, que havia entrado no recinto sem sequer um “com licença” ou um mísero menear de cabeça. Que homenzinho arrogante! Para provar que pelo menos ele tinha boas maneiras, Khaled cumprimentou-o e respondeu com toda a educação que pôde:

– De forma alguma, senhor Cunningham. Seja meu convidado. – Ele fez um amplo gesto em direção à mesa e às cadeiras, para que o advogado se assentasse.

Jake sentou-se, e só depois voltou seu olhar para o lado. A refeição ainda estava sendo colocada à mesa, e havia apenas mais uma pessoa sentada. A mulher usava um véu belíssimo que cobria seu rosto de modo a deixar somente olhos e sobrancelhas expostos. Não precisou de esforço para reconhecer Amber. O cumprimento destinado a ela foi frio. Depois voltou um sorriso debochado para os guardas do sheik, dispostos às laterais da cadeira que o líder ocupava, e com suas longas espadas de lâminas curvas desembainhadas.

Khaled achou divertido o atrevimento do inglês. Se o conhecesse em outra situação, talvez até simpatizasse com ele. Na situação atual, no entanto, era impossível.

– Tem sorte de estar em seu território, e não no meu, senhor Cunningham.

– Por que senão as cimitarras de seus guardas já teriam zunido?

– Provavelmente.

– Então ainda bem que estamos no Reino Unido, não é mesmo? – Jake afastou o corpo para que um criado o servisse. – E que estamos sob leis e normas inglesas.

O sheik o observava, impassível.

Jake prosseguiu, ainda sorridente, enquanto cortava um pedaço da carne em seu prato.

– Aqui, por exemplo, não se rouba mulheres.

– E em nenhum local civilizado.

– Nem em locais civilizados, nem por pessoas civilizadas.

Khaled nem piscava. Foi numa entonação calma que deu sua resposta:

– No entanto soube, de fonte segura, que entre os civilizados ingleses há o terrível hábito de seduzir e comprometer jovens inocentes para obrigá-las a render-se a um casamento indesejado.

O sorriso de Jake morreu.

A voz de Amber elevou-se, em tom alegre:

– A refeição está muito saborosa. O senhor trouxe seus cozinheiros, alteza?

Khaled continuou encarando Jake por algum tempo, antes de piscar e finalmente voltar seu rosto para Amber, com um sorriso polido:

– Sim, milady. Com todo o respeito ao seu reino de origem, sua culinária deixa a desejar em comparação à da minha terra.

– Não posso discordar disso. – Amber sorriu.

Jake fitou-a longamente. Ela havia retirado o véu do rosto, mas seus cabelos ainda estavam cobertos. Aquela vestimenta estaria entre seus pertences? Ou teria sido um presente de *vossa alteza*? Se assim fosse o atrevimento do homem realmente não tinha limites.

– E o hábito de escravizar pessoas apenas para satisfação pessoal, considera ato civilizado, *alteza*?

Khaled arregalou os olhos rapidamente antes de estreitá-los para novamente encarar Jake e responder outra provocação à altura.

Amber queria gritar, esfregar comida picante no nariz de Jake e de Khaled, e sair correndo até atravessar a fronteira. Planejara um almoço agradável em que pudesse falar dos amigos e alunos deixados para trás, e agora estava escutando uma troca infinita de farpas entre dois homens que pareciam prestes a disputar qual deles conseguiria cuspir mais longe. Ah! Sabia que a chegada de Jake no restaurante significava complicação... Aproveitando-se do fato da refeição árabe não ser servida em partes, e sim posta de uma vez à mesa, começou a comer o mais rapidamente que a etiqueta permitia. Contava que a educação dos cavalheiros à mesa os forcesse a acompanhá-la em seu ritmo para que aquele suplício se encerrasse o mais brevemente. Claro, se eles não a continuassem ignorando. Sim, porque tanto um como outro só lembravam-se de sua presença ali para lançar-lhe um olhar insatisfeito, de censura.

Assim que o almoço terminou Amber cumprimentou de modo seco o anfitrião, que teve a cortesia de parecer, finalmente, constrangido por seu comportamento. Ela também sentiu-se ligeiramente melhor ao notar que Jake ficou ainda mais desconcertado, ao ponto dele agradecer ao sheik pela refeição.

Deixou o salão a passos rápidos, seguida de perto por Cunningham.

Quando estava abrindo a porta de seu quarto, Jake esticou o braço, impedindo-a de entrar.

– Não se esqueça que nosso navio zarpa amanhã.

– Impossível esquecer-me disso.

– E não aceite mais nenhum convite do sheik. Hoje você irá jantar comigo.

– Hoje eu irei jantar sozinha, no meu quarto. Vocês dois já me fizeram ouvir sua voz por bastante tempo. Até amanhã, senhor Cunningham.

– Até amanhã? – Jake repetiu, surpreso – Ainda é cedo... E eu...

– O que? – Amber pôs as mãos na cintura, sem paciência.

– Não feche a porta para mim, Amber.

Amber não estava preparada para aquele pedido em voz tão suave. Ele aproximou-se ainda mais, roçando os dedos no lenço que ainda cobria os cabelos dela.

– Não irei pressioná-la, nem fazer-lhe amor, se não quiser. Mas deixe-me ficar com você à noite, deixe-me apenas dormir ao seu lado, e abraça-la.

Oh, esse homem... Tão adorável e tão imprevisível... Sempre a tirando do sério, sempre lhe tirando o chão... O peito de Amber encheu e esvaziou bem devagarzinho, enquanto ela fechava os olhos, e recostava-se no pórtico de seu quarto, erguendo o rosto na direção de Jake.

Jake inclinou-se para um beijo cálido. Fechou também seus olhos, capturando a essência dos lábios de Amber em sua boca. Era tão maravilhoso... Ele sempre queria mais. A cada dia, a cada hora, este querer aumentava, atordoando-o, virando sua cabeça e ocupando sua mente com questões que sempre giravam em torno de Amber.

Amber...

Ela era como uma febre. E de um modo assustador era a causa e também o antídoto. Necessitava dela, e como seria glorioso se ela o necessitasse da mesma forma!

Mas para o momento, o beijo bastava-lhe. Afastou-se, lamentando que ainda não fosse noite, e afastando-se em direção ao próprio quarto.

Capítulo 18

Jake deu uma risada quando deparou-se com Tristan à porta de seu quarto.

– Soube que vai viajar amanhã. Sem despedir-se!

Os amigos apertaram-se as mãos, e Tristan entrou.

– O que está fazendo aqui, Tristan?

– Vim passar umas semanas com meus sogros, em Southsea. Deixei Juliet e Sebastian na casa deles e vim vê-lo antes que zarpasse.

– E como eles estão?

– Juliet está ótima. Sebastian está um pouco indócil... Mais do que o normal. – Tristan sorriu, pensando no filho pequeno – Alguns dentes apareceram com atraso e o tem incomodado...

Jake riu.

– Os filhos de Chris mordiam todos os brinquedos nessa fase.

– Contanto que Sebastian não me morda, não me importo que tente roer as orelhas de seus cavalinhos de pau. Mas fale-me sobre esta viagem súbita! Quando Alex comentou fiquei surpreso.

Jake alcançou o brandy que havia pedido mais cedo e serviu ambos.

– Foi realmente inesperado. Fui atender a um pedido de lady Price...

Tristan o interrompeu:

– Espere... Estamos falando *daquela* lady Price? A que nos salvou?

– Sim, a própria. A pedido dela viajei até Derby e fui incumbido de cuidar de toda a papelada referente ao espólio de Elijah Stewart, velho amigo da dama, e escoltar a filha do falecido até Florença, onde está o restante da família. Não poderia negar-me, certo?

Tristan fitava o melhor amigo com atenção enquanto bebericava:

– Não, não poderia.

– Então aceitei o encargo, e retornei a Londres apenas para dar início aos procedimentos cabíveis e logo viajar.

– Alex falou algo sobre a perseguição de um czar...

– Czar? Não! – Jake riu alto – Um sheik!

– Um sheik?

– Oh, sim. Os Stewart viviam em terras árabes.

– E um sheik perseguia a filha do falecido? – Tristan colocou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão, interessado.

– Não.

– Não?

– Só ontem soube que não.

– É mesmo?

– Não conversei com a moça sobre isto antes... – Jake desviou o olhar, sorvendo sua bebida.

– Ah... Pessoa difícil a jovem?

– Hum... No início não nos entendíamos. Ela não queria que eu a escoltasse. Discutimos.

– E vieram desde Derby às turras?

– Ah, não. Desde Northants, onde estava, com amigas. Ela fugiu de Derby usando um cavalo roubado, e precisei ir buscá-la.

– Não! – Tristan gargalhou.

– Sério. Vestida como homem.

Tristan riu ainda mais.

– E como ela conseguiu? Quer dizer, imagino que deve ser bem bonita, a ponto de receber a atenção de um sheik...

– Ela gosta de disfarçar a aparência que tem.

– Ah, é? Isto deve significar algo...

Os olhos cinza de Tristan eram perscrutadores.

– Sim, significa que não gosta de chamar atenção.

– Hum... E quando você descobriu isso?

– Como? – A testa de Jake franziu.

– Ela deve ter ocultado sua verdadeira aparência de você também, não? Se ela não queria atenção indesejada, queria menos ainda de alguém com quem não havia simpatizado... E se soubesse que é... Bem, você sabe, um libertino.

Jake sabia que não poderia fugir da inquisição de Tristan. E afinal seria bom falar com alguém. Viu que esvaziaram seus copos, e os encheu novamente.

– Comecei a descobrir a verdade a partir de Northampton.

– Logo no início da viagem...

– Oh... É bela, não é?

– É bela. É encantadora. Além disso gosta de crianças, sabe? Passamos por Essex e fomos até a casa de Chris. Amber conquistou Ivan e Anthony com muita facilidade. Eles choraram quando partimos. Pobres meninos...

– Uh... *Amber*...

– Sim, este é o nome da senhorita Stewart.

Tristan coçou o queixo.

– Estou aliviado que tenha uma criada os acompanhando. Jake Rae dias e dias a sós com uma mulher bela e encantadora... E que gosta de crianças, veja só! Carruagens e longas estradas, pousadas aconchegantes, noites estreladas... Isto pode ser perigoso...

– Cale a boca, Tris.

– Conte-me logo, Jake. – O tom de voz de Tristan foi exigente.

– Não havia criada alguma. Apenas eu, ela e o cocheiro. Pode imaginar o resto.

Tristan abanou a cabeça.

– Ah, Jake...

– Farei o certo e me casarei com ela, Tristan.

Tristan pegou o copo de brandy que Jake lhe serviu. Bebeu um gole, e aguardou. Jake não demorou a prosseguir:

– Tenho, no entanto, uma noiva relutante.

- E por quê?
- Ela diz que não deveríamos nos casar por obrigação.
- Ninguém deveria.

Jake lançou um olhar irritado ao amigo.

- Não casarei apenas por isso!
- Você a arruinou. E disse que faria o *certo*.

– Sim. Mas não é só por isso! Eu quero casar-me com ela! De verdade! Me importo com sua honra, é certo, mas gosto de estar com ela. Sua conversa é interessante, é uma mulher inteligente, e ao seu lado não encontro monotonia.

– Ah, encontrou uma *amiga*.

– Não! Sim... Também. Porém mais do isso. Eu a desejo, claro. Muito. – Levando ambas as mãos à cabeça, Jake jogou-a para trás – Droga, eu a desejo o tempo todo! Quero estar junto a ela sempre! Dentro dela, ou apenas ao lado.

Engolindo o conteúdo de seu copo de uma vez, Tristan declarou:

– Está apaixonado.

Jake virou-se rápido em direção ao amigo. Apaixonado?

Então a verdade veio-lhe.

Sim, estava apaixonado! Totalmente. Não reconheceria porque era algo novo para ele. Seus amores resumiam-se ao sentimento pela família, pelo trabalho. Nada como o que sentia por Amber.

Tristan esticou-se em seu assento e colocou uma mão pesada no ombro de Jake:

– Vou lhe dar um conselho. E este vem de graça, senhor advogado. Esqueça seu argumento prático, e pare de dizer à sua escolhida que devem se casar porque é o certo a fazer. Fale com ela que deseja desposá-la porque a ama. Diga o que sente e deixe que o coração faça o resto do serviço. – Tristan levantou-se. – E não deixe sua Amber escapar. Pelo que me contou é perfeita para você, e já a estimo.

Tristan despediu-se, desejando boa viagem, e deixou Jake, soturno, refletindo sobre seus sentimentos, e o que fazer com eles. Sem Amber, e sem apetite, não pôde engolir a comida que pedira para o jantar solitário no quarto. E assim que a noite aprofundou-se, rumou para os aposentos de sua amada.

Como ela havia cumprido a promessa de não rechaçá-lo, e destrancara sua porta, Jake também cumpriu a sua: Tirando a roupa e os sapatos deitou-se na cama, sempre tendo seus movimentos acompanhados pelos atentos olhos de Amber, e aninhou-se a ela, apenas para abraçá-la e assim dormirem juntos, envoltos no mesmo calor reconfortante.

Capítulo 19

Amber observou irritada a comitiva que os acompanhava até o cais.

– Porque não temos uma trupe de circo nos acompanhando também? Ou alguns homens tocando tambores?

– O sheik é seu amigo, não meu.

– E os soldados, seus.

– Enquanto seus amigos carregarem cimitarras perto de nós, os meus amigos estarão por perto.

Amber estava dentro da carruagem, e Jake ia montado num cavalo, seguindo emparelhado ao veículo. À volta deles, soldados à caráter os acompanhavam, e à frente de todos seguia o sheik Khaled, usando branco da cabeça aos pés, montado num imenso corcel negro, seguido por um séquito de 10 homens usando turbantes, camisas transpassadas e calças bufantes. Cada um dos árabes empunhava uma espada em cada mão.

Era um exagero, e para Amber, que nunca gostara de atenções exageradas, um incômodo.

– Oooh, isto é tão ridículo e irritante!

– Concordo plenamente. Mas podia ser pior. Khaled podia estar montado num elefante cheio de pinturas e tapeçarias coloridas!

Amber deu uma risada.

– Jake! Os elefantes são da Índia! O sheik poderia, no máximo, estar montado num camelo! Cheio de pinturas e tapeçarias coloridas.

Jake jogou a cabeça para trás, rindo alto. Coincidentemente Khaled voltou um olhar na direção deles naquele mesmo instante, e Jake acenou com as pontas dos dedos, de um modo afetado, com um sorrisinho tolo e artificial na face. Khaled entrecerrou as pálpebras, aborrecido, e virou-se bruscamente para frente outra vez.

Amber riu alto, pousando a mão no ventre. Jake fitou profundamente o movimento sobre a barriga, imaginando um pequenino Cunningham ali dentro.

Ela acompanhou-o o olhar.

– Jake...

– Sei que é complicado, Amber, mas não a desposarei apenas por isso.

– Por que é o certo, porque me tirou a virgindade, por que fui desonrada... Não precisa repetir. Entendi da primeira vez.

– E mesmo assim não concorda.

– Porque como você mesmo diz, é complicado.

Jake não diria mais nada. Não ali. Teriam uma viagem de navio pela frente, com longos dias e noites. Nesse íterim a convenceria de que era o homem certo para fazê-la feliz.

Haviam chegado ao local onde embarcariam. Jake abriu a porta da carruagem, e ofereceu sua mão

a Amber, galante.

Os soldados perfilaram-se, formando um corredor para que Amber e Jake se aproximassem do atracadouro. Ao final dele Khaled os aguardava, com expressão contrita.

Parando diante da senhorita Stewart, ele levou a mão ao peito:

– Milady, desejo-lhe boa viagem. E espero que guarde em suas memórias um pequeno espaço para este seu fiel servidor e amigo.

– Sim, o farei, e agradeço-lhe muito o apreço e a preocupação, alteza. Lamento que precisasse fazer esta jornada por causa de um mal entendido.

– Eu não lamento. Como sabe, gosto de conhecer o mundo, e sua terra é bastante interessante.

– Se é assim, sinto-me melhor e minha consciência se apazigua. Bom retorno ao lar, meu senhor. – Amber flexionou levemente os joelhos, numa reverência delicada.

O sheik inclinou-se para o cumprimento formal, tocando o coração, a testa, e acima da cabeça. Jake revirou os olhos.

Então Khaled voltou-se para Jake.

O libertino ergueu o queixo, aguardando.

O sheik fez uma mesura breve antes de falar, numa voz muito baixa, apenas para que Cunningham escutasse:

– Confio que fará o certo.

– Não há duvidas quanto a este ponto.

– O certo para a dama, e não para você.

Jake deu um passo à frente, invadindo o espaço do estrangeiro e fazendo-o colocar-se em guarda perante a aproximação alarmante.

– Tem sorte de estar no meu território, e não no seu, sheik Khaled.

O outro teve a audácia de sorrir.

– E por quê?

– Porque se fosse eu a portar uma cimitarra, ela *já* teria zunido.

Afastando-se antes que cedesse à vontade de esmurrar Khaled, e com isto aborrecer Amber, pôs uma mão às costas dela, à altura de sua cintura, num gesto que demonstrava intimidade e posse, e conduziu-a até as tábuas que formavam a prancha de acesso à embarcação que os conduziria à Itália.

Enquanto subiam percebeu que Amber havia colocado rapidamente uns óculos no rosto. Oh, senhor... Conseguiu ser ainda mais feio que o anterior.

– Onde conseguiu esta monstruosidade?

– Luciane me deu. – Ela sorriu, satisfeita.

– Diabinha...

O cabelo estava preso em um coque bem no alto da cabeça, e então Jake entendeu porquê. Amber não queria nenhum tipo de problema na viagem. Quando estivessem casados, isto também acabaria. Não haveria mais disfarces, e nenhum homem se atreveria a aproximar-se dela. E ele, como marido, poderia esmurrar quantos narizes interpusessem-se em seu caminho, sem que isso pudesse se transformar numa grande confusão ou uma desavença entre dois países.

O capitão Alexander Fiennes os aguardava na amurada, onde a prancha findava. Era elegantemente longilíneo, e possuía uma face aristocrática e austera, que observava os movimentos acontecidos abaixo com concentração. Sem sequer cumprimentá-los ele falou, numa voz tão fria quanto seu olhar:

– Então este é o sheik... Se ele tentar subir à bordo, lhe darei voz de prisão em nome de Sua

Majestade.

– Não se precipite, Alex. Não vamos causar um incidente diplomático por causa de um homem apaixonado.

Jake pensou, intimamente, que poderia estar falando tanto de Khaled como de si mesmo.

Alexander finalmente voltou o olhar para Jake e Amber, com um sorriso caloroso.

– Uhuuu... *Apaixonado*. Pobre homem, não vamos castigá-lo por isso.

O capitão avaliou discretamente a jovem que era pivô de toda aquela pequena comoção no porto, e pareceu um pouco decepcionado.

Jake achou ótimo. Pelo menos não precisaria se preocupar que o capitão se desfizesse em atenções exageradas para com Amber.

– Esta é a senhorita Stewart, capitão Alexander Fiennes.

– Encantado, senhorita Stewart. Bem vinda a bordo. Onde está sua dama de companhia?

– Infelizmente ela não estava em condições de seguir viagem conosco.

Alexander piscou, lançando um olhar questionador para Jake, enquanto os acompanhava pelo convés, deixando a seus subordinados a tarefa de receber o restante dos passageiros.

Jake ergueu um dos lados do ombro, demonstrando que isto não era importante.

O capitão olhou ao amigo com desaprovação. E voltou sua atenção para a senhorita Stewart.

– Compreendo. Mas não se preocupe, então. Não permitirei que uma donzela viaje sozinha em meu navio. Eu a colocarei numa cabine com a filha dos Laurens. Farão companhia uma à outra.

Jake teve ganas de pegar a cabeça de Alex e bater aquela cara, que tanto agradava às mulheres, várias vezes na mureta do navio, até que ele pedisse clemência. Mas que inferno! Suas noites nos braços de Amber acabavam de ser-lhe negadas, de forma mais traiçoeira! Partindo de um amigo a quem já havia apresentado as mais belas cortesãs! Como ele podia aprontar-lhe uma dessas?

Amber, por sua vez, tinha um sorrisinho muito sonso na boca. *Diabinha...*

Respirou fundo para não reclamar e assim arruinar a reputação de Amber na embarcação. Alexander não poderia adivinhar que tinha diante de si um casal de amantes, e tentava apenas ser agradável com a pessoa a quem seu velho amigo precisava escotar.

Agradecendo a gentileza, foram conduzidos às suas acomodações.

Decidido a conquistar Amber de forma definitiva, Jake disse a si mesmo que se não poderia valer-se das noites entre o Atlântico e o Mediterrâneo para seduzi-la, os dias seriam usados para isso. Ele a cortejaria e garantiria seu lugar junto a ela para o resto da vida de ambos.

Amber estava adorando a viagem. Depois da tristeza que fora seu regresso ao Reino Unido, com uma acompanhante soturna e sem saber o que a aguardava do outro lado do litoral, ela estava refastelando-se com a companhia animada que formara-se neste cruzeiro. A senhorita Sonia Laurens, com quem dividia a cabine, uma jovem doce, de 16 anos, foi a primeira amizade que fez. E em seus passeios pelo convés, na companhia de Jake, teve contato com outros passageiros, e com os filhos e filhas destes, crianças inteligentes e ativas, que logo se entediaram com o confinamento a elas imposto. Tomando para si a tarefa de entretê-las para que todos aproveitassem o percurso, Amber formou um pequeno grupo que a acompanhava todas as manhãs para conversas, brincadeiras, e explicações criativas e divertidas sobre matemática, geografia, história e arte, todas relativas à Itália, Reino Unido, e transporte marítimo. Muitas vezes as narrativas da senhorita Stewart eram tão interessantes que os adultos colocavam-se à volta das

crianças para escutá-la.

As tardes eram guardadas exclusivamente para Jake. Faziam as refeições juntos, no restaurante do navio, e havia sempre alguém por perto, mas o advogado conseguia manter um clima romântico entre eles, mesmo assim. Sua corte era suave, aprazível e a deixava sempre com o coração descompassado, ansiando por mais. Nos raros momentos em que viam-se sozinhos, ele roubava dela beijos rápidos, quentes e prazerosos, que escondiam promessas de noites ardentes e paixão feroz.

A cada minuto Amber via-se mais apaixonada, a cada minuto suas razões para dizer não àquele homem iam ruindo, pedra por pedra, e a vontade de construir um futuro sozinha dava lugar ao desejo de entregar sua vida à ele, refazendo seus sonhos e ideais, onde cabia um marido encantador, filhos adoráveis, casa com jardim, e animaizinhos de estimação. Um lar completo, como ditavam seus já enterrados anseios de menina, formados quando ainda pensava que o mundo adulto seria simples e seu, antes que as colegas mais velhas e cruéis lhe informassem que nada daquilo seria fácil para ela, e seus pais confirmassem esta verdade, levando-a para um lugar onde suas opções eram ainda menores. Amber tinha esperança. E ela aumentou ainda mais quando Jake tomou-lhe a mão diante de um entardecer particularmente belo acontecendo diante de seus olhos.

– Estive pensando muito, Amber, e tracei alguns planos para conseguir sua escola e torná-la um sucesso. Eu a apoiarei e estarei com você sempre que precisar, assistindo-a juridicamente, e dando-lhe o suporte que o nome dos Cunningham poderá garantir-lhe no Reino Unido. Teremos também o respaldo do duque de Tyrone, meu tio por parte de mãe, ele adora envolver-se em novos empreendimentos. Asseguro-lhe, Amber, verá seu sonho realizado.

Amber perdeu a fala. Tantos dias passaram juntos e Jake nunca tocara naquele assunto... Ela realmente supunha que ele nem mesmo cogitasse sua importância. E se ele importava-se... Poderia ele também gostar dela? Um dia talvez vir a amá-la? A possibilidade de viver este amor era maravilhosa demais para desperdiçar.

– Jake... Você... Poderia mesmo? Quero dizer... Tem um lugar nesta sociedade onde uma posição é tão difícil de ser conquistada... Meu pai dizia... Oh... O quanto era difícil para alguém sem um título ser aceito e respeitado... E você conseguiu... Bem... E se tivesse uma esposa professora, ou diretora... Uma esposa que *trabalha*... Isso não acarretaria falatórios? Não poderia perder clientes? E prestígio?

Jake sorriu-lhe, curvando-se para depositar-lhe um beijo na ponta do nariz, e retirar-lhe os óculos feios.

– A vantagem de unir-se a um homem comum é que posso e farei tudo que quero. E tudo o que mais quero é fazê-la feliz.

Amber o abraçou fortemente, num ímpeto. Sem palavras que precisassem completar aquele quadro, mantiveram-se assim, até que um dos marujos viesse chamá-los para a refeição da noite.

Alexander aproximou-se da mesa ocupada por Jake e Amber, com um pequeno pacote nas mãos. Pedeu licença e sentou-se, lançando um olhar longo e surpreso para a senhorita Stewart. Ela não usava seus óculos. E como estava, além disso, muito feliz, resplandecia, tornando-se bastante apetitosa aos olhos masculinos. Jake riu, bem humorado.

– Feche a boca, Alex.

O capitão percebeu sua indiscrição e voltou-se para Jake, pigarreando.

– Perdoem-me. Jake, preciso pedir-lhe desculpas por uma falha cometida. Antes do embarque chegou-lhe esta correspondência, mas meu pessoal perdeu-a entre outras bagagens, fazendo com que

fosse parar entre os pertences de outro passageiro. Um de meus tripulantes desfez o erro agora, e vim enfim entregar-lhe o que é seu, com um atraso de alguns dias. Lamento muito o equívoco, e espero que não seja nada urgente.

Jake fitou o pacote. Fora enviado por seu pai. Certamente mais alguma papelada sobre os Stewart, a ser anexada aos documentos do espólio, ou alguma informação pertinente ao ramo italiano da família de Amber. Não preocupou-se. Agradecendo a cortesia do amigo, permitiu-se desfrutar do prazer de uma refeição ao lado da mulher a quem amava, e que finalmente o aceitara.

Já em sua cabine, cantarolando como há muito não fazia, Jake sentou-se para abrir a embalagem que recebera. Antes parabenizou mais uma vez a si mesmo. Já no primeiro dia da viagem vira Amber em ação entre as crianças. Ela havia nascido para fazer aquilo! Jamais poderia tirar dela o prazer de passar informação, de educar. Depois desta consciência, tudo ficou absolutamente claro! Sendo carinhoso e apoiando-a verdadeiramente, baixaria suas defesas e a conquistaria, sendo aceito como marido, sem mais brigas. Como não percebera o quanto o entendimento entre ele e sua Stewart era simples? Abriu a caixa e encontrou dentro dela alguns papéis. Puxou-os, preparando-se para uma leitura maçante, e percebeu uma outra caixa, menor, abaixo deles. Sua voz murchou até o canto calar-se por completo. Um súbito mal estar o atingiu. Voltando sua atenção para a carta em sua mão, leu-a apressadamente, recurvando-se mais e mais a cada linha.

Era outro homem ao final da leitura.

Sua alegria havia acabado.

O que a missiva dizia, a grosso modo, era que os duques de Tyrone haviam partido para a Irlanda, onde tiveram a confirmação de que seu filho estava morto. No entanto, o casal jamais conseguira retornar para sua casa. Um terrível acidente acontecera. Enquanto Jake atravessava o Reino Unido com Amber, seu pai atravessava a fronteira para recuperar os restos mortais dos cunhados, para que tivessem um sepultamento digno no mausoléu da família. Agora o título ducal de Herbert precisava seguir para o parente de sexo masculino mais próximo.

Como Gabriel Cunningham não era parente consanguíneo de Herbert, mas sua esposa sim, seus filhos entravam, desse modo, na linha direta de sucessão. E Jake, sendo o primogênito, tornava-se, agora, o novo duque.

Ele largou os papéis na mesa. Deslizando em sua cadeira, apoiou a nuca no encosto, com rosto virado para cima, fitando o nada.

Jake estava perdido. Dizer que as notícias o haviam abalado seria eufemismo. Como poderia lidar com aquilo? Estimava seu primo, mas ele havia partido tantos anos em busca de novas e perigosas aventuras pelo mundo, que sua lembrança tornara-se vaga e distante. Ficava tempos sem dar notícias e reaparecia com alguma pequena nota para os pais, até que o contato encerrou-se de vez. Todos desconfiavam que Colin encontrara o que tanto buscava, e a notícia de sua morte não era de surpreender. Mas seus tios... Eram ainda relativamente jovens, saudáveis, cuidadosos. Havia muito para viverem ainda. Por esta razão Jake nunca considerou seriamente ser o sucessor do duque. No ano anterior tia Pam até pensara estar grávida! E a prima Penelope, filha deles, casara e engravidara. Tivera uma menina, mas a próxima vez poderia ser um garoto. Logicamente Jake nunca seria duque.

Logicamente.

Mas não havia lógica na maior parte das coisas que a vida fazia.

Havia sim, muita ironia.

Dias antes o sheik havia cobrado de Jake um título. Acusara-o de arruinar Amber de modo terrível, afastando-a da família, ao roubar-lhe a chance de fazer um casamento digno, com algum nobre, e assim recuperar o lugar de direito que fora negado à sua mãe. Era engraçado que agora possuísse um título que o deixaria acima do conde Di Olinto, garantiria a benção dele, e devolveria a honra que os italianos julgavam ter lhes sido retirada por um infame inglês. O casamento com um Tyrone seria a coroação de Amber.

O casamento com um Tyrone seria o fim dos sonhos de felicidade para eles.

Um duque não era um homem comum.

Um duque não era um advogado.

E uma duquesa não era uma professora.

Com a cabeça latejando e os olhos ardendo de modo terrível, Jake abriu a caixinha que ficara intocada sobre a mesa. Era, como previra, o anel ducal.

Rolou-o nas mãos algumas vezes, sem colocá-lo no dedo. Encostando a testa na mesa, Jake chorou.

A manhã seguinte devia ser uma manhã maravilhosa, mas o que sentia era, no momento, o pior que lhe poderia acontecer. Amber levantou-se, desolada, e foi lavar-se. Tivera esperanças... Desejara que... Bem, agora já não importava. Ela deveria ter imaginado que tudo estava perfeito demais. O destino não permitiria tanta alegria por muito tempo. Apenas não esperava que durasse tão pouco...

Teria que conversar com Jake. Desejava que Deus lhe desse forças.

Jake mal conseguira dormir. Precisava falar com Amber. Queria contar-lhe o que teriam a enfrentar, e queria dar a ela uma opção antes de um passo definitivo. Ela merecia saber o que estava acontecendo e merecia participar da escolha dele. Tinham apenas mais dois dias antes que o navio atracasse no litoral italiano.

Seguiu até o local onde ela se reunia diariamente com as crianças. Ansioso como estava, ficaria por perto até que as brincadeiras e lições se encerrassem, quando então poderiam conversar.

Era a senhorita Laurens quem estava com as crianças dessa vez.

Foi informado de que Amber não se sentia bem disposta, e estava no salão de chá do navio. Correu à sua procura.

O salão estava praticamente deserto.

Amber estava sentada numa mesa de canto, solitária.

Jake diminuiu o passo ao avistá-la.

Reclinou-se para dar-lhe um beijo, e teve um mal presságio quando ela virou a face para que os lábios dele tocassem-lhe apenas a bochecha. Queria crer que sua atitude se desse por uma questão de decoro. Puxou uma cadeira e sentou-se. Não gostava de volteios, e como estava desesperado por colocar Amber a par de tudo que estava acontecendo, Jake contou a ela sobre sua família, seus tios, os duques, a

inconsequência de seu primo Colin, e finalmente, sobre a carta que recebera.

– Preciso que você saiba, Amber, que pode ser uma duquesa e assim agradar sua família. Com este título nada lhe será negado. Eles darão a herança de sua mãe sem pestanejar, e sua avó cumprirá a parte no acordo que beneficiará você. Claro, esta parte financeira é apenas uma forma simbólica de recuperar seu lugar junto à sua família. Você não precisará de nada disso para obter sua escola. Com ou sem título eu tenho condições de arcar com as despesas para a inauguração. Após o casamento, eu abdicarei, e poderemos nos dedicar totalmente à sua empreitada.

Amber acompanhava tudo que Jake dizia com olhar surpreso, e apenas o movimento de suas sobrancelhas dizia alguma coisa. Mantinha-se totalmente silenciosa.

Não voltara a colocar os óculos que Jake havia retirado na véspera. Havia soltado os cabelos parcialmente, usando apenas uma presilha em cada lado, para evitar que lhe caíssem aos olhos. Ele não imaginava que o penteado solto havia sido escolhido porque a cabeça dela doía demais para que pudesse manter grampos apertados.

Ela se permitiu alguns minutos de plena admiração ao amado. Era belo, ah, se era... Mas era ainda mais generoso, seu Jake... Só que não era seu Jake de verdade, lembrou-se, então. E depois dessa notícia... Se já não houvesse decidido liberá-lo completamente da necessidade de casar com ela, o faria agora. Ele era um duque! E abriria mão dessa honraria, de obter o maior título de nobreza do Reino, abaixo apenas do príncipe e do rei, por ela, apenas para que pudesse exercer seu desejado cargo de diretora de uma escola... Não. Jake deveria guardar toda sua bondade para a mulher que amasse, e Amber não lhe tomaria isso. Esperava estar apta para conseguir falar sem chorar diante dele, já que chorara tudo o que podia ao raiar do Sol, então inspirou e expirou algumas vezes, com discrição, antes de falar:

– E o que aconteceria se abdicasse, Jake?

– O título iria para Chris.

A voz de Amber era muito suave ao prosseguir. O mesmo tom que usava para lidar com crianças, reconheceu ele.

– Para o coronel? E ele teria que abrir mão de sua posição como militar?

Jake assentiu. Seu coração estava acelerado. Não queria pensar nisso. No que seu irmão faria com o título. E nem queria imaginar o que Amber estava pensando nesse momento.

– Ele também poderia abdicar – apressou-se a explicar.

– E então...?

Jake engoliu em seco.

– O título iria para seu primogênito.

A face dela expressava ainda mais suavidade que sua voz, ao fitá-lo com tamanha ternura que Jake sentiu seus olhos começarem a arder.

– Jake... Ivan e Anthony são gêmeos adoravelmente unidos. Sabe o que aconteceria quando *um* deles recebesse o título? Oh, sim, que sabe. Eles passariam a receber tratamentos diferentes, possivelmente teriam que ser separados para que o duque fosse preparado adequadamente para assumir suas funções assim que pudesse. Toda a união e camaradagem que existe entre eles acabaria. E sabe o que ainda poderia acontecer? Ciúmes, inveja, rancor... Cobiça. Toda a estrutura amorosa que eles têm poderia ruir...

Jake sacudiu a cabeça, suas mãos buscaram as de Amber, mas ela as retirou de seu alcance.

– Não permitirei que seja o responsável pela ruína de sua família, Jake Rae. Não por minha causa.

– Não, Amber...

– Sim, Jake. Sabe que estou certa. Sabe que não pode abdicar. Está obcecado por provar sua

honra, mas não é necessário nada disso. Sei que é honrado, sei que é um homem bom.

Ela o estava deixando... Não! Não agora que aceitara-lhe como noivo. Não agora! Agarrou-lhe as mãos, forçando-a a encará-lo.

– Amber, precisa casar-se comigo.

– Não, não *preciso*. Não há filho nenhum, Jake. Me vieram as regras.

Um soco na boca do estômago talvez o atingisse menos. Bile subiu-lhe a garganta e ele afrouxou as mãos, libertando Amber. As mãos dela deslizaram pelos dedos masculinos bem devagar, sentindo pela última vez sua quentura e contato.

Amber colocou-as sobre o colo, unidas numa tentativa de apreender o calor de Jake por mais tempo.

Ele levantou-se, buscando ar na escotilha mais próxima.

– Está mentindo.

– Juro-lhe, Jake. Vieram esta manhã. Não precisa mais preocupar-se. Nada o prende a mim, e não lhe cobrarei nenhuma reparação.

Então era isso?

Quando conseguira finalmente fazer com que Amber o aceitasse irrestritamente, tudo se esvaíra?

Ela também levantou-se.

– A viagem está chegando ao fim, senhor Cunningham. E sua obrigação para comigo acaba no próximo porto.

Dito isso, partiu, deixando Jake sozinho, ainda com a respiração irregular, no canto do salão vazio.

Capítulo 20

Um pé após outro, um pé após outro. Amber precisava forçar-se a andar. A vontade de chorar retornou, embora houvesse pensado, mais cedo, que suas lágrimas tinham acabado. Seu rosto todo doía, seu peito apertava, e quando o pranto chegou, havia somente borrões disformes à sua frente. Solto um soluço alto, e pensou, pela oscilação que a sacudiu, que lhe faltava o chão. Desorientada, seguiu adiante sem saber para onde. Queria fugir. Queria correr. Queria, mais do que tudo na vida, estar em terra firme para que a distância a afastasse de Jake, da dor, do amor.

– Amber!

Ela continuou andando.

– Diabinha!

Jake chamou mais uma vez.

– Amber. Meu anjo. Pare!

Ela estacou.

– Pensou que me deixaria, Amber? Que eu a deixaria ir? Não, não será assim tão fácil.

Amber voltou-se, lentamente, lutando contra a dor que sentia. Estava no convés, percebeu. Piscou algumas vezes, notando algumas pessoas espalhadas por ali. Meu Deus... Sua vergonha seria pública.

– Jake, por favor, não faça isso...

– Amber, precisamos esclarecer uma coisa de uma vez por todas.

Ele aproximou-se mais.

– Não quero desposá-la porque a julgo frágil demais para viver sem mim, nem para compensar todas as vezes em que procurei seduzi-la. Quero casar-me com você, Amber Stewart, porque a amo. Porque é o meu Sol que surge a cada manhã, e é minha Lua que brilha no céu a toda noite. É a alegria de todas as minhas tardes, e a esperança de dias melhores para minha vida. Quero que case-se comigo para que me salve, me resgate, me liberte, me apóie, e me lembre, sempre, que sou falho, tolo, e um irremediável apaixonado pela mulher mais teimosa, brigona e encantadora que existe no mundo todo!

Amber pôs a mão na boca, e tremulou. Jake segurou-a rapidamente, temendo que caísse. Olhou-a bem de perto, analisando seus olhos, e enxergando a verdade neles. Ela o amava. Ela o amava!

– Amber Stewart... Acho que você gosta de mim.

Ela assentiu, debilmente. Fungou alto, fazendo Jake rir.

Com cuidado limpou as lágrimas dela, usando as pontas dos dedos. Em seguida, abaixou-se, tocando um dos joelhos no chão.

– Por favor, faça-me feliz, case-se comigo! E, se você puder, Amber, por favor, me ame para sempre.

Um coro de “ooooohhs” soou a volta. Amber deu uma risada, entre lágrimas e soluços.

– Sim, Jake, eu digo sim. E digo *para sempre*.

Palmas acompanharam o movimento de Jake enquanto erguia-se e punha o anel ducal no dedo de Amber. Piscando-lhe um olho, abraçou-a, trazendo-a para junto de seu peito e depositando o mais casto dos beijos nos seus lábios.

– Resolveremos todos os problemas que surgirem, Amber. Para tudo dá-se um jeito.

Capítulo 21

– Tem uma licença especial com você? – Amber não acreditava.

Jake era todo sorrisos.

– Tenho.

– Onde arrumou isto?

– Segredos de advogado.

– Rá! Se pensa que poderá manter segredinhos de mim, está enganado. Acorde, senhor duque!

Jake riu mais alto. Alguém havia lembrado de um reverendo a bordo, e o capitão do navio se prontificara para intermediar o pedido de celebração das núpcias, em alto mar.

Alexander aproximou-se de onde eles estavam, com expressão bem humorada. Ergueu o rosto para receber uma lufada do vento marítimo, antes de anunciar, animadamente:

– Conseguirei que o reverendo faça o casamento antes do desembarque, mas só se eu puder conduzir a noiva.

– Você? Pondo as mãos da minha noiva? Nem pensar. E não esquecerei, jamais, que colocou-a numa cabine com outra moça, para evitar que eu a seduzisse!

– Jake! – Amber gritou, horrorizada.

– Ah, o que é, Jake! Eu nem imaginava que você estava de olho na senhorita! Pensei estar praticando uma boa ação! – Defendeu-se o capitão.

– E estava! Fiquei feliz em dividir a cabine com Sonia Laurens. Muito obrigada mesmo. – Amber colocou-se entre os dois homens, apressadamente.

Jake deu de ombros.

– Mete-se onde não é chamado, isto que dá!

Amber cobriu o rosto, envergonhada.

– Que modos, Jake Rae!

– O que? Diabin... Digo, meu anjinho, não se deixe enganar. Este homem de uniforme aqui é um dos piores canas...

– Jake! – Amber berrou mais uma vez.

Alexander começou a rir.

– Vai ficar rouca assim, milady! E não se preocupe, não permitirei que entre em seu casamento sozinha, eu a entregarei ao noivo. – Alex curvou-se numa graciosa mesura.

– Eu ficarei extremamente grata. Mas não casarei no navio... Vou me apresentar aos meus parentes como solteira, e ao duque como meu noivo.

Jake remedou-a baixinho, torcendo o nariz, e fazendo Alexander gargalhar.

Assim que o capitão os deixou, Jake voltou-se para Amber.

– Deveríamos nos casar já! Eu não cobraria a noite de núpcias agora, sei que com as regras

poderia não ser confortável para você...

Amber o enlaçou pelo pescoço.

– E eu já o avisei que não é só por isso...

– Ahn... Certo. Mas... Quantos dias mesmo demoram suas regras?

– Jake! Pare, isto é constrangedor... – Ela retirou os braços do pescoço dele e deu-lhe as costas, afastando-se rápido.

Jake a seguiu.

– Ah... Mas é que... Você sabe... Eu provavelmente nem me importaria se...

Amber acelerou o passo, quase correndo pelo tombadilho, com Jake em seu encalço.

– Quietos! Pare! Você é o advogado mais assanhado e o mais patife que já vi na vida...

Jake apressou o passo também, atrás dela.

– Querida, agora sou o *duque* mais assanhado e patife que já viu na vida! E não me faça correr!

Amber estava ansiosa quando se dirigiram à mansão de seus avós. Por todo o percurso da carruagem Jake a havia distraído com narrativas sobre seus amigos Tristan e o marquês de Brighton, e também sobre Christian. Contara-lhe que inicialmente o marquês se interessara por Juliet, a agora esposa de Tristan, mas que logo conheceu Suzanne, a prima de Jake, e se apaixonou perdidamente, lutando para conquistá-la e para ser aceito pela família Cunningham. Disse-lhe que Robert, o marquês, era um dos libertinos mais infames do Reino Unido, e que seu melhor amigo era o visconde de Alvoy, atualmente também conde de Attwood, e que tentara se interpor entre Chris e Luciane.

Amber ouvia tudo atentamente. Os libertinos londrinos rendiam boas histórias...

– Esse lorde também se apaixonou por alguma prima sua, no final das contas?

– Não. Lorde Tim partiu para Índia faz alguns anos, e continua lá.

– Oh! – Amber condoeu-se do pobre homem. Ser rejeitado por quem amamos devia ser realmente doloroso. O amor dele devia ser imenso, se após anos não quis voltar. – O sofrimento dele deve ser tão grande...

Jake virou-se para ela, espantado. E estourou numa intensa e ruidosa gargalhada.

– Ele não está sofrendo por Luciane! Ele partiu ressentido, sim, mas não demorou muito para que tivéssemos notícias dele! O homem até casou-se!

Amber sentiu-se aliviada com aquela notícia, mesmo sem conhecer lorde Tim.

– Ah! Que maravilha! Isto me deixa feliz por ele!

Jake pegou a mão de Amber e fechou-a dentro da sua, olhando-a com carinho.

– Amber... é uma romântica, afinal.

Ela sorriu, e percebeu que o olhar dele parecia um pouco sombrio.

– Nunca pensei que fosse... Mas acho que descobri que sim. E... Porque esse semblante tristonho?

– É que... – Jake pensou melhor, e decidiu mudar de conversa. – Não importa. E então, acha que muitos parentes estarão aguardando-a na *vila* Di Olinto?

– Jake, está me preocupando. Há algo de errado?

Os olhos escuros cravaram-se nele. Imensos e brilhantes como estavam, lembraram-no de como pareciam as constelações no céu do Atlântico em uma das várias noites solitárias passadas no navio,

quando ele desejava dividir sua cabine com Amber, e não podia.

– Não é nada conosco, Stewart. Não se preocupe. – Jake alisou a mão dela. Sorriu, admirando como ficava o anel ducal no dedo pequenino. Assim que voltassem ao Reino Unido procuraria uma boa joalheria em Londres e escolheria uma peça mais delicada. Ou talvez encontrasse algo mais adequado entre as joias de Tyrone. Seus tios aprovariam, do céu que os protegia.

– Então o que é? – Amber colocou o rosto diante dele.

Insistente. Mais uma característica a atribuir a Amber. Não bastava ser brigona, teimosa, desafiadora... Certamente ainda teria muitas surpresas com esta mocinha... Ele estalou a língua.

– É sobre lorde Tim, bobinha, não sobre nós. Mas não quero falar sobre isso agora. Em outro momento contarei a história dele, pode ser?

– Oh... Se é algo triste, então agradeço por me poupar.

– Assim é.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

– Será que muitos parentes a esperam na *villa*? Lady Price afirmou que sua família era grande.

– É uma família grande, mas pelo que sei, vive espalhada. Possivelmente só encontraremos meus avós.

– Então farão uma festa em sua homenagem e reunirão a todos.

Amber deu um sorriso brando.

– Não sei. Embora sejam famosos por sua unidade familiar, sou a filha de Alessa, aquela que não aceitou a imposição paterna e foi repudiada. Não sei se me acharão digna de qualquer homenagem. E se disso depender que aceite calada falarem mal de meus pais, então também preferirei ser rejeitada.

– Não acontecerá. Mas se de tudo intentarem algum tipo de humilhação, estarei ao seu lado para rebater a injustiça.

Amber beijou-o.

– Confio nisso, meu herói libertino.

A carruagem parou. Havia chegado. Ambos respiraram fundo.

– Preparada? – Jake sorriu, incentivando-a.

– Sempre. Ou nunca. Tanto faz.

– Tal como eu. Vamos lá, milady. Encaremos os leões.

Jake desceu da carruagem, oferecendo-lhe a mão. O mesmo gesto, repetido tantas vezes durante aquela jornada, tinha maior força dessa vez. Amber estendeu o braço, e tocou com a sua a mão a oferecida, fechando os dedos nos dele e selando sua parceria.

O lar do conde era uma construção ampla, de linhas clássicas, muitas janelas, e tons claros. Acima dos telhados, sobre pequenas lajes, estátuas de mármore os observavam.

Um belo jardim barroco rodeava a propriedade. Entre os traçados labirínticos surgiam canteiros floridos, salpicados de borboletas coloridas. Reluzindo sob o Sol forte, as cores intensas dos insetos faziam pensar que as flores ganhavam vida e revoavam sobre o verde esplendoroso. Seguindo o caminho que levava à casa, Amber e Jake adentraram o santuário Di Olinto, para conhecer sua família.

Jake e Amber foram introduzidos à uma sala grande e arejada, com reluzente piso de madeira.

Sentada num canapé de forro vermelho estava uma elegante senhora. Em pé, numa pose que pareceria estudada se fosse qualquer outra pessoa, um bonito homem, de cabelos escuros e fartos, os

observava com intensidade. Ao lado deles, parecendo ter se erguido apenas um segundo antes, um ancião distinto apoiava seu peso numa bengala que Amber desejou ser forte o suficiente para mantê-lo firme em sua posição. Não precisou pensar muito para imaginar quem era quem naquela cena. Seu tio foi o primeiro a aproximar-se, em passos firmes e rápidos.

O visconde não era muito mais velho que Jake, ela comparou. Ou até que ela própria. Talvez uns 10 anos, quando muito, o que explicaria o fato dele não ter conseguido trazer a irmã de volta ao seio familiar, e tornava seu feito de ajudar a publicar o livro de Alessa um ato prodigioso.

– Sou Giuliano, vosso tio – apresentou-se, num inglês que soava cantado em sua voz.

Ele nem precisava dizer. Estava claro como água. Seus traços assemelhavam-se muito aos da mãe de Amber, e ela descobriu, com uma ponta de orgulho, de onde vinham seus olhos de tonalidade azul escura.

Giuliano aproximou-se mais, tomando o rosto da sobrinha nas mãos, erguendo-o para fitá-lo.

Seu olhar refletia toda a emoção que sentia ao deparar-se, pela primeira vez, com a filha da irmã que havia perdido.

– *Assomigli moltissimo tu madre.* – A voz do visconde era tênue murmúrio.

Amber havia aprendido um pouco de italiano com sua mãe antes que ela partisse, e o compreendeu. Emocionou-se com as palavras dele.

– Pareço-me tanto com ela, tio? Algumas vezes penso que sim, outras vezes... perco-me nas recordações, e duvido.

– Parece-se muito com ela. Não duvide.

Ele beijou-a na testa, demoradamente.

Então foi a vez do avô aproximar-se, num andar claudicante, mas ainda sim, com mais lepeidez do que ela esperaria.

– Sou teu nonno. E você... Chama-se Amber, não é? Tem muito de Alessa, *bella* Amber. Tão formosa como ela. – Os olhos dele brilharam, úmidos.

O conde tocou-lhe o rosto com as pontas dos dedos, circundado-o com leveza. Depois pegou alguns fios do cabelo de Amber, retendo-os e esfregando um dos cachos dentro da palma, como se certificando que fossem reais.

Por último a avó rodeou-lhe também. Abrindo espaço, e afastando os dois homens, pôs-se diante de Amber.

E abriu os braços.

E dentro deles, com o avô e o tio sorrindo-lhe ao redor, Amber se sentiu... *Acolhida.*

Demorou alguns minutos para que sua nonna a liberasse de seus braços. E assim que se recompôs, Amber pediu que Jake, que a tudo observara aprovadoramente, alguns passos atrás dela, se aproximasse.

– Este é meu noivo, Jake Rae Cunningham, duque de Tyrone.

Giuliano e os condes entreolharam-se, pasmos.

Capítulo 22

– Eles ficaram tão felizes. E tão orgulhosos por eu ter *fisgado* um duque.

Jake a fitou de esguelha. Ela o estava provocando. Mais uma vez. Resolveu dar o troco.

– Giuliano me confidenciou, achando muito engraçado, que seus avós já tinham providenciado uma lista de pretendentes nobres para você. Estragou os planos deles.

Amber virou-se para Jake, de boca aberta:

– Não! Está brincando!

– Estou lhe dizendo.

– Ora!

– Não precisa indignar-se. Eles ficaram satisfeitos com o *neto* duque que você *fisgou*.

– Não caçoe da minha família.

Jake deu uma risada.

A carruagem os levava do porto para Londres agora. A visita à Itália havia sido um sucesso retumbante, e após alguns dias sendo apresentados a parentes e amigos, Amber e Jake foram autorizados a retornarem ao Reino Unido. Já devidamente casados. Amber entrara na igreja de braços dados com o orgulhoso conde. Jake aceitara o casamento em território estrangeiro com a condição de celebrar os votos novamente quando chegassem a terras inglesas. Desejava que seus familiares tivessem um pouco de alegria, ainda mais após a triste perda que sofreram.

– Eles quiseram me tratar como neto. Não tive culpa. Mas compreendo. Sou adorável, realmente.

– Isso porque não sabem que Vossa Graça seduziu a neta deles numa espelunca de beira de estrada, numa noite de chuva torrencial.

Foi a vez de Jake voltar-se de boca aberta.

– Amber!

Ela deu de ombros, olhando pela janela.

– E você permitiu que pensassem que nos conhecemos no navio! – Jake apontou, arrancando a gravata e lançando-a sobre o casaco e o colete dobrados no assento contrário do veículo.

Ela acompanhou o movimento displicente dele. Não ignorou que o marido vinha despindo-se pouco a pouco desde que pegaram a longa estrada inglesa.

– Não planejei isso! Disse-lhes que me pediu em casamento no navio, e eles entenderam... Ahn... Um *pouquinho* diferente.

– Que seja! Eu lhe pedi em casamento tantas vezes nos últimos dias que nem sei mais qual dos locais vale de fato. Deixe que pensem qualquer coisa.

Amber cobriu a boca para encobrir seu riso.

– Vá, divirta-se às minhas custas. Seu tio não engoliu muito bem sua história.

– Certamente. Ele deve ter reconhecido muito dele mesmo em você.

Jake levou a mão ao peito.

– O que? Por quem me toma?

– Ah! Nem você e nem ele me enganam. Libertinos existem no mundo todo...

Jake debruçou-se sobre Amber, espremendo-a contra o canto da carruagem.

– O que me lembra... Esse libertino agora é seu marido. E deve satisfazer-me.

– Hum... E o que meu senhor quer?

Ele não hesitou:

– Sabe aqueles trajes femininos árabes, bem transparentes, com véus e lenços fáceis de soltar enquanto a mulher dança, balançando suas ancas?

Amber franziu as sobrancelhas rapidamente, e seus lábios se fecharam um instante, pensativos. Logo compreendeu.

– Quer dizer... Quer que eu lhe faça uma demonstração de... dança do ventre?

Ele animou-se, ondulando sua pelve contra a dela.

– Sim!

Amber deslizou os dedos pelas costas dele, correndo as unhas pelo tecido fino da camisa.

– Sou uma duquesa, querido. Não uma odalisca.

– É uma duquesa extravagante, que romperá paradigmas ao abrir e dirigir uma escola para meninas no Reino Unido. Pode ser o que quiser.

Ela o encarou, séria.

– Tem certeza disso, Jake? Tem certeza que dará certo? Sei que conversamos sobre isto nas últimas noites em Florença, mas... As pessoas vão falar...

– Claro que tenho certeza! Não pensei nisso logo, confesso, mas depois ficou tão óbvio! Uma duquesa tem poder e tem prestígio. E são os altos títulos que ditam as modas e fazem as regras. Muitas mulheres da sociedade irão admirá-la e provavelmente algumas irão até imitá-la.

Amber fazia círculos nas costas de Jake, com as pontas dos dedos, enquanto conversavam.

– Gostaria de ter a mesma segurança que você.

Jake balançou os ombros.

– E se quiserem falar? Saiba que foi por culpa de um falatório que hoje estou aqui, com você. Sempre se pode tirar algo bom de uma adversidade.

– Você precisa me contar melhor esta história...

– Contarei outro dia. Não respondeu se sabia a dança...

– É claro que sei as danças árabes!

– Vai me mostrar?

– Vou. Desde que se vista de sheik para assisti-las.

Jake afastou-se, cruzando os braços.

– Não teve graça.

– Claro que teve! Precisava ver sua cara

Amber riu. E de um jeito insinuante engatinhou sobre Jake, empurrando-o até que deitasse no assento. Beijou-lhe o pescoço, mapeando-lhe a pele com os lábios até chegar ao ouvido:

– Vou dançar para você, e mostrar de todas as formas que somente eu lhe sirvo, que deve pensar apenas em mim...

– Já fez isso, amor... Já se tornou única há várias semanas... – Jake sentia a carne tremer, enquanto murmurava e puxava as nádegas de Amber para que roçasse com mais energia contra ele.

– Vou fortalecer isto, a cada noite... – Os dedos dela desciam agora pelo estômago de Jake, acariciando e buscando um lugar ainda mais íntimo, abaixo do umbigo.

– Hum... Será algo como as 1001 noites, só que ao invés de histórias, serão lições de amor?

Amber deu uma risadinha baixa e sensual, enquanto abria as calças do esposo e o deixava ainda mais ansioso por seu toque.

– Muito mais que 1001 noites, habib, muito mais...

Epílogo

Lady Price lia o periódico avidamente.

– Mamãe, a escola de Amber está recebendo uma princesa! Oh, estou tão orgulhosa!

Lady Vere sentou-se perto da filha.

– Minha Amber sempre é notícia. A *duquesa excêntrica*... Ah, isto me aborrecia um pouco no início. Felizmente pararam de chamá-la assim.

– Agora eles a amam. Os jornais e revistas sempre noticiam seus feitos. E depois que tornou-se amiga da marquesa de Brighton, sua notoriedade aumentou.

– Sim, é verdade. – Lady Vere remexeu-se, cabisbaixa.

– Quando será que ela realmente nos perdoará? Até que o pequeno Nicholas faça dois anos? Ou até o nascimento do próximo filho? Não imaginava que ela fosse tão temperamental...

A senhora mais velha suspirou.

– Já estou satisfeita por Amber nos escrever algumas vezes. As cartas sobre seu casamento, sua gravidez e o nascimento de Nicholas, me comprazem.

– Lamento, mamãe. A culpa é toda minha. Eu que tive a ideia de ser o Cupido para Amber quando vi o senhor Cunningham, filho, chegar sozinho naquela carruagem...

– Querida, já disse muitas vezes que não deve se lamentar. Ao contar-me seu plano traçado tão rapidamente, e ao aceitar apoiá-la na hora em que solicitasse minha presença, ditei também minha sentença.

– Bem, acho que ela deveria agradecer-nos! Afinal, nós a fizemos uma duquesa! – Lady Price largou o jornal.

– Não imaginávamos que isto podia acontecer, Amanda. E creio que ela ressentiu-se mais de que eu a houvesse retirado da casa dos falecidos pais sem que ela pudesse despedir-se dos amigos adequadamente.

– Mas o que ela poderia querer? Que a deixássemos sozinha num lugar tão distante? Ora, francamente... Alessa e Elijah nunca nos perdoariam por deixarmos sua única filha à mercê da sorte, depois de ter uma família grande e poderosa na Europa. Ela precisava reencontrar seus avós.

– E graças a Deus isto deu certo. Temia por ela. O conde não foi nada generoso com a filha, e se descontasse a raiva na neta?

– A idade o fez mais sábio, certamente. E perder uma filha deve ter tocado seu coração. De qualquer forma, se o reencontro fosse desastroso, Amber teria ainda o amparo do senhor Jake, agora duque.

– Enquanto eles faziam a viagem rezei para tudo dar certo. Depois da explosão que vi nesta sala, entre eles, tinha dúvidas que a união planejada por você de fato aconteceria.

Amanda sacudiu a mão, rindo.

– Oh, quanto a isto, não me preocupei. Ao contrário, vi ali que meu plano funcionaria. E que uma

dama de companhia poderia estragar tudo...

– Arriscamos muito. Pobre Amber. Deve ter pensado que éramos loucas, por deixá-la viajar a sós com um homem. Um libertino, ainda para mais!

– Um bom homem, como sempre disse. Ele não tocou um dedo nas Wallace, e sabe disso, mãe. Mas ele até arcaria com a culpa, para evitar um escândalo maior. Eu via pelos olhos dele que estava resignando-se, e sofrendo por precisar pagar uma dívida que na verdade não contraíra. Esta atitude o salvou, e por isto decidi intervir, contando a verdade que havia descoberto, por sorte. A partir de então passei a observá-lo, e acompanhar suas peripécias. Nunca corrompeu uma moça de família. Jamais defendeu em tribunais alguém desonesto. Tampouco envolveu-se em duelos por questões duvidosas. Esteve junto com Brighton e Smith em várias campanhas para auxiliar os pobres de Londres. Sempre pareceu justo, e de bons sentimentos. Ele estava apenas à espera de uma noiva que lhe servisse.

Lady Vere assentiu.

– Muito mais indicado que o sheik.

– Penso que sim. Embora... Depois de tê-lo conhecido percebi que também era um homem decente.

– E também muito bonito!

A madrinha de Amber abanou-se.

– Mamãe!

– Oh querida, não seja boba. Sou velha, mas ainda enxergo muito bem!

As duas soltaram uma boa risada, e voltaram aos seus afazeres, debruçando-se sobre a mesa onde estava a lista com os nomes de várias moças solteiras.

– A quem vamos ajudar dessa vez?

– Bem, vejamos...

FIM

Table of Contents

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)